NA BORDA DO ETÉRICO

ARTHUR FINDLAY

TRADUÇÃO: AMADEU ANTÓNIO

CAPÍTULO 1

INTRODUÇÃO

Se alguém me puder convencer de que não penso corretamente, mudarei de bom grado, pois procuro a verdade, pela qual nunca nenhum homem foi prejudicado.

MARCUS AURELIUS

Tenho pensado muito e meditado longamente sobre as estranhas experiências que tive durante os últimos doze anos, experiências tão insólitas, tão alheias a toda a ordem aceite dos fenómenos da natureza, que compreendo facilmente a dificuldade que muitos terão em aceitar os meus registos como relatos verdadeiros e exatos do que realmente aconteceu. Só posso esperar que aqueles que tiveram experiências semelhantes aceitem, sem dúvida ou hesitação, aquilo que estou prestes a contar.

Sei que, se há treze anos me tivessem pedido para acreditar nestes relatos estranhos, teria achado impossível fazê-lo, mas nessa altura o meu desenvolvimento mental não estava suficientemente avançado para me permitir compreender o assunto. Então não entendia que estas manifestações psíquicas, que tive o privilégio de experienciar, são, como as outras manifestações da natureza, regidas por leis e governadas por ordem, e só quando o nosso conhecimento avança o bastante se descobre que esta nova ciência harmoniza com tudo o que já se sabe.

Como digo, tive experiências estranhas e maravilhosas, porque fui posto em contato com um mundo novo, um mundo que mesmo os maiores pensadores sobre o tema só agora começam a compreender. A minha posição foi singularmente privilegiada, pois há doze anos tive a sorte de conhecer o Sr. John C. Sloan, um dos médiuns mais dotados deste país, e, na sua presença, quando as condições eram adequadas, vozes completamente independentes do médium falaram comigo, afirmando ser de amigos que, na minha ignorância, eu julgava mortos. Essas vozes não são produzidas pelo médium e ocorrem não só quando outros estão presentes, mas também quando ele e eu estamos sozinhos.

Não são produzidas por qualquer meio de ilusionismo, e, após anos de reflexão, cheguei a acreditar que aqueles a quem chamamos mortos vivem como homens e mulheres num corpo etérico duplicado, e são capazes de manifestar novamente a sua presença neste nosso mundo material, tomando

emprestada ao médium uma certa excreção que emana do seu corpo. Isso permite-lhes, por algum tempo, materializar os seus órgãos vocais e assim fazer vibrar a nossa atmosfera.

É necessário, antes de mais, compreender claramente que o mundo etérico faz parte deste mundo. Que está à nossa volta. Que é material, embora constituído por uma substância demasiado subtil para ser normalmente apreendida pelos nossos sentidos; que aqui e agora somos seres etéricos revestidos por um corpo físico, e que a morte significa apenas a separação desse corpo etérico do invólucro físico.

O corpo etérico é o corpo real e duradouro, uma duplicação exata do seu homólogo físico. Quando isto é compreendido, torna-se mais fácil entender como, em certas condições que ainda não compreendemos plenamente, pode novamente revestir-se de matéria física e agir, sob o controlo da mente, de forma semelhante a nós. Enquanto prevalecer a ideia de que o espírito humano é algo da natureza de um sopro de vento ou de uma nuvem leve, sem forma nem substância, continuará a incredulidade entre os que acreditam que tudo o que existe pode ser visto e ouvido, e que nada existe fora do alcance do mundo físico.

Para que aqueles que outrora viveram neste nosso mundo físico possam re-materializar os seus corpos, compostos desta substância etérica mais fina, são necessárias certas condições. A primeira é a presença de alguém que possua uma superabundância da substância que, nos últimos anos, tem sido chamada ectoplasma ou teleplasma.

Qualquer que seja a palavra que venha a ser adotada é questão de pouca importância. Esse indivíduo é chamado médium, embora se creia que a maioria de nós possua esta qualidade mediúnica em maior ou menor grau, já que todos temos essa substância dentro dos nossos corpos. O médium reconhecido difere de nós apenas porque possui essa substância em grau mais elevado do que o indivíduo médio, sendo assim mais facilmente emprestada pelos homens e mulheres do outro mundo que dele se servem temporariamente.

No caso da "Voz Direta", a que me refiro agora, os melhores resultados ocorrem na escuridão, pois as vibrações da luz dificultam a consolidação suficiente desse ectoplasma para fazer vibrar a atmosfera.

Assim, embora eu tenha ouvido vozes à luz do dia, são mais fortes e melhor desenvolvidas no escuro ou sob luz vermelha, que não tem o mesmo efeito destrutivo da luz branca. Condições de calma e harmonia são igualmente essenciais, e o estado da atmosfera por vezes interfere nos resultados. Por exemplo, quando o ar está fortemente carregado de eletricidade, os resultados são fracos, sendo as melhores manifestações alcançadas em noites claras e frias de luar, quando a atmosfera não está demasiado carregada de humidade.

Mesmo nas melhores circunstâncias, as condições que tornam possível a fala são muito delicadas, e só pela experiência se podem obter os melhores resultados, mas, quando prevalecem, as manifestações são realmente extraordinárias. Vozes de todos os graus de cultura e entoação dirigem-se ao participante, e os seus timbres peculiares podem ser novamente reconhecidos como os do indivíduo quando vivia na Terra. O ceticismo do ouvinte pode prevalecer durante algum tempo, mas, se o seu desejo sincero for a verdade, a convicção é inevitável se a investigação for prosseguida.

O objetivo desta introdução é, em primeiro lugar, dissipar certos preconceitos e equívocos; em segundo lugar, salientar a nossa colossal ignorância do Universo; e, em terceiro lugar, sublinhar as grandes limitações dos nossos órgãos sensoriais. Devemos abordar esta nova revelação com mentes suficientemente plásticas para nos permitir reajustar as nossas opiniões e pôr de parte quaisquer ideias preconcebidas que tenhamos acerca do que é possível e do que é impossível.

Antes de prosseguir, contudo, deixem-me olhar para trás. A história da Igreja Cristã é típica de todos os movimentos, sejam religiosos ou políticos. Os que estavam em posição de autoridade proclamavam os seus ditames, e os que não estavam em posição de autoridade tinham de obedecer-lhes. Não estava nos interesses desses governantes melhorar o saber ou aliviar a ignorância do povo, e o povo era tão ignorante que nada mais podia fazer senão obedecer aos que detinham o poder.

Esse tempo é agora visto como a Idade das Trevas, mas, com a invenção da imprensa, a luz começou a brilhar na escuridão. Então as mentes dos homens começaram a crescer e a pensar. Em 1543, Copérnico publicou as suas descobertas e, a partir dessa data, uma nova visão começou a espalhar-se pela Europa. Começámos a compreender a nossa relação com o resto do universo. Depois veio Kepler, seguido de Galileu, Leonardo da Vinci, Bruno,

Newton, Darwin e muitos outros que transportaram a tocha do conhecimento e ajudaram a dissipar a ignorância dos seus tempos. Foram denunciados, excomungados e difamados, mas mantiveram-se no caminho da verdade e, hoje, vemos que todas as pessoas inteligentes aceitam as suas visões.

Foi por volta do início do presente século que começou a surgir uma mudança no pensamento científico, no sentido de considerar o homem não apenas como um ser físico, mas também espiritual ou psíquico. Isso foi provocado pela descoberta da constituição da matéria e pela aceitação gradual dos fenómenos psíquicos. No século XIX, a matéria era considerada composta por átomos, minúsculos pedacinhos que se juntavam para formar maiores ou menores massas, tal como um arroz-doce é feito de vários grãos de arroz.

A descoberta do Raio X levou a um exame mais aprofundado da constituição das coisas que vemos e resultou na extraordinária descoberta de que a matéria é composta pelo que se chama eletrões e protões. Estes não são substâncias no sentido em que entendemos a palavra. São tão diminutos que é impossível chegar até eles e, por conseguinte, a natureza e a constituição da matéria são apenas uma questão de inferência.

De que é, então, composto o universo material? Na verdade, não sabemos, mas há algo que o pensamento científico começou a compreender, e é que o universo real não é o universo físico. Nos dias anteriores a Copérnico, pensava-se que o sol, como a lua, girava em torno da Terra, que as estrelas eram pontos de luz pendurados de uma enorme cúpula, e o seu tamanho não era sequer concebido.

O autor do Génesis descreveu a sua criação em seis palavras como uma espécie de adenda: "e fez também as estrelas". Esta Terra era considerada o centro do universo; julgava-se que era plana, e que o espaço estava vazio exceto pelo sol, pela lua e pelas estrelas. É assim que uma criança descreveria hoje a Terra e o universo, e foi assim que os nossos antepassados os descreveram há quatrocentos anos. Encontramo-nos hoje num período de transição algo semelhante.

O indivíduo médio diria que o que vê, nomeadamente a Terra e tudo o que a compõe, é real, que o sol é uma massa sólida e real, e que o espaço está vazio exceto pelas estrelas e planetas. Isso, diria a maioria de nós, é uma maneira de bom senso de encarar tal questão. O que vemos e tocamos é real, o que não vemos nem tocamos é irreal. Mas, tal como a Terra gira em torno do sol e

não o sol em torno da Terra, também estamos a ser levados pela ciência a encarar o universo como algo completamente diferente do que parece, e a considerar um mundo invisível como igualmente real, e o visível apenas real para nós, habitantes de corpos físicos.

Deixa-me dar um exemplo do que quero dizer. Suponhamos que estávamos sentados numa igreja às escuras, nunca tendo visto a igreja, e que apenas podíamos ver várias luzes fosforescentes a mover-se lentamente em direções inumeráveis e diferentes. Todos diriam que as únicas coisas reais na igreja eram as luzes que víamos a mover-se. Essa é a nossa posição no universo hoje. Essas luzes representam as estrelas, o universo material, mas, quando a igreja é banhada pela luz do sol, as luzes que víamos tornam-se invisíveis devido à claridade do dia, que nos revela um aspeto inteiramente diferente.

Quando estamos sentados no escuro e olhamos para os pontos de luz em movimento, é o mesmo que olhar para o universo com olhos materiais. Quando estamos sentados no escuro pensamos que isso é tudo o que há na igreja, e que não pode haver nada mais, mas quando chega a luz do dia vemos o púlpito, os bancos, as janelas e as paredes; de facto, é uma visão totalmente diferente a que contemplamos.

Se duas pessoas escrevessem sobre o que viam, uma durante o tempo de escuridão e a outra à luz do dia, cada uma daria uma descrição absolutamente diferente, e, no entanto, seria a mesma igreja e tudo estaria no mesmo lugar. Nós, nos nossos corpos físicos, olhamos para o universo do ponto de vista de pessoas na igreja durante o tempo de escuridão. É por isso que uma explicação material do universo, baseada nos argumentos apresentados pelos materialistas, é imprudente, pois eles estão a considerar apenas o universo físico, enquanto o verdadeiro universo é o etérico, e a matéria física não passa de uma intrusão no que chamamos espaço, onde o verdadeiro universo existe.

O espaço é o verdadeiro universo. Pensamos que está vazio, mas está cheio de vida e crescimento, um mundo real e objetivo para os seus habitantes. É quando morremos e deixamos o corpo físico que olhamos para o universo do ponto de vista das pessoas sentadas na igreja durante o dia.

O ser humano é composto de corpo, alma e espírito. O corpo é o que vemos, a alma é a nossa mente, e o espírito é o nosso corpo etérico, que é uma duplicação exata do corpo físico. O corpo etérico mantém o corpo físico unido, e a morte é apenas a separação do corpo etérico do corpo material.

Este corpo etérico transporta consigo a mente ou alma, e então já não olhamos para o universo do ponto de vista material, mas do ponto de vista etérico. O mundo material deixa de ter importância, e o mundo etérico, o que chamamos espaço, é o único que conta. Pelo que sabemos da sua constituição, é permanente, enquanto o universo material está em constante mudança e decadência. No universo etérico não se encontra traço de decadência; tudo é constante e regular.

A mente do homem é algo de super-etérico, uma substância plástica que ninguém no corpo físico consegue explicar, mas que deve ser super-etérica porque funciona, guia e controla o corpo etérico após a morte. Se não fosse super-etérica, poderia ser danificada ou destruída por aqueles mal-intencionados no Mundo Etérico. Eles conseguem ver as imagens que ela forma na nossa testa; mas não podem tocá-la nem prejudicá-la. Exceto poderem vê-la a funcionar, está completamente fora do seu alcance.

O corpo etérico é o corpo que mantém unido o corpo material na Terra, e é provável que exista um corpo etérico para cada ser vivo. A mente não muda com a morte, mas apenas funciona em ambientes diferentes. O resultado é que apenas o caráter e a memória realmente contam, e a razão para continuar a desenvolver o nosso caráter deve receber um impulso quando se sabe que tal como nos desenvolvemos aqui, assim seremos no além.

A vida é algo completamente à parte da matéria física, pois pertence ao mundo etérico. Não sabemos porquê ou quando entrou em conjunção com a matéria física, mas houve um tempo remoto na história em que surgiu um organismo vivo. Foi então que a vida e o pensamento, na sua forma mais diminuta, nasceram, e a partir daí evoluiu o sistema complexo do corpo humano e de todos os seres vivos. Também não sabemos quando é que esta vida foi capaz de manter a individualidade; tudo o que sabemos é que, no que diz respeito ao ser humano, pode agora funcionar independentemente do corpo material.

O mundo material é transitório e passageiro, e a matéria tal como a vemos é a coisa menos importante do universo, embora para nós hoje pareça ser a mais importante. As coisas invisíveis são eternas; as coisas visíveis são temporais.

O século XIX acrescentou mais ao nosso conhecimento do universo físico do que todos os séculos anteriores juntos. Hoje o conhecimento cresce tão rapidamente que a mente torna-se incapaz de assimilar mais, e por vezes pensamos que atingimos o limite do que podemos aprender. Os cientistas do

século XIX ocuparam-se apenas da matéria física, e por isso passámos a pensar que só a matéria física existia. O conhecimento avança por etapas, e cada etapa é a base da seguinte. A base da ciência física foi, sem dúvida, bem e solidamente estabelecida, e a mesma lei e ordem descobrem-se em toda a parte onde há matéria física.

A matéria física, até tempos relativamente recentes, era considerada sólida, e os indivíduos eram tidos, por Haeckel e Huxley, e pela maioria dos cientistas do século XIX, como meras produções físicas cujos pensamentos e ações eram produzidos de forma puramente mecânica; tal como não havia espaço para nada fora do mundo físico, também não havia lugar para nada além do corpo físico. Tudo era matéria sólida, passível de ser vista, tocada e ouvida, e sujeita a certas leis bem compreendidas e imutáveis que governavam o universo. Na lenta ordem da evolução foi sem dúvida prudente que essa base do nosso conhecimento fosse tão cuidadosamente estabelecida, mas errámos ao pensar que tínhamos atingido os limites do saber e que nada existia para além dos nossos sentidos físicos.

A religião e a ciência nesses tempos eram polos opostos, enquanto a Igreja só conseguia manter dentro das suas fileiras aqueles cuja fé superava o conhecimento. Mesmo os credos teológicos acabaram por falhar em reter a maioria, e um fatalismo cego instalou-se na religião. A Igreja, tanto quanto o cientista, nada sabia do além, e o seu Céu era, como dizia o conhecido hino, "muito, muito distante", tão distante que o homem médio e pensante deixou de acreditar na sua existência. Quando acreditava, tinha uma noção nebulosa de uma nova Jerusalém, pintada em cores fantásticas, morada dos salvos, e de um Inferno igualmente nebuloso, morada dos condenados.

Nem a ciência nem a religião sabiam que existia em redor deste nosso mundo outro mundo de matéria mais subtil, onde aqueles que morriam entravam imediatamente, com um corpo etérico tão tangível e real como o seu invólucro físico, que regressava à Terra de onde viera. Só a fé sustentava uma luz baça e trémula, impulsionada por algum instinto infalível de que a morte não constituía o fim do homem, mas que este fora criado para desempenhar um papel maior algures no Grande Além. A fé, porém, não recebia qualquer apoio da ciência, que era olhada pelos crentes com temor e receio.

Se ciência e religião representam ambas a verdade, tal antagonismo só pode ser temporário, nascido da ignorância de ambos os lados. A aurora, contudo, começa a despontar, e a ciência conduz-nos agora a um novo dia. Está a

tornar-se parceira da religião, e vejo o tempo a chegar – e rapidamente – em que ciência e religião andarão de mãos dadas, unidas pelas descobertas feitas por aqueles que dedicaram as suas vidas ao progresso do conhecimento obtido pela investigação psíquica.

É da natureza do homem avançar e perscrutar cada vez mais fundo o mistério do universo. Assim o cientista continuou a sua busca e, pouco a pouco, descobriu que o "último" estava mais distante do seu alcance do que nunca, e que este mundo físico, que consideramos tão sólido, afinal não o é. Tal crença é uma das muitas ilusões que experienciamos todos os dias da nossa vida. A perspetiva do homem de ciência do século XX é vastamente diferente da do seu predecessor do século passado. Primeiro descobriu-se o átomo, depois o eletrão, e agora perguntamo-nos se atingimos a finalidade e se o eletrão é a base última de todas as substâncias.

Nos últimos vinte anos o desconhecido alargou-se e aprofundou-se; o Astrónomo, por um lado, com o seu telescópio penetra cada vez mais no espaço, e, por outro, o microscópio revela novos mundos que o olho físico, sem ajuda, é incapaz de perceber. Os físicos desintegraram a matéria e agora declaram que ela consiste em várias cargas elétricas. A sua solidez desapareceu, descobriu-se que está em constante vibração rápida, e que a distância entre os diversos eletrões que constituem o átomo é, relativamente, tão grande como a distância entre os vários planetas que constituem o nosso sistema solar.

Por fim, aqueles que se dedicam à nova ciência da Psíquica estão lenta mas seguramente a descobrir um novo mundo em redor de nós, até agora insensível, mas não menos real. Este mundo etérico, que se está a tornar cada vez mais uma realidade, é o tema deste livro, e é um tema que chamará cada vez mais a atenção à medida que os anos forem passando. Esta nova ciência, que hoje é a "Cinderela" de todas as ciências, ocupará a seu tempo o primeiro lugar, como a maior e mais importante de todas. Estamos no limiar de uma nova era de pensamento.

A posição que a ciência da Psíquica alcançou hoje deve-se àqueles pioneiros do passado que trabalharam incansavelmente nas suas investigações neste até então desconhecido domínio do pensamento. Enfrentaram as zombarias e o desprezo dos seus semelhantes, sabendo que os seus trabalhos assentavam numa base segura e certa. Durante a segunda metade do século passado, as suas descobertas receberam pouca atenção, mas, com o avanço

do presente século, o público até então incrédulo e descrente foi obrigado, pela constante acumulação de factos, a modificar a sua anterior atitude hostil. Consequentemente, encontramos hoje, especialmente entre a geração mais jovem, uma atitude muito mais simpática para com o assunto.

A esses primeiros pioneiros é devida toda a honra. Encontravam-se em todas as camadas da sociedade, embora fossem os homens de eminência notável os que mais sofreram com os abusos de um público ignorante. Entre os primeiros homens de eminência científica, Sir William Crookes e Alfred Russel Wallace serão sempre lembrados pela sua coragem e fortaleza ao proclamarem uma verdade nova, mas impopular. *Researches in the Phenomena of Spiritualism*, publicado por Crookes em 1874, permanecerá para sempre como um monumento à sua honestidade e coragem.

Entre outros homens célebres da ciência, que não tiveram vergonha de reconhecer o seu interesse pela Investigação Psíquica, mencionarei Lord Rayleigh, Sir Archibald Geikie, Sir J. J. Thompson, o Professor Gilbert Murray e o Professor William James de Harvard. Outro americano, o Dr. Hyslop, que dedicou a maior parte dos seus últimos anos ao assunto, publicou as suas descobertas em vários volumes, que possuem um valor especial devido ao cuidado com que os factos foram registados.

Na Europa, Lombroso e Flammarion, após anos de estudo, declararam a sua crença, não só nos fenómenos, mas também num mundo etérico e na comunicação entre este e nós. Richet, o famoso fisiologista francês, na sua grande obra *TRINTA ANOS DE INVESTIGAÇÃO PSÍQUICA*, aceitou os fenómenos, embora reserve ainda a sua opinião quanto à sua interpretação.

Contudo, ele já vai muito longe no caminho percorrido pela maioria dos investigadores, pois há alguns anos, escrevendo na **NATURE** sobre o tema da Ciência Psíquica, afirmou a sua opinião de que "a nossa inteligência é alcançada por forças que revelam factos que nem a visão, nem a audição, nem o tato poderiam revelar."

Esta lista de homens de ciência ficaria, no entanto, incompleta se não fosse feita referência a dois dos nossos maiores cientistas que se identificaram com o assunto mais do que quaisquer dos seus contemporâneos. Refiro-me a Sir Oliver Lodge e Sir William Barrett, ambos os quais tiveram a coragem das suas convicções nos primeiros tempos, quando acreditar na realidade dos fenómenos psíquicos era considerado um crime contra todos os princípios da ciência ortodoxa. Recordo-me bem do prazer que teve Sir William Barrett ao

proferir uma conferência sobre investigação psíquica perante uma audiência de milhares de pessoas no St. Andrew's Hall, em Glasgow, há alguns anos. Tive a honra de presidir, e ele mencionou-me, ao ver a sua audiência, que quarenta anos antes havia discursado, a partir da mesma tribuna, aos membros da British Association sobre a importância de investigar o então pouco conhecido tema da Telepatia, mas que não obtivera qualquer apoio.

O redemoinho do tempo, comentou ele com propriedade, tinha produzido uma mudança tão completa que não só tinha, naquela ocasião, diante de si uma vasta e simpática audiência e, na tribuna, vários professores universitários, como também o seu tema abrangia todos os fenómenos proclamados como verdadeiros pelos espiritualistas quarenta anos antes, e ridicularizados pela British Association daquela época. Sir William foi um dos fundadores da Society for Psychical Research e manteve o seu interesse até ao fim, pois no mesmo dia em que faleceu esteve presente numa das suas reuniões.

Manteve-se ativo e com espírito vivo até ao último momento. Cada ano que passava só reforçava as suas convicções, que se encontram admiravelmente expressas no seu conhecido livro *NO LIMIAR DO INVISÍVEL.* Sir Oliver Lodge, felizmente, ainda está entre nós e não perde oportunidade de proclamar as suas crenças. Pode agora usufruir a satisfação de ver o mundo intelectual sentado a seus pés, aceitando os resultados dos seus longos anos de investigação. Penso, no entanto, que ele é demasiado modesto para retirar prazer disso, embora dificilmente deixasse de sentir, como Barrett, que o redemoinho do tempo é responsável por muitas mudanças, sobretudo no mundo do pensamento. (Ver Prefácio à primeira edição.)

Noutros domínios da vida, W. E. Gladstone deve ser lembrado por ter emprestado o seu grande nome em apoio da Society for Psychical Research, da qual foi membro honorário durante muitos anos antes da sua morte. O Conde de Balfour, outro eminente estadista, foi presidente da Sociedade em 1893. O Bispo Boyd Carpenter, o Arcediago Colley, Sir E. Marshall Hall, Lord Tennyson, W. T. Stead, os pintores Watts e Leighton, Ruskin, R. L. Stevenson e Andrew Lang, entre outras figuras das artes e das letras, podem ser lembrados, mas o mais notável de todos, à parte os homens da ciência, foi indubitavelmente Sir Arthur Conan Doyle, que provavelmente fez mais do que qualquer outro homem para educar o público nas descobertas da investigação psíquica. Deve também ser feita menção a Sidgwick, Myers e Gurney, cuja coragem desinteressada e imparcialidade despertaram o

interesse da camada mais intelectual do público em questões psíquicas. Os estudos filosóficos do Professor Henri Bergson, presidente da Society for Psychical Research em 1913, foram sem dúvida largamente influenciados pelo seu conhecimento do tema e, por fim, referência deve ser feita ao Dr. Crawford, de Belfast, que fez mais do que qualquer outro para colocar os fenómenos observados numa base científica e em relação com os factos já conhecidos da ciência.

A investigação psíquica divide-se em várias secções. Uma, por exemplo, ocupa-se da telecinese, ou movimento de objetos sem contato físico; outra, de fenómenos mentais, como transe, clarividência, clariaudiência e telepatia; enquanto outra ainda se dedica ao estudo do que se chama Voz Direta ou Independente. É a este departamento do conhecimento psíquico que tenho dedicado muito tempo e reflexão nos últimos doze anos, mas há outros que também lhe deram muita atenção e estudo e chegaram às mesmas conclusões que eu.

O Vice-Almirante Usborne Moore dedicou quase toda a parte final da sua vida ao estudo da Voz Direta, tal como ocorria na presença da famosa médium Sra. Wriedt, e os seus registos cuidadosos encontram-se no seu importante livro sobre o assunto intitulado **AS VOZES**. A posição especial que ocupou na Marinha, com a necessidade do maior rigor e exatidão, tornava-o especialmente apto para este trabalho de investigação, pois a sua formação tornara-o escrupulosamente rigoroso em tudo o que empreendia. Edward C. Randall, de Buffalo, com quem fiquei alojado quando estive na América há alguns anos, foi, contudo, o mais afortunado de todos os investigadores neste vasto tema, pois experimentou durante mais de vinte anos com uma das médiuns de Voz Direta mais desenvolvidas, a Sra. Emily S. French.

Esta senhora esteve sob a sua atenta observação durante todos esses anos, vivendo grande parte do tempo em sua casa em Buffalo. As investigações tiveram lugar várias vezes por semana, e Randall, passando do cepticismo aberto e da descrença para a convicção, pela força da evidência acumulada, tornou-se convencido, como muitos outros antes e depois dele, não só da autenticidade dos fenómenos, mas também de que as vozes eram produzidas por aqueles que outrora viveram aqui na Terra.

Contou-me que, em mais de setecentas noites, ao longo de vinte e dois anos, em sua própria casa, sob condições científicas, conversara durante horas seguidas com aqueles que o mundo julgava mortos. Randall não é homem

que se convença facilmente, nem alvo de enganos. É um dos principais advogados dos Estados Unidos e, além disso, quando o conheci, era presidente de várias importantes empresas industriais, uma das quais a American Super Power Company, que fornece luz e energia elétrica a Nova Iorque. Este advogado prático, sensato e habituado a escrutinar provas e detetar fraudes, publicou os resultados das suas investigações em vários livros, o principal dos quais intitulado **OS MORTOS NUNCA MORRERAM**.

Os interessados no lado religioso e filosófico encontrarão isso bem expresso em **KATHLEEN**, do meu velho amigo Rev. John Lamond, D.D., biógrafo de Sir Arthur Conan Doyle, que desde 1878 baseou a sua pregação na sua vasta experiência de fenómenos psíquicos. É um dos pioneiros entre o clero no esforço de aproximar a religião ortodoxa desta nova ciência.

A PERSONALIDADE HUMANA E A SUA SOBREVIVÊNCIA À MORTE CORPORAL, de F. W. H. Myers, em dois volumes, com setecentas páginas, mas agora publicada em edição abreviada, foi o fruto de uma vida de investigação de um grande erudito e constituiu o manual da ciência no início do século. Muito progresso, entretanto, tem sido feito na compreensão das leis que regem os fenómenos desde a sua publicação, mas o seu registo cuidadosamente agrupado de casos em todos os diferentes departamentos da ciência permanecerá durante muito tempo como monumento de investigação diligente e rigorosa.

Dei aqui um breve resumo de alguns dos principais homens interessados neste grande tema da sobrevivência à morte, mas há muitos outros que muito contribuíram para o avanço do nosso conhecimento sobre o assunto. Estes homens foram os pioneiros que penetraram na terra de fronteira deste país recém-descoberto e trouxeram de volta aos seus companheiros de viagem em direção a essa terra que todos um dia alcançarão, muitos factos vitais relativos ao destino que os espera.

Os relatos dos primeiros pioneiros foram recebidos com desprezo e ridicularização, mas, imperturbáveis, insistiram na verdade dos seus testemunhos. Outros partiram em busca dessa nova terra e regressaram com as mesmas notícias. Assim foi, ano após ano, até que, por fim, a descrença se foi dissipando, e a multidão passou a pedir mais e ainda mais informação ao crescente grupo de pioneiros que ousavam avançar.

Um dos mais recentes e notáveis que se adiantou um pouco mais do que os seus contemporâneos e teve a coragem de proclamar as suas descobertas foi

o Dr. R. J. Tillyard, F.R.S., Entomologista-Chefe da Commonwealth da Austrália. Convenceu-se, há alguns anos, da realidade dos fenómenos psíquicos, em consequência de certas investigações que realizou neste país e na América.

Não tardou em dizer aos seus colegas cientistas que as suas descobertas tinham mudado a sua visão da vida e do mundo em geral, e que quanto mais cedo a ciência oficial começasse uma investigação séria sobre os fenómenos psíquicos, melhor seria para a ciência e para o mundo no seu conjunto. O impacto das suas declarações entre os resistentes da velha escola materialista tornou-se rapidamente evidente e, na véspera do seu regresso à Austrália, teve a satisfação de ouvir da boca de Sir Richard Gregory, editor da **NATURE**, palavras de grande encorajamento.

Isto ocorreu num almoço privado oferecido em sua honra pelo National Laboratory for Psychical Research, dirigido por Harry Price, no qual tive o privilégio de estar presente. Sir Richard, ao longo de algumas referências muito elogiosas ao Dr. Tillyard, falou dele como alguém que tinha acendido uma vela que ainda não se apagara. Refiro este episódio para sublinhar novamente que os pioneiros fizeram bem o seu trabalho, e que a ciência oficial e a religião ortodoxa, onde o culto do passado ainda reina, estão, gradual mas seguramente, a mover-se na direção para a qual o conhecimento psíquico os conduz. Certamente não está distante o dia em que aqueles que negam a realidade dos fenómenos psíquicos serão considerados tolos e ignorantes.

O Dr. Crandon, de Lime Street, Boston, EUA, forneceu-me os resultados de uma sessão privada realizada em Boston, na qual a única pessoa presente foi o Dr. Tillyard. O médium era a esposa do Dr. Crandon, conhecida de todos os estudantes de fenómenos psíquicos como "Margery". Não tenho espaço disponível para expor em detalhe as precauções tomadas para evitar fraude e os resultados obtidos, mas pode afirmar-se de forma categórica que tudo o que era possível foi feito para impedir que o médium fosse responsável pelo que ocorreu.

O Dr. Tillyard esteve presente com ela numa sala trancada, às escuras. Antes de se apagar a luz e fechar a porta à chave, o médium foi firmemente preso à cadeira com ligaduras de fita adesiva, cujas extremidades foram marcadas com lápis azul, prolongando-se essas marcas para a pele do médium. Se se tivesse movido, ver-se-ia depois que as marcas azuis estavam deslocadas,

mas no final da sessão encontravam-se no lugar correto. Era, portanto, fisicamente impossível que o médium fosse responsável pelo que aconteceu.

Durante a sessão, primeiro obtiveram-se impressões de polegar em várias peças de cera mole, impressões que não correspondiam às de nenhum dos dois presentes, e mais tarde, surgiu uma voz independente, afirmando ser o irmão do médium, que manteve uma animada conversa com o Dr. Tillyard. Que era independente e distinta da voz do médium ficou provado pelo facto de, nesse momento, a "Voice Cut-Out Machine" estar presa à boca do médium. Este aparelho é um dispositivo inventado para tornar impossível a um médium falar enquanto está a ser utilizado.

Portanto, quando em uso, se outra voz fala, não pode ser a voz do médium. Os comentários do Dr. Tillyard sobre esta sessão privada, realizada a 10 de Agosto de 1928, encontram-se numa carta que escreveu a Sir Oliver Lodge, datada de 11 de Agosto de 1928, dos quais se seguem os pontos mais importantes. Estes foram extraídos da revista *Psychic Research*, o jornal da American Society for Psychical Research.

Parece-me totalmente impossível encontrar uma única falha neste resultado extraordinário... Mas o meu objetivo é registar cientificamente que eles ocorrem, que fazem parte dos fenómenos da Natureza, e que a Ciência, que é a busca da Verdade e do Conhecimento, só poderá ignorá-los com o risco mortal da sua própria existência futura como força orientadora do mundo. Esta sessão é, para mim, o ponto culminante de toda a minha investigação psíquica. Posso agora dizer, se assim o desejar, *Nunc Dimittis*, e prosseguir com o meu legítimo trabalho entomológico... Só posso pedir que o senhor e toda a sua família aceitem a minha declaração como verdade absoluta, conhecendo-me como me conhecem...

Para o Dr. Crandon e sua esposa, este testemunho notável, vindo de alguém que até há poucos anos era um completo descrente, deve ser motivo de grande satisfação, pois, como todos os pioneiros, o Dr. e a Sra. Crandon tiveram de suportar as troças dos ignorantes. Ele, no entanto, arriscou corajosamente a sua grande reputação, acreditando que a verdade deve, em última instância, triunfar, e que seguir a verdade onde quer que ela conduza é o único caminho que um homem honesto pode adotar. O que aconteceu na presença do Dr. Tillyard aconteceu também na presença de centenas de pessoas, que tiveram as mesmas experiências com esta senhora.

Consequentemente, a experiência do Dr. Tillyard é apenas típica de muitas outras, realizadas com os mesmos cuidados e precauções científicas.

Hoje já é possível discutir fenómenos psíquicos à mesa de jantar, no clube ou num comboio, sem sentir que os amigos o olham com sincera pena, como alguém tão sensato noutras áreas, mas algo desequilibrado nesta. Espero, por isso, que o que estou prestes a relatar receba mais consideração do que a concedida aos escritos de alguns que me antecederam.

Evidência, evidência acumulada, e ainda mais evidência acabarão por vencer. Com esta arma, os muros da ignorância e da hostilidade estão a ser derrubados, e não existe ferramenta mais forte para a destruição definitiva do que a prova da sobrevivência obtida pela Voz Direta ou Independente. Ambos os nomes são usados para este fenómeno, que se refere à produção de voz e discurso por uma inteligência completamente distinta de qualquer ser encarnado.

A Voz Direta é o mais elevado fenómeno psíquico até hoje descoberto, e é o mais convincente além de absolutamente maravilhoso. Todas as outras descobertas do homem empalidecem de insignificância quando comparadas com esta grande descoberta: a de um método direto de comunicação entre nós e os que partiram, não por meio de batidas ou estalidos, mas através da mais íntima de todas as formas de comunicação, a voz humana. Outros fenómenos psíquicos podem ser simulados por um médium fraudulento, mas a Voz Direta, no seu melhor, não pode.

Muitas vezes eu, e outros comigo, ouvimos duas e por vezes três vozes diferentes, com tons e personalidades distintas, a falar simultaneamente com os presentes, sobre assuntos conhecidos apenas da pessoa a quem se dirigiam, enquanto o médium conversava sobre outro tema com a pessoa ao seu lado, ou quando eu tinha o ouvido colado à sua boca e não saía som algum dos seus lábios.

Pelos exemplos que darei, telepatia, criptaestesia e outras explicações avançadas por alguns para justificar os fenómenos psíquicos podem ser excluídas. Coloca-se uma questão clara perante o investigador, e não conheço ninguém que tenha tido o privilégio de experimentar a Voz Direta no seu melhor que tenha podido chegar a outra conclusão senão que as vozes provêm daqueles que um dia viveram aqui na Terra e que, tendo passado pela morte, regressam agora para nos dizer que, na realidade, não existe morte,

mas sim uma vida mais plena, de desenvolvimento e progresso contínuos num mundo etérico que interpenetra este nosso mundo terreno.

Ao concluir esta introdução ao tema, quero afirmar, com toda a força que possuo, que existe continuidade da vida, que nada se perde, e que a vida não é exceção. A comunicação entre aqueles que vivem agora em corpos físicos e os que já abandonaram o corpo físico não é apenas possível, mas ocorre em condições adequadas. Os meus resultados foram obtidos criando essas condições, condições que tornaram possível aos desencarnados retomar o diálogo com os encarnados.

Foi meu privilégio, em muitas ocasiões, manter conversas e discussões com aqueles que partiram para a vida mais plena, ou ouvir essas conversas mantidas com os presentes ao meu lado. Centenas de vozes diferentes ouvi, e centenas de factos me foram transmitidos, provando que aqueles que falaram eram realmente quem diziam ser.

Dessas conversas aprendi muito, não apenas acerca da continuidade da vida, mas também das condições da vida nesse mundo etérico à nossa volta e dos métodos usados para a comunicação. Muito do que me foi dito não consegui compreender ou entender e, mesmo após doze anos de reflexão dedicada à questão, sinto mais do que nunca a profundidade de tudo isto.

Antes, porém, de apresentar os registos de algumas dessas conversas, quero conduzir o leitor passo a passo, pois só se pode compreender devidamente o assunto quando temos um pé firmemente assente no primeiro degrau antes de avançar para o seguinte.

O primeiro degrau é a consideração desse algo pouco compreendido, mas de importância imensa, conhecido pela ciência como o Éter, que se acredita preencher todo o espaço e ser o meio da luz, bem como dos sons que chegam dos nossos transmissores sem fios. Até entendermos um pouco deste elemento invisível mas muito real, e até percebermos quão limitadas são as nossas percepções sensoriais normais, é inútil tentar obter uma compreensão inteligente dos fenómenos que ocorrem na sala de sessões. Sendo assim, o meu próximo capítulo deve ser considerado como mais uma introdução ao tema em análise.

CAPÍTULO 2

O UNIVERSO DO ÉTER

As vastas regiões interplanetárias e interestelares já não serão consideradas como espaços vazios no universo... Descobriremos que estão já repletas deste meio maravilhoso; tão plenas que nenhum poder humano pode removê-lo da mais ínfima parcela de espaço, ou produzir a mínima falha na sua continuidade infinita. — CLERK MAXWELL

A realidade é aquilo que todos desejam conhecer. Ninguém quer ser enganado; todos anseiam por informações fidedignas, se estas estiverem disponíveis, tanto sobre o mundo material como sobre o espiritual, que em conjunto parecem constituir o Universo. O Éter do Espaço é o elo de ligação. No mundo material é a realidade substancial fundamental. No mundo espiritual, as Realidades da Existência são outras e muito mais elevadas; mas ainda assim o Éter é utilizado de formas que, por agora, só podemos supor. — LODGE

Vivemos, movemo-nos e existimos num mundo físico composto de substâncias a vibrar dentro de certos limites fixos, a que damos o nome de "matéria". Nascemos nele e aceitamo-lo como se fosse a totalidade. No entanto, como as coisas são diferentes daquilo que parecem ser. As nossas ideias sobre os elementos físicos que nos rodeiam mudam de época para época.

Cada geração imagina ter atingido o absoluto em conhecimento, e contudo a história é apenas o relato do desenvolvimento da mente humana em relação ao seu meio. Em nenhum momento se pode dizer que a soma do conhecimento humano foi atingida. Uma descoberta sucede a outra, e de cada vez se pensa que o universo não tem mais segredos a revelar ao homem, que a investigação humana atingiu finalmente o seu limite. Então surge uma nova ideia, baseada em conhecimento adicional, apresentada de início timidamente, para ser primeiro ridicularizada, depois considerada e finalmente aceite.

Assim, a vida desenvolveu-se, mentalmente, desde a sua condição primitiva até aos dias de hoje. Em cada etapa a mente foi capaz de compreender de forma mais ampla o seu meio. Para a vida, no início, o mar que a rodeava, no qual flutuava, era o seu universo, o seu tudo. Isso constituía tudo o que podia ser apreendido pela mente da vida paleozóica. Por passos lentos e incertos, tanto o corpo como a mente se desenvolveram, passando pelo estágio do

peixe até ao réptil, e assim por diante, até surgir o ser chamado homem. Esta criatura, desenvolvendo tanto a mente como os músculos, tornou-se, com o tempo, a força dominante na Terra. Por um caminho lento e doloroso, o seu desenvolvimento prosseguiu; muitos dos seus fracassos e erros foram recordados, a maior parte do conhecimento adquirido não foi esquecido, e hoje encontra-se desenvolvido mental e fisicamente a um grau mais elevado do que nunca.

Encontrámos certamente os meios de controlar a matéria física de forma mais ampla do que em qualquer outra época, mas a questão que agora se coloca é se esta conquista é o objetivo final da humanidade. Compreendemos hoje as suas leis e funções, mas será este o fim do esforço humano? Quando pensávamos que assim fosse, surge uma nova descoberta.

Agora é-nos dito que, tal como os nossos antepassados estavam errados na sua astronomia e tiveram de refazer as suas conceções, também nós devemos reajustar as nossas ideias sobre esta matéria física, acerca da qual julgávamos saber e compreender tanto.

A matéria, que parece tão sólida, na realidade não o é de todo. O que vemos quando olhamos para uma mesa ou uma cadeira, por exemplo, são as vibrações de certo número de eletrões, que giram a imensa velocidade em torno de um centro chamado núcleo. A matéria é composta de átomos, e estes átomos, por sua vez, são compostos de eletrões e protões. De acordo com o número de eletrões num átomo assim é a substância, mas o peso é condicionado pelo número de protões.

O número de eletrões planetários de um elemento é dado pelo seu número atómico, mas, além destes, existem eletrões fixos no núcleo, equivalentes ao suplemento do seu peso atómico, e estes podem variar em diferentes isótopos. O número atómico do ferro é 26, enquanto o seu peso atómico é um número inteiro próximo de 56. Assim, no ferro existem sempre 26 eletrões planetários e, no ferro normal, existem 30 adicionais, embora em alguns isótopos haja 31 e noutros 29.

Consequentemente, quando olhamos ou manuseamos algo composto pelo exposto, percebemos algo a que demos o nome de ferro, ou, para ser mais rigoroso, quando o nosso olho é afetado pelas vibrações do éter criadas pelos seus eletrões, formamos a imagem mental de ferro. O nosso tato é igualmente afetado pelas vibrações que esses eletrões produzem e que nos

dão a sensação de calor ou frio, mas são os protões que nos dão a sensação de peso. Sir Oliver Lodge, em *Ether and Reality*, expressa-o assim:

«Podemos agora resumir brevemente o que sabemos. As duas partículas de carga oposta, a negativa e a positiva, são chamadas respetivamente eletrão e protão. Ambas são extremamente diminutas: e existe um sentido em que o seu tamanho foi medido. São muito mais pequenas que os átomos, incomparavelmente menores, as menores coisas conhecidas: mesmo que houvesse cem ou mil delas num átomo, não estariam de modo algum apinhadas, haveria imenso espaço vazio. Sabe-se hoje que diferentes átomos são compostos por diferentes números de eletrões, e pelo seu número e disposição constituem os diversos elementos químicos. Os átomos de todos os elementos químicos são construídos de eletrões e protões e de nada mais...

Quanto à existência de um eletrão, pode ser compreendida. Mas quanto à existência de um protão? Não: aí encontramos uma dificuldade. O protão é mais maciço do que pode ser facilmente explicado: e por que razão é mais maciço só podemos conjeturar; na verdade, de momento, mal podemos conjeturar, ou pelo menos as conjeturas não são muito satisfatórias. Isso permanece, por ora, um enigma: uma questão ainda mal abordada. Uma hipótese é que o eletrão seja oco, como uma bolha, possuindo um campo elétrico que, por si só, faria a bolha expandir-se, mas que é mantida em equilíbrio e num certo tamanho pela pressão etérica.

Assim, no seu interior não haveria substância; em si mesmo, tal eletrão não teria massa, a sua massa aparente dever-se-ia ao seu campo elétrico e a nada mais. Ao passo que o interior de um protão, em vez de ser oco, poderia estar preenchido com um excesso de éter, tudo aquilo que foi retirado do eletrão comprimido no protão, de modo a explicar a sua grande massa, ou aquilo a que podemos chamar o seu peso.

Um protão é mais de mil vezes mais pesado que um eletrão, cerca de 1840 vezes por medições diretas; e o chamado "peso atómico", ou peso de um átomo, depende quase inteiramente do peso dos protões que contém. O átomo de hidrogénio contém apenas um, o átomo de hélio contém quatro, o de lítio sete, o de oxigénio dezasseis, e assim por diante, de acordo com a lista de pesos atómicos há muito conhecida empiricamente na química, sendo o mais pesado o urânio, que contém 238. Os pesos atómicos são suficientemente certos; o número de protões num átomo específico também

é bastante seguro. O que não se sabe é porque razão o protão tem tal peso, e porque o peso do eletrão é tão menor. Em todos os outros aspetos as duas cargas parecem iguais e opostas: eletricamente são iguais e opostas...

Podemos afirmar com segurança que o peso da matéria depende dos protões, ou seja, das unidades positivas que formam o núcleo do átomo, enquanto as propriedades químicas do átomo dependem dos eletrões que circulam em torno do núcleo. Estes eletrões planetários são ativos e enérgicos e produzem resultados notórios: caracterizam o átomo pelo seu espectro; conferem-lhe as suas propriedades químicas; mas quase nada acrescentam ao seu peso. É um estado de coisas curioso, mas as provas, até agora, são boas.»

A matéria física é, na realidade, uma rede aberta de eletrões e protões, e a distância entre os eletrões e os protões num átomo individual, em relação ao seu tamanho, é imensa. Se considerarmos o núcleo como ocupando no átomo a mesma posição que o sol no nosso sistema solar, então a distância relativa entre os eletrões, e entre eles e os protões, pode ser considerada equivalente à distância dos planetas entre si e ao sol. Se considerarmos um átomo do tamanho de uma igreja paroquial, então a cabeça de um alfinete representaria a dimensão relativa de um dos eletrões que o compõem.

Estes protões e eletrões nos átomos estão, portanto, afastadíssimos, movendo-se a velocidades enormes, e ligados entre si por esse éter invisível que ocupa a maior parte do espaço dentro do átomo. A matéria é assim constituída por minúsculas cargas elétricas, tanto positivas como negativas, que não se movem ao acaso, mas de forma livre e ordenada, ligadas pelo éter invisível, que hoje se crê ser a substância fundamental do universo.

Que sabemos então deste éter invisível? Imaginamo-lo a preencher todo o espaço, embora, não podendo apreender o espaço, sejamos incapazes de compreender a sua extensão. Sabemos, no entanto, que as ondas de éter podem propagar-se pelo espaço à velocidade de 186.000 milhas por segundo, e que essas ondulações, ou ondas, nos dão aquilo a que chamamos luz. Em certas circunstâncias, a energia vibratória dessas ondas de éter pode ser convertida em energias equivalentes de calor e eletricidade.

Embora não possamos ver o éter, deduzimos a sua existência porque o calor, a luz e a eletricidade viajam pelo espaço a uma velocidade definida, e por isso deve existir um meio através do qual se propagam. Os nossos físicos

argumentam, assim, que o éter é uma hipótese pragmática, um postulado lógico.

O éter nunca foi visto nem pesado como substância real, mas chegaram-se a certas conclusões preliminares quanto ao seu carácter e propriedades. Preenche todo o espaço, é quinhentos graus mais frio que a temperatura da Terra, possui inércia e momento, exerce pressão, tem densidade e elasticidade e um movimento perpétuo de agitação. Experiências futuras poderão modificar esta conceção desta substância maravilhosa, que em si mesma não podemos ver, ouvir, cheirar nem tocar, e que, quando posta em vibração, pode transportar através do espaço a energia capaz de penetrar na nossa consciência como luz, calor e eletricidade.

Só recentemente descobrimos como transformar essas ondas em palavras e música. Esta substância ondulante nunca está em repouso e está sempre em movimento. Embora nunca tenha sido vista nem tocada, se não existisse estaríamos cegos e gelados, pois não haveria meio de transportar as ondas que produzem vibrações nos nossos olhos e na nossa pele.

Esta substância surpreendente é o meio entre as coisas materiais e os nossos sentidos, mas a matéria é hoje considerada esse mesmo éter em determinados estados fixos de vibração. Os eletrões dos átomos são partículas de eletricidade negativa e os protões são certamente elétricos pela sua natureza. Ambos são etéricos, e a matéria é apenas éter numa condição particular. Todo o éter é potencialmente matéria e toda a matéria é potencialmente éter.

A matéria física, que impressiona os nossos sentidos, é apenas aquela secção do éter que se encontra a vibrar dentro de certos limites fixos. Neste livro distingo entre as duas substâncias: a matéria física, por um lado, que podemos sentir, e esta substância etérica que está para além das nossas perceções sensoriais. Contudo, embora para além da nossa perceção, não está para além da nossa capacidade de compreender, pelo menos em certa medida. De facto, a nossa compreensão dela aumentou tanto nos últimos anos que toda a tendência da ciência física atual se orienta para a ideia de que não a matéria física, mas esta substância etérica, é a estrutura fundamental do universo.

O éter do espaço pode agora ser considerado o grande elo unificador entre o mundo da matéria e o que chamamos etérico, já que é a substância comum a ambos os mundos. Ambos estão contidos nesta substância, ambos fazem

parte dela e ambos dela são formados. Os dois mundos são parte do mesmo universo, e a vida em ambos é por ela condicionada. Aqui, neste mundo de matéria em que funcionamos, estamos apenas conscientes de uma escala inferior de vibrações, enquanto que, no mundo etérico, onde a vida também atua, a consciência é afetada por uma escala superior de vibrações. O éter é tão essencial para essa outra vida no universo como o é para nós. Para essa outra vida, o meio que a rodeia é tão substancial e real como o nosso é para nós.

A vida funciona no éter e é capaz de o fazer tanto livre de matéria como revestida de matéria; na verdade, pode imaginar-se uma vida mais plena e mais ampla quando o corpo físico é abandonado. À medida que avançarmos, estas ideias serão melhor compreendidas, pois, nas minhas conversas com aqueles que vivem nessa outra existência — conversas que relatarei — ver-se-á que me dizem que o mundo etérico é tão real, tão tangível, tão belo, na verdade mais ainda, do que o mundo da matéria física que atinge as nossas perceções limitadas.

Só os ignorantes afirmam que apenas o que sentimos é real, que para além deste alcance sensorial nada existe. O nosso campo sensorial — a visão, o tato, o olfato e a audição — é limitado ao extremo. Sabemos que o espectro do espectroscópio demonstra o quão limitado é o alcance da nossa visão comum, e que existem gamas adicionais de vibrações daquilo que seria cor, se as pudéssemos ver, a estender-se para ambos os lados. Já foi dito que as vibrações percebidas, comparadas com as não percebidas, são muito menos do que uma polegada em relação a uma milha. É evidente que existe uma vasta região para outra vida habitar em redor e dentro deste nosso mundo, uma região totalmente para além das nossas perceções sensoriais normais.

Até compreendermos claramente que os nossos sentidos aqui apenas respondem a uma faixa muito limitada de vibrações — a que chamamos matéria física —, e que, para além delas, existe um universo pleno de vida, que responde a uma gama mais alta de vibrações, irreais para nós, mas mais reais para essa vida do que a própria matéria física, não poderemos compreender na sua plenitude os fenómenos psíquicos que se manifestam através da mediunidade.

Toda a minha vida me interessaram estes problemas mais profundos da vida e da morte. Lembro-me de, na escola, passar junto de um cavalo num campo e, ao seu lado, jazia um potro morto, e perguntei-me então, como tantas

vezes desde então, o que tinha realmente acontecido para transformar aquilo que no dia anterior era uma substância ativa e em movimento em algo agora inerte e imóvel. Estes pensamentos ocorrem a todos de tempos a tempos, e podem ser aplicados a toda a gama de seres vivos.

Qual é a causa de uma árvore em plena floração conservar a sua forma e as suas folhas, enquanto outra, dita "morta", se parte ao menor toque e se desfaz em pó? Deve existir um algo, a que damos o nome de vida, que anima o organismo vivo e que está ausente no organismo morto. Esse algo tem o poder de dar forma e expressão à substância, ao passo que, quando esse algo está ausente, a forma e a expressão desaparecem, e a substância anteriormente animada regressa para integrar novamente a terra.

É, portanto, evidente que existe algo que não podemos ver nem tocar e, no entanto, é real e poderoso, e possui a faculdade de criar formas a partir da terra inanimada. Digo que deve ser poderoso porque é capaz de erguer matéria contra a força da gravidade e de manter a matéria em posição ereta, pois, quando abandona a substância, a força da gravidade retoma o controlo e a substância em questão fica sujeita a todas as forças da natureza. Um homem, um animal, uma árvore, podem manter-se de pé quando essa força vital os permeia, mas, quando não, caem por terra.

A vida, portanto, é uma força organizadora que pode contrariar a tendência da matéria para se desorganizar. A vida é uma força formativa, pensante, que entra na matéria e a ordena, ao passo que a matéria sem ela é inerte e desprovida de personalidade. A vida, portanto, não pode ser parte da matéria, tal como o oleiro não pode ser parte do barro que usa nos seus moldes, e, além disso, tem personalidade. Todo o ser vivo tem personalidade, pois todo o ser vivo é diferente de qualquer outro ser vivo.

Esta força vital, por este processo de raciocínio, possui poderes muito além dos atribuídos à matéria. É mais poderosa do que a matéria, pode organizar a matéria e, portanto, pensa. Além disso, tem individualidade. Consequentemente, podemos dar com segurança mais um passo em frente e afirmar que esta força organizadora é influenciada pela mente e que aquilo a que chamamos mente deve ser a força viva, ativa, dominante e controladora no universo. A mente controla a vida e a vida controla a matéria.

A morte pode, portanto, ser descrita como a separação da mente da sua associação com a matéria, e seria ilógico concluir que a mente e o seu veículo, o corpo etérico, que têm tal poder sobre a matéria, deixam de existir quando

deixamos de ver os seus poderes organizadores. Embora não vejamos a mente a trabalhar, é lógico e razoável supor que continua a controlar esta substância etérica noutro lugar. Sabemos que a matéria pode transformar-se, mas nunca ser destruída. Consequentemente, é seguro supor que aquilo que pode controlar a matéria também não pode ser destruído. Este argumento geral, se não tivéssemos provas diretas, poderia nunca nos conduzir a algo tangível.

Poderíamos estar sempre certos ao supor a indestrutibilidade da mente, e da sua expressão, a vida, mas se os fenómenos psíquicos não tivessem vindo em nosso auxílio, teríamos ficado apenas a meio do caminho para o nosso objetivo. O objetivo, porém, foi agora alcançado, e o caminho foi preparado para a mente humana percorrer todo o trajeto. Logicamente, é uma suposição razoável que a mente continue a existir após a morte, separada da sua associação com a matéria, mas agora temos a prova da ciência psíquica de que assim sucede, e de que o corpo etérico que sobrevive é o corpo real e aquele que mantém o corpo físico coeso durante a vida na Terra.

A morte, dizem-me, é tão fácil e simples como adormecer e depois despertar. O nosso corpo etérico desprende-se do corpo físico, levando consigo a mente, e despertamos para o novo meio, encontrando amigos e familiares prontos para nos ajudar e instruir na nossa nova vida. A morte é simplesmente a separação deste corpo, ou estrutura, etérica do corpo físico. O corpo físico regressa à terra, e o corpo etérico, controlado pela mente, continua a funcionar no mundo etérico que, embora dentro e também fora do físico, não pode ser apreciado por nós enquanto formos habitantes do corpo físico. O nosso alcance de visão e de tato é demasiado limitado para apreciarmos essas vibrações mais subtis.

A individualidade, portanto, continua separada da matéria física, e continuamos a pensar independentemente do físico porque a mesma mente que funcionava quando associada ao corpo físico passa a fazê-lo através do corpo etérico duplicado. Continuamos, assim, a existir como unidades pensantes separadas no mundo etérico, muito como fazemos hoje, mas com novos arredores. Com a mesma capacidade de expansão do pensamento que possuímos aqui, as nossas mentes desenvolvem-se, e provavelmente desenvolvem-se mais rapidamente, separadas da matéria física.

Ver-se-á, pelas conversas que tive com aqueles que partiram, que os nossos corpos etéricos são semelhantes aos nossos corpos atuais, e essa é a

conclusão lógica quando admitimos o que já foi dito, a saber, que o etérico mantém unidos os partículas físicas. Este corpo etérico, além disso, tem peso assim como forma, pois o peso é apenas uma questão de grau. No mundo etérico, o peso, que no físico é determinado pela gravidade, deve ser determinado por alguma outra força de natureza semelhante.

Teremos, portanto, peso, forma, individualidade e a mesma mente então como a que temos agora, mas e quanto aos nossos arredores? Quanto a estes, podemos aceitar o que nos é dito nestas comunicações do mundo etérico, assim como podemos fazer certas deduções lógicas com base no nosso meio físico. É-nos informado que o mundo etérico é semelhante a este mundo. O nosso mundo é composto por indivíduos e por outros seres vivos animados por uma força a que chamamos vida, controlada pela mente.

Não é, portanto, irrazoável concluir que essa força, combinada com a mente, que tem o poder de agir sobre a matéria física e de produzir o que experimentamos no mundo físico, tem o mesmo poder de influenciar a matéria etérica para produzir árvores, animais e outras formas vivas, semelhantes às que temos no mundo físico.

Portanto, não é irrazoável acreditar que o mundo etérico contém árvores, animais e flores, sendo, para todos os efeitos, semelhante a este mundo, e que, quando fizermos a mudança chamada morte, nos encontraremos num mundo muito semelhante ao que hoje habitamos, exceto que não estaremos onerados pela matéria física. Consequentemente, a nossa mente será mais ativa, e os nossos pensamentos e movimentos, mais rápidos.

Neste capítulo procurei levar o leitor um passo mais adiante. Faz-se frequentemente referência, nos capítulos seguintes, a vibrações, e é essencial um conhecimento geral de que o universo não é mais do que éter em diferentes estados de vibração, se quisermos compreender o novo mundo sobre o qual tenciono falar.

Até conseguir apreender o facto de que, aqui neste nosso mundo físico, percebemos o éter apenas a certas taxas fixas de vibração, e que estas são insignificantes em comparação com as suas outras vibrações, não pude compreender a possibilidade de outro mundo de vida, forma e configuração à nossa volta e em nosso redor. Quando conseguimos tomar consciência das nossas próprias limitações, então podemos encontrar espaço na mente para algo maior e para além dos limites estabelecidos pelos nossos órgãos sensoriais físicos limitados.

À nossa volta e em redor de nós, interpenetrando este mundo físico, existe outro mundo para o qual passamos na morte. Foi-me descrito por aqueles que me falaram de lá, mas apenas em linguagem adequada às nossas mentes finitas. Quando perguntei como melhor o explicar aos outros, disseram-me para o comparar a um mar de éter, no qual o movimento pessoal é ainda mais rápido e fácil do que o de um peixe na água. Tomemos, por exemplo, o mar no qual flutuam esponjas totalmente submersas.

A rodear essas esponjas existe um meio que sustenta a vida, e assim o mundo etérico pode ser contrastado com a água que rodeia a nossa terra, salvo a diferença de que a esponja absorve apenas parte da água, enquanto o mundo etérico não está apenas fora da nossa terra, mas também dentro dela. *Interpenetra* é a única palavra que temos para descrever algo real dentro de outra coisa que também é real, e é na superfície deste mundo etérico que um dia viveremos.

Somos de tal modo constituídos que, no corpo físico, estamos em harmonia com o meio físico. Na morte, deixamos o corpo físico e funcionamos no nosso corpo etérico. Passamos para o novo ambiente que nos rodeia, um ambiente que sustenta a vida, tal como a água sustenta a vida. Nós, na Terra, estamos neste mar de éter, embora não o saibamos, e tanto agora como sempre estaremos. A diferença que a morte nos traz não é tanto uma mudança de localização quanto uma mudança de apreensão. Agora apenas apreendemos o físico, mas então apreenderemos o etérico.

Só quando o desejarmos voltaremos a entrar em contato com o físico, pois o físico diz respeito à matéria física e o etérico à matéria etérica, cada qual na sua ordem, sendo a única diferença que os do mundo etérico podem voltar até nós quando quiserem, ver-nos e apreciar-nos a nós e ao nosso meio. Podemos apenas escutar o que nos é dito e tentar imaginar. Somos como um cego aqui na Terra, pois não podemos ver estes homens e mulheres do mundo etérico, mas podem ser produzidas condições que nos permitam ouvi-los e, a partir do que nos dizem, imaginar o melhor que pudermos.

Disseram-me que os nossos maiores pensadores não têm a mínima conceção das propriedades que constituem o Universo. Os nossos líderes do pensamento atual, ignorando, como muitos fazem, a sala de sessões e a mediunidade, estão a perder grandes oportunidades de instrução. O pensamento ortodoxo de hoje sustenta a opinião de que o espaço está vazio de outra vida. Eu digo que não está, mas que contém vida, forma e

configuração, porque assim me foi dito por aqueles que o habitam e, certamente, eles conhecem melhor o seu próprio país do que nós. Recusar examinar as pretensões da ciência psíquica e receber instrução daqueles com maior conhecimento e inteligência do que nós, pelo facto de os fenómenos serem contrários ao que se julga que deveriam ser, é uma cegueira estúpida decorrente da ignorância e do preconceito.

CAPÍTULO 3
MENTE E MATÉRIA

Seja o que for aquilo que pensa, compreende, quer e atua, é algo celeste e divino. — Cícero.

Hoje podemos compreender o Universo como nunca antes. Pode agora assumir-se legitimamente que não teve começo nem terá fim, que o universo, reduzido à realidade, é movimento, do qual a velocidade da luz é a única velocidade absoluta que conhecemos, sendo todas as outras velocidades relativas. Dizer que o universo é apenas movimento e nada mais parece reduzir a realidade ao absurdo, pelo que o exporei assim: o universo é composto por graus variados de movimento, alguns dos quais nos impressionam, enquanto seres físicos, e são denominados matéria física, ao passo que muito passa por nós sem apelo algum aos nossos sentidos. Deve estar a ocorrer mudança constante por toda esta vasta região, com a matéria física a irradiar-se em matéria não visível, se usarmos a palavra matéria para o efeito que este movimento tem sobre a mente. A mente é a gama mais elevada de vibração que conhecemos.

Os que encaram o universo como composto apenas de matéria física, e nada mais, sustentam que ele está a "descarregar-se" e que um dia a matéria física deixará de existir. Esse, porém, é um ponto de vista demasiado limitado. A partir das minhas experiências psíquicas, prefiro considerar a matéria física apenas como parte do universo, e que, tal como o sol, por exemplo, se vai lentamente radiando até desaparecer de vista, assim outros mundos se formam pelo abrandamento do movimento. Assim, novos mundos físicos vão-se tornando gradualmente visíveis ao olho físico. O universo está em constante mudança, mundos físicos, como as nébulas, nascendo lentamente para serem vistos por nós, seres físicos, enquanto outros, como o sol, regressam à substância de que vieram.

É tão difícil discutir um assunto que se resolve em movimento, algo de tão intangível, mas matéria é movimento e movimento é matéria. A matéria, portanto, é o universo, compõe o universo, está em toda a parte do universo, não há lugar algum onde não esteja, nunca teve começo e nunca terá fim. Está em movimento constante, evoluindo ou involuindo do nosso ponto de vista. Não existe tal coisa como espaço vazio. Esta matéria, que em certos estados de movimento nos impressiona como matéria física, noutros estados impressiona os que estão no mundo etérico, tal como a matéria física nos impressiona a nós. Consequentemente, eles têm o seu mundo tangível no qual as coisas vivem e crescem, tal como nós temos o nosso.

Quantos mundos diferentes ou lugares de habitação possa haver depende da mente. Sem mente, nada há, e só quando a mente está presente existe qualquer perceção de matéria, física ou etérica. Poderia, portanto, ser lógico dizer que onde a mente não está, não há matéria; que o universo, portanto, pode ser reduzido a esse algo único, a que damos o nome de Mente; mas poderemos conceber a mente sem algo sobre que agir? Só apreciamos a mente quando atua sobre a matéria, pelo que mente e matéria, embora diferentes — uma ativa, a outra passiva —, devem estar correlacionadas. O nome que damos à substância que compõe o universo, ou seja, Matéria, deve, portanto, incluir esses estados ativo e passivo; tem de ser dual na sua natureza, pois um sem o outro é impossível de conceber.

Assim, mente e matéria estão ligadas, e pensar numa sem a outra é impossível. A mente, esse algo que apreende a matéria e pode influenciar a matéria, é a força — ou movimento — dominante no Universo. Tenho de usar as palavras força ou movimento, pois não encontro outras. A mente é tanto parte do universo como a matéria física e etérica; não pode ter tido começo, nem pode ter fim; a sua propriedade é a capacidade de desenvolver e ampliar o pensamento, ou, por outras palavras, a capacidade de se formar em imagens vistas ou imaginadas e de causar movimento.

Para nós, a mente é experienciada em conjugação com a matéria física e, como este livro mostrará, também em conjugação com a matéria etérica; mas qual é a sua história, quem o poderá dizer? Sem dúvida, apenas experienciamos a mente de forma limitada, e o que ela realizou no passado, ou realiza algures para além do nosso alcance, nenhum ser humano o pode afirmar.

O movimento denota mente. Será, portanto, todo o movimento que apela aos nossos sentidos, e ao qual damos o nome de matéria, governado pela mente? Onde começa o domínio da mente?

Começa a mente numa pedra? Os nossos físicos dizem-nos que uma pedra está num estado constante de movimento, eletrões e protões em rápida e ordenada vibração. Contém mente, ou é influenciada pela mente; tem de ser mente na sua forma mais crua e inferior, mas seria imprudente rejeitar a sugestão. Certamente aquilo que constituía uma pedra pode tornar-se habitação da mente, pois, quando pela chuva e pela geada ela lentamente se transforma em terra, produz erva, que as vacas comem, para se tornar leite, que constrói corpos, os quais a mente controla.

Não podemos, portanto, ser dogmáticos quanto a onde a mente está ou não está, embora possamos estar em terreno seguro ao aceitar provisoriamente que onde há crescimento e desenvolvimento aí está também a mente. Quando, portanto, olhamos à nossa volta, podemos ver a mente em todos os estados de desenvolvimento, desde o mais humilde fungo até à mente que controlou a mão que escreveu a maior tragédia jamais escrita pelo homem, *Rei Lear*.

Estamos apenas a começar a discernir o verdadeiro universo e a sua constituição, e o Rei desta região ilimitada, a saber, a Mente, está apenas a começar a ser tenuemente apreciado. Na verdade, a busca do último fundamento por parte da humanidade tem sido longa e cheia de interrupções. Muitos, de facto, foram os atalhos percorridos e os erros cometidos antes de chegarmos até mesmo às nossas suposições atuais; mas estas especulações têm muito que as justifique, embora seja imprudente, sem mais conhecimento, ir demasiado longe ou demasiado depressa.

À medida que o universo etérico nos for sendo cada vez mais revelado, estaremos melhor preparados para apreender o universo mais como um todo, e não o olhar puramente do ponto de vista físico. Esta perspetiva limitada nunca explicará o universo; o tempo e o espaço confundir-nos-ão para sempre, e só incluindo o etérico e a mente é que o Enigma do Universo alguma vez será explicado. Sir James Jeans, em *The Mysterious Universe*, observa que "a mente já não nos parece um intruso acidental no domínio da matéria; começamos a suspeitar que antes devemos saudá-la como a criadora e governante do domínio da matéria."

A ciência moderna está assim a avançar lentamente para aquilo a que se pode chamar a visão mais ampla do universo e, com o tempo, o etérico ocupará o lugar maior, encolhendo o físico para uma insignificância relativa. Tudo, contudo, deve ser incluído para compor o quadro verdadeiro, e a mente, com a sua capacidade de construir, pensar e recordar, deve receber o seu lugar de direito como o poder que tudo governa no universo. "Deus é espírito, infinito, eterno e imutável", diz-nos o *Scottish Shorter Catechism*. Hoje, com o nosso conhecimento mais amplo, poderíamos dizer com mais correção: a Mente é infinita, eterna, sempre em mudança, sempre a desenvolver-se, sempre a criar formas novas a partir das antigas e nunca em repouso.

A matéria física e a matéria etérica, governadas pela mente, compõem assim o universo e, tanto quanto se sabe, nada há além ou acima disso. Onde quer que a mente esteja, encontrar-se-á matéria física ou etérica, e assim torna-se impossível imaginar um universo limitado, porque ele deve ser tão ilimitado quanto a mente, pois a mente não pode operar sobre o nada. A mente e a matéria têm de andar juntas; sem mente, não há matéria. Consequentemente, enquanto e onde quer que a mente exista, também tem de existir matéria, sendo o universo limitado apenas pelos domínios da mente.

Cada um de nós tem a sua quota desta mente universal, e a sua interação com a matéria física é evidentemente para o fim de a treinar na criação de imagens mentais. A mente tem a peculiar faculdade de se formar, ou de se moldar, nas imagens e nos movimentos do seu meio. Estes pode reproduzi-los à vontade e, por meio da matéria física, provocar mudança e movimento aqui na Terra. No mundo etérico, tem o poder de moldar a matéria etérica de modo mais direto e, pelo pensamento, a matéria etérica envolvente pode ser transformada nas formas que a mente imagina.

A Terra, então, é o campo de treino da mente que se individualizou. Aqui é treinada na criação de imagens através do contato com os arredores mais grosseiros da Terra e, à medida que se desenvolve, assume cada vez maior controlo sobre o seu meio. Quando deixa de funcionar por meio da matéria física, assume cada vez maior controlo do seu meio no mundo etérico, até que, em última análise, nós (tal como representados pelas nossas mentes e pelos nossos arredores) nos tornamos exatamente como pensamos.

A mente individual de cada um de nós, o nosso ego ou o nosso eu, é, portanto, treinada no pensamento criativo através do contato com a Terra,

treino esse que condiciona os nossos arredores aqui e no além. A mente evidentemente nunca morre, mas continua a desenvolver-se para sempre e, com o seu crescente domínio sobre os arredores, tanto o espaço como o tempo se tornam de cada vez menor importância. A minha mente sou "eu" e a tua mente és "tu". Ela existe desde toda a eternidade, embora não tão individualizada como agora. Quando inicia a sua experiência terrestre, entra num caminho que lhe permite moldar cada vez mais os seus arredores conforme pensa, e o seu destino — o meu destino e o teu destino, o destino de cada mente individualizada — é tornar-se exatamente aquilo que pensa.

As nossas mentes estarão, em última análise, em completo controlo dos nossos arredores e, conforme pensamos, assim seremos. Este, creio, é o nosso destino, e o nosso primeiro passo para alcançar esse controlo sobre os nossos arredores, sobre o tempo e o espaço, é o nosso tempo na Terra, sendo para alcançar esse fim que nós, como mentes individualizadas, passamos pelas nossas experiências terrenas.

CAPÍTULO 4
O MÉDIUM

"Um homem honesto é a mais nobre obra de Deus." — Pope.

O Sr. John C. Sloan, na presença de quem ocorreram as experiências que tenho para relatar, é um homem de meia-idade, de compleição delgada e maneiras discretas. Tem uma expressão algo sonhadora e, quando está quieto e sem falar ou participar numa conversa, parece perder o contato com o que o rodeia. Nesses momentos, os seus olhos adquirem um olhar distante e, quando lhe falam, vê-se claramente que se sobressalta. Goza de boa saúde e, no trabalho, poucos notariam certas peculiaridades que se tornam marcadas na sua própria casa quando o trabalho termina. Quando não tem nada de especial a ocupar-lhe a atenção, esse estado sonhador parece apoderar-se dele e torna-se distraído e esquecido. Excetuando isto, é como qualquer outro indivíduo normal e saudável.

Durante toda a sua vida esteve consciente de que ocorrências supranormais tinham lugar nas suas imediações. Em jovem, foi muitas vezes perturbado por batidas e vozes estranhas que não conseguia entender e, nos últimos trinta anos, estas desenvolveram-se em manifestações de natureza geral e variada. A sua mediunidade, ao longo destes anos, abrangeu transe, telecinese, *apports*, voz direta, materialização, clarividência e claraudiência. Estas

variaram em grau de ano para ano, mas os seus amigos concordam, em geral, que há quinze anos a sua mediunidade estava no auge.

Para aqueles que têm pouca experiência destes fenómenos, permitam-me explicar. O transe é um estado de inconsciência que certas pessoas anormais experimentam. Pode comparar-se a cair num sono profundo, com um curto intervalo entre a consciência e a inconsciência. É, contudo, mais do que sono — é um estado muito mais profundo de inconsciência, a personalidade é retirada em maior medida e o corpo fica mais insensível à dor. Uma pessoa em transe pode ser melhor comparada a alguém sob anestesia do que a alguém a dormir, com a diferença de que o estado de transe pode durar de duas a três horas e repetir-se várias vezes por semana, sem que se notem quaisquer efeitos nocivos.

Quando Sloan está neste estado, fala; mas seria mais correto dizer que os seus órgãos vocais fazem vibrar a atmosfera, pois ninguém consegue ficar muito tempo com ele, enquanto isto se passa, e pensar que a sua própria personalidade é responsável pelo que é dito. A voz é diferente e o sotaque é diferente, e muito do que é dito está totalmente fora do seu âmbito de conhecimento.

Claraudiência e clarividência são as faculdades que alguns têm de ouvir o que para outros é inaudível e de ver o que é normalmente invisível. Ambas resultam do funcionamento anormal da estrutura etérica do ouvido e do olho e, assim, esses órgãos conseguem captar as vibrações etéricas. Telecinese é a palavra usada para o movimento de objetos sem a utilização de qualquer força conhecida. *Apports* são objetos trazidos de uma sala para outra, ou de um local distante para onde o médium se encontra, por alguma agência invisível.

O que se chama Voz Direta é o tema especial deste livro. Na presença do médium, mas completamente separado dele, vozes que afirmam ser de pessoas falecidas falam e, quando lhes respondem, replicam de forma inteligente, o que prova que não só há uma mente por detrás da voz como também essa inteligência é capaz de ouvir bem como de falar. Quando pela primeira vez experimentei estes fenómenos, pensei naturalmente que o médium estava a imitar pessoas, pois, quando estas vozes falam, é geralmente no escuro, e que poderia ser mais fácil do que ele nos enganar, a mim e a outros, levando-nos a acreditar que estávamos a falar com os nossos amigos que partiram?

Na primeira ocasião em que experimentei essas vozes, estava decididamente desconfiado e, no entanto, à medida que a sessão prosseguia, interrogava-me como seria possível a qualquer homem, mesmo que tivesse cúmplices, levar a cabo tal impostura durante mais de três horas.

Nessa noite falaram trinta vozes distintas, de diferentes timbres e sotaques; deram os seus nomes, as suas moradas terrenas corretas e falaram com as pessoas certas, que as reconheceram, e referiram-se a assuntos familiares íntimos. Nunca foi cometido um erro, e a escuridão aumentou realmente a evidência a favor da autenticidade de todo o procedimento.

Difícil como seria recordar, à luz, os amigos e familiares falecidos de toda a gente e os seus assuntos de família, sê-lo-ia o dobro na escuridão, porque estavam presentes quinze pessoas e o médium teria de se lembrar exatamente de onde cada uma estava sentada. A voz, em cada ocasião, falava à frente da pessoa que reconhecia o nome, a morada terrena e os detalhes que eram dados.

Tudo aquilo era muito desconcertante, e o facto de por vezes duas ou três vozes falarem ao mesmo tempo não o tornava menos. "Devem existir cúmplices", pensei; e não só isso, mas um sistema regular de recolha de informações. Como poderia ser feito de maneira tão completa era a questão. Mas, por outro lado, como poderiam os mortos falar? Mesmo que vivessem de novo, os seus órgãos vocais físicos estavam certamente enterrados, e como poderia a atmosfera ser posta a vibrar sem um instrumento corporal físico? Não, nada de tão impossível poderia acontecer. Eu tinha ouvido falar de fraudes e impostores, mas nunca de mortos a falar, pelo que o pendor era certamente a favor da fraude.

Assim iam os meus pensamentos naquela noite memorável de 20 de Setembro de 1918, quando de súbito uma voz falou diante de mim. Senti medo. Um homem sentado ao meu lado disse: "Alguém quer falar consigo, amigo", e eu perguntei: "Sim, quem é?" "O teu pai, Robert Downie Findlay", respondeu a voz, e prosseguiu referindo-se a algo que só ele e eu e mais uma pessoa sabíamos em vida — e essa, tal como o meu pai, havia já alguns anos que morrera.

Eu era, pois, a única pessoa viva com qualquer conhecimento do assunto a que a voz se referia. Isso foi suficientemente extraordinário, mas a minha surpresa aumentou quando, depois de o meu pai terminar, outra voz indicou o nome de David Kidston, o nome da outra pessoa que em vida conhecia o

assunto, e ele continuou a conversa que o meu pai iniciara. Nenhum sistema de espionagem, por mais completo, nenhuma imitação por parte do médium ou de quaisquer cúmplices poderia ser responsável por isto e, além do mais, eu era um completo desconhecido para todos os presentes. Não dei o meu nome quando entrei na sala, eu não conhecia ninguém naquela sala e ninguém me conhecia, nem sabia nada sobre mim.

Essa foi a minha primeira apresentação a John C. Sloan e à Voz Direta e, após a sessão terminar, perguntei-lhe se poderia voltar, pois estava ansioso por saber mais sobre o assunto. "Certamente; venha quando quiser, terei todo o prazer em recebê-lo", foi a sua resposta, e voltei-me para alguém que estava perto e perguntei quanto deveria pagar ao Sr. Sloan. Lembro-me bem da resposta: "Se sugerir tal coisa como pagar-lhe, ele ficará profundamente ofendido; faz isto por dever, não para ganhar dinheiro com a sua mediunidade."

Isso não me pareceu o método adotado por um impostor. Como poderia, pensei, um trabalhador a ganhar algumas libras por semana arranjar tempo e dinheiro para reunir todas as informações que ouvi dadas às pessoas presentes naquela noite? Fiquei tão impressionado com a estranha experiência que, nessa noite, fui para casa e escrevi, até às primeiras horas da manhã seguinte, um relato cuidadoso de tudo o que ocorreu nessa minha primeira sessão, e este hábito tenho-o mantido constantemente, a menos que tivesse um dactilógrafo presente.

Lenta mas firmemente, vim a compreender que o que eu pensava ser impossível era realmente possível, que o que pensava não poder acontecer, aconteceu; que aqueles que eu julgava mortos estavam muito vivos; que tinham corpos de textura mais fina, mas semelhantes em forma aos nossos; e que o médium libertava uma substância que lhes permitia materializar as suas bocas, gargantas e línguas etéricas e voltar a fazer vibrar a nossa atmosfera.

Além disso, aprendi que, tal como a vida física só pode agregar matéria à sua volta, na fase inicial antes do nascimento, no escuro, também a escuridão era necessária para permitir que a materialização tivesse lugar a partir da substância extraída ao médium. Isto aprendi apenas aos poucos e depois de dedicar muito tempo e reflexão ao assunto; mas, antes de procurar saber como tudo era realizado, tratei de provar a honestidade do médium. Fi-lo de muitas maneiras, como será mencionado à medida que avançarmos.

Depois dessa primeira noite, muitos amigos que tinham morrido falaram comigo, dando os seus nomes e moradas corretas na Terra, e disseram-me coisas que ninguém presente, exceto eu, poderia saber. Então pensei que poderia ser tudo telepatia, embora não compreendesse como a telepatia poderia fazer vibrar a atmosfera sob a forma de uma Voz que eu reconhecia. Contudo, quis não deixar pedra sobre pedra para chegar à verdade e esperei para ver quanto tempo essa teoria se manteria.

Não tardou até que ela, tal como a teoria da fraude, também tivesse de cair. Amigos vieram e falaram comigo, e contaram-me coisas que não só ninguém presente sabia, mas que eu próprio não sabia, nem alguma vez soubera. Verifiquei, ao informar-me, que essas coisas eram corretas, pelo que a transferência de pensamento entre a minha mente consciente ou subconsciente e a do médium ficou, em última análise, excluída.

Decidi então aproveitar a primeira oportunidade para me sentar ao lado do médium e, quando uma voz estivesse a falar, encostar o ouvido mesmo à sua boca. Segurei-lhe as mãos desde o início da sessão e, quando uma voz falou, cheguei o ouvido à sua boca. Senti a sua respiração, o meu ouvido e os seus lábios tocavam-se, mas não se ouvia som algum.

Fi-lo não uma ou duas vezes, mas muitas, até que, por fim, fiquei convencido de que o fenómeno da voz direta não só era genuíno, como também de que aqueles que falavam eram quem diziam ser: os nossos amigos e familiares que, embora separados do seu invólucro físico, continuam a viver uma vida muito semelhante à que levamos aqui. Quando conseguem reunir ectoplasma suficiente de um ser humano — a quem chamamos médium — podem, baixando as suas vibrações, fazer vibrar a nossa atmosfera, falar-nos e ouvir-nos quando respondemos.

Depois de doze anos de íntima experiência com o Sr. John C. Sloan e de ter sentado com a maioria dos outros médiuns de referência deste país e da América, posso dizer com convicção que ele é o melhor médium de transe, voz direta, clarividência e claraudiência com quem alguma vez me sentei. Embora as comunicações em transe nunca me toquem como a Voz Direta, os seus poderes nessa direção são notáveis. A sua capacidade de ouvir claraudentemente é extraordinária, especialmente a faculdade de obter os nomes e as moradas dos que falam, tarefa que a maioria dos médiuns acha difícil.

Se estivesse disposto a oferecer os seus dons ao público, teria sido conhecido como um dos mais famosos médiuns deste país. Em vez disso, preferiu receber os amigos em sua casa, uma noite por semana, mais ou menos, dando-lhes o prazer de voltarem a encontrar aqueles dos seus conhecidos que passaram para além do véu. É reservado q.b. e extremamente modesto. Nada lhe importa o louvor que tantas vezes surge no fim de uma noite dessas. Deixa-me sempre a impressão de que não gosta destas sessões e que só as realiza por dever. Sei que, se dependesse dele, nunca exerceria as suas faculdades medianímicas. O seu sentido de dever e a bondade de coração são as razões pelas quais os seus amigos foram tão especialmente privilegiados.

Não conheço homem mais honrado, de índole mais bondosa, nem com mais do antigo tipo de independência escocesa. Enquanto puder arranjar trabalho, nunca aceitará dinheiro em troca do seu dom. Tem altos e baixos e, embora bom e fiável trabalhador, ficou por vezes desempregado sem culpa própria.

Em certa ocasião, o Sr. McCully (algumas das cujas experiências se relatam no Capítulo X), um dos frequentadores regulares das suas sessões semanais, contou-me que, quando o Sr. Sloan estivera algum tempo sem trabalho, se propôs que aceitasse algo dos que vinham e que trariam também outros que com gosto pagariam. Muito contrariado, concordou em dar três sessões nesses termos, mas, após a segunda, recusou-se a dar a última. "Já arranjei emprego", foi a sua resposta, "e nunca mais aceitarei dinheiro pela minha mediunidade, se puder arranjar trabalho que me permita sustentar a família." A terceira sessão realizou-se, porém, apenas com a condição de não ser feito qualquer pagamento.

Tal é John C. Sloan: quixotesco, sim; teimoso, sim; mas apenas naquilo que, para ele, é questão de consciência. Ninguém precisa de lhe pedir licença para estar numa sessão com receio de recusa; ninguém precisa de temer ser levado a sentir que se concede um favor. Para Sloan, o seu dever é oferecer o seu dom a quem dele necessita, mas não é preciso oferecer dinheiro — não seria aceite.

Pode parecer extraordinário que um homem com tais dons seja tão pouco conhecido, mas isso deve-se inteiramente à sua modéstia e índole reservada. Detesta qualquer espécie de publicidade; é tão tímido que, por vezes, quando lhe pedi para receber amigos meus na sala de sessões dos escritórios da Glasgow Society for Psychical Research, pediu-me que não o apresentasse; que o deixasse apenas entrar, sentar-se e depois apagar-se a luz. Só se sente

à vontade em sua casa, com os seus amigos à volta, e a sessão assume a forma de uma reunião religiosa, pois, para ele, é uma santa comunhão com o invisível. A sua recompensa, diz, está em mandar embora algum enlutado com o conhecimento de que a vida continua para além deste mundo e de que tem meios de aproximar uma mãe ou viúva enlutada de um filho ou marido que passou para o Além.

Ver a sua felicidade, quando ele sai do transe no fim de uma sessão, é para ele recompensa suficiente por todo o trabalho. Centenas e centenas receberam este consolo e conforto por seu intermédio. Apenas reivindica ser um instrumento; diz nada saber de como tudo acontece; leu pouco sobre o assunto e, como está em transe durante toda a sessão, nada sabe do que se passa.

Se Sloan tivesse sido talhado de outro modo, poderia ter ganho a vida com facilidade graças ao seu dom e tornar-se conhecido como um dos nossos mais famosos médiuns, mas contentou-se em viver simplesmente do labor das mãos, ganhando algumas libras por semana. Criou uma família numerosa numa casa pequena, mas confortável, num dos bairros operários de Glasgow e, muitas vezes, teve de lutar arduamente para fazer face às despesas. Cumpre o seu trabalho diário conscienciosamente e bem, e o seu patrão, que amiúde estava presente nas suas reuniões, considerava-o um dos seus melhores e mais fiáveis operários.

Tal é o homem que conheci naquela noite, já lá vão mais de doze anos. Fui então conduzido a uma pequena sala na qual se reuniam mais de uma dúzia de pessoas e, depois de alguma conversa preliminar, sentámo-nos em círculo, Sloan no banco do músico junto de um pequeno harmónio. As luzes apagaram-se e a sala ficou na mais completa escuridão.

Após uma oração inicial, Sloan voltou-se e tocou vários hinos em que todos nos juntámos, mas, antes de o último terminar, ficou controlado por uma entidade que dá pelo pitoresco nome de "Whitefeather". Costumávamos tratá-lo por "Whitie", uma personalidade muito divertida que diz que, quando na Terra, foi um chefe índio, que viveu nas Montanhas Rochosas e, por conseguinte, acha a nossa paisagem escocesa pálida em comparação.

Durante a sessão, Sloan, tanto quanto pude julgar, permaneceu sentado no banco. Falaram vozes de todos os graus de força e cultura, vindas do que parecia ser todos os pontos da sala, mas era difícil dizer de onde na realidade se originavam, pois, no centro do círculo, havia dois megafones, ou

trombetas, cada um com cerca de setenta e cinco centímetros de comprimento, e, pelo timbre metálico da voz, era evidente que por vezes eram usados para falar através deles. Todo o tempo, quando não eram usados para falar, os dois trompetes davam a volta ao círculo, tocando cada um de nós suavemente. Um seria ligeiramente tocado na ponta do nariz, outro no alto da cabeça, a mão de outro seria tocada, e assim por diante — nunca uma pancada forte.

A pedido, qualquer parte do corpo seria tocada sem erro, sem hesitação, um toque limpo e suave — façanha impossível para qualquer ser humano executar em escuridão total, como comprovei em várias ocasiões. Por vezes moviam-se tão depressa por cima das nossas cabeças que produziam um som sibilante. Luzes, do tamanho de meio coroa e de aparência fosforescente, moviam-se além disso continuamente por toda a sala em todos os ângulos.

Revendo os meus registos, verifico que tenho notas de quarenta e três sessões diferentes nas quais eu ou os meus amigos conversámos com aqueles que afirmavam ter-nos conhecido quando na Terra, trinta e nove das quais com Sloan, quatro com outros médiuns. Também testemunhei, em diferentes ocasiões, os mesmos fenómenos com os principais médiuns de voz direta, tanto neste país como nos Estados Unidos, pelo que penso poder reivindicar experiência suficiente para analisar criticamente os fenómenos e registar as minhas conclusões.

Como digo, tenho notas de trinta e nove sessões diferentes com Sloan: oitenta e três vozes distintas falaram comigo ou com amigos pessoais que trouxe comigo, e duzentas e oitenta e duas comunicações distintas foram dadas a mim ou a eles. Cento e oitenta classifico como "A1", por ser impossível ao médium ou a qualquer outra pessoa presente conhecer os factos então dados. Cem classifico como "A2", pois, por meio de jornais ou obras de referência, o médium poderia tê-los descoberto.

Um item de informação que me foi dado não tive oportunidade de verificar e apenas um encontrei incorreto. Este último estava certo até certo ponto, mas, como era uma mensagem que me foi dada por uma voz em nome de outrem, é possível que tenha sido mal transmitida. Se tivesse sido proferida de forma ligeiramente diferente, teria sido correta; creio, pois, que esta única exceção não invalida de modo algum os restantes itens que me foram corretamente dados.

Nos últimos anos ocorreram mudanças na vida de Sloan. As filhas casaram, os filhos foram para o mar e, consequentemente, achou monótono viver sozinho. A família da esposa era de gente do mar e os filhos seguiram a mesma vocação. Ele próprio sempre teve anseio por essa vida e, como não tinha laços que o prendessem em terra, seguiu também os filhos e juntou-se a um paquete do Atlântico como *Master at Arms* (chefe de segurança), posto que exerceu durante alguns anos, quando decidiu voltar a viver em terra. Está agora empregado numa das principais casas comerciais de Glasgow, mas continua a dar sessões aos amigos. Apenas ocasionalmente, porém, exerce agora o seu dom de mediunidade, pois a saúde já não é tão boa como dantes.

Como já disse, parece estranho que um homem de dons tão excecionais seja, para todos os efeitos, desconhecido do mundo, mas assim é. Só pode ser atribuído à sua persistente recusa em aceitar dinheiro e tornar-se médium público, e nada o desviará desse rumo. Escreve-me por vezes e sei dele por amigos comuns, mas raramente nos vemos agora, pois, vivendo eu na Inglaterra, só ocasionalmente vou à Escócia. Tenho, porém, as minhas notas para me lembrarem os muitos momentos interessantes e instrutivos que passei na sua presença, e serei grato toda a vida pela amabilidade e cortesia que sempre me dispensou.

Olho para a noite em que nos encontrámos pela primeira vez e sinto que estava ali na posição de quem procurava algo que a falta de conhecimento me impedira de encontrar. Nessa noite, deu-me a oportunidade de descobrir o que eu procurava: a prova positiva de que continuamos a viver para além deste estreito vale chamado vida e de que, quando chega o fim da vida terrena, não só entramos numa vida maior e mais plena, como também nos reunimos com aqueles que aqui amámos. Por isso, a minha gratidão, por toda a vida, será dedicada a John C. Sloan.

CAPÍTULO 5
A SESSÃO

"A ciência está vinculada pela eterna lei de honra a enfrentar destemidamente cada problema que lhe possa ser colocado com justiça." — Kelvin.

O leitor foi já apresentado ao médium; o passo seguinte é descrever o que se passa numa sessão. Que papéis desempenham o médium e os assistentes? O

médium, neste caso, vive numa casa pequena mas confortável, perto de uma das artérias mais movimentadas da cidade, mas suficientemente afastada para ficar livre do ruído do tráfego incessante. A porta da casa dá para um corredor e, do lado esquerdo, há um quarto e uma cozinha. Do lado direito fica a sala de estar, onde se realizam as sessões.

Habitualmente, reúnem-se de dez a quinze pessoas nessas ocasiões, mas os arranjos não são feitos pelo médium. Ele não tem parte em decidir quem estará presente. O Sr. McCully, que ocupa um cargo de responsabilidade numa importante empresa de Glasgow, assumia a responsabilidade de organizar os encontros. Os presentes variavam de semana para semana e, geralmente, metade do grupo era de pessoas que vinham pela primeira vez ou só tinham vindo ocasionalmente.

O núcleo do círculo era composto apenas por assistentes regulares, e estes ajudavam nos resultados, porque se verificará sempre que quem se senta regularmente consegue ajudar influenciando as condições. A harmonia é a condição mais essencial para uma sessão bem-sucedida e sempre achei que os melhores resultados se obtêm quando os presentes estão em simpatia uns com os outros e quando só existe bom entendimento. Quando estão presentes pessoas que não gostam umas das outras, ou estão agitadas ou de algum modo excitadas, as condições são afetadas negativamente.

Por essa razão, é imprudente que um grupo de neófitos se junte, na presença de um médium altamente desenvolvido, esperando bons resultados logo na primeira noite. Isso é impossível e, por isso, sempre se considerou sensato ter o maior número possível de visitantes regulares para manter boas condições e, ainda assim, permitir que estranhos viessem e obtivessem a experiência — ou o conforto — que uma sessão proporciona. Os assistentes habituais já passaram pela fase de dúvida e ceticismo, a fase por que passa toda a pessoa que pensa. Tiveram as suas próprias experiências do regresso dos seus amigos. Mantêm uma atitude plácida, e isso ajuda a neutralizar qualquer influência adversa produzida pelos estranhos presentes.

Os que frequentam sessões estão sempre a ouvir falar de vibrações. Mesmo fora da sala de sessões, habituamo-nos a pensar em termos de vibrações, e a descoberta da transmissão sem fios fez mais pela educação do público quanto à questão das vibrações do que qualquer outra descoberta feita pelo homem. Já discutimos o éter e toda a pessoa refletida sabe que o nosso rádio não dá resultados tão bons em certos dias como noutros. Por muito boa que

seja a transmissão e por muito bom que seja o nosso recetor, pode ser adversamente afetado pelo que se chamam oscilações. Ora, a pessoa que "oscila" e nos incomoda desse modo perturba as nossas condições de rádio tal como perturba a pessoa que entra numa sala de sessões hostil ou zangada. O éter desempenha um papel tão grande na sala de sessões como desempenha no nosso aparelho de rádio.

Pode parecer estranho a alguns quando digo que o nosso corpo etérico, que é um duplicado exato do nosso corpo físico, afeta o éter que o rodeia. Cada um de nós faz vibrar o éter à sua maneira particular. Do corpo de cada um de nós emanam vibrações de grau diferente. As vibrações de um homem ou de uma mulher em cólera são diferentes das de um homem ou de uma mulher em paz. As vibrações de uma pessoa que entra na sala de sessões com atitude francamente hostil afetam de tal modo as condições que os fenómenos ocorrem com menor facilidade.

Sei que muitas vezes é pensado e dito por pessoas que investigam com este espírito que nunca obtêm resultados, e então concluem que tais resultados não podem, de modo algum, ocorrer com outros. Se essas pessoas se dessem apenas conta de que uma mente crítica e vivamente ativa não perturba as condições, e de que não se lhes pede, nem se espera, que ponham a razão no bolso quando entram na sala de sessão. Eu, pessoalmente, nunca o fiz. Sou hoje tão criticamente exigente como sempre fui e, se algo de natureza suspeita ocorresse na sala de sessão, creio que seria dos primeiros a notá-lo. Não obstante, em regra obtenho provas de natureza supranormal extremamente boas.

Prefiro tratar o médium como trato qualquer outra pessoa que conheço. Pelo facto de alguém ser médium não se segue que seja velhaco e patife. Admito que entre os médiuns, como em todas as outras classes, há alguns que são desonestos. Conheci médiuns desonestos, tal como conheci pessoas desonestas na vida profissional e social. Confiaríamos o nosso corpo a todo aquele que afirma ter poder para o curar? Decerto que não. Usamos a razão e a discrição e, se formos tolos, provavelmente sofreremos por deixar que o nosso corpo seja tratado por alguém que diz ser capaz de fazer algo para o qual não tem capacidade.

Do mesmo modo, quando conhecer um médium, trate-o como trataria qualquer outra pessoa que encontra. Se é uma sessão de transe que está a ter em plena luz do dia, julgue pelo que é dito se é ou não supranormal.

Julgue se lhe é possível, ou não, ter obtido a informação por vias normais e pondere os prós e os contras de modo judicioso. Ao sentar na sala escura para fenómenos de voz direta, certifique-se de que o médium não está ele próprio a falar. Para além disso, avalie as comunicações que recebe e veja por elas se há evidência de uma personalidade distinta do médium e da personalidade que afirma estar a falar.

Este tem sido o meu plano de fio a pavio: vivamente crítico e, contudo, nunca hostil, e assim rodeei-me, em consequência, do que chamamos as melhores condições. São essas as condições que rodeiam os assistentes regulares nas sessões de Sloan. Emanam vibrações que tornam possível aos do outro lado chegar até nós, mesmo que esteja presente outra pessoa que seja hostil. Se a sua oscilação não for demasiado forte, as emanações dos outros assistentes são suficientemente fortes para neutralizar as suas emanações adversas, e seguem-se resultados satisfatórios.

Algumas pessoas, porém, ainda que não sejam hostis, nunca obtêm resultados, sem culpa própria. Encontramos, no dia-a-dia, pessoas por quem sentimos antipatia instintiva, sem sabermos porquê. Essas pessoas podem ser estimadas por outros, com toda a razão, mas, quanto a nós, "raspam-nos ao contrário", por assim dizer. Se disséssemos que nos perturbam as vibrações, seríamos mais corretos. Não há harmonia, pois não nos damos bem; e assim é que algumas pessoas nunca obtêm resultados porque emitem vibrações que tornam impossível aos do outro lado aproximarem-se delas. As vibrações das duas personalidades chocam e estragam as condições necessárias.

É por isso que algumas pessoas são maus assistentes e outras bons assistentes. A pessoa média entende-se com a maioria das pessoas no convívio quotidiano, mas há outras que estão sempre a "raspar" os outros ao contrário, ou a serem "raspadas" ao contrário por quem encontram, e é por isso que alguns conseguem contactar essas vibrações mais subtis enquanto outros não o podem fazer. Provavelmente a grande maioria está em posição semelhante à minha, a este respeito; de facto, a julgar pelas comunicações que ouvi trocarem-se entre pessoas nas sessões e os do outro mundo, a larga maioria deve ser semelhante a mim.

Não podemos, contudo, esquecer que há certos indivíduos de tal modo constituídos que não se dão com outras pessoas aqui na Terra, por as suas vibrações divergirem, e assim, quando entram numa sala de sessão, repelem

qualquer tentativa dos do outro mundo para entrar em contato com eles. Não se deve pensar que quero dizer que as condições sejam exatamente iguais, porque não o são, já que algumas das pessoas mais amáveis e afáveis acham impossível obter resultados. O que quero dizer é que, com a nossa experiência terrena de pessoas diferentes, melhor se pode compreender como é que algumas poderão ser bons assistentes e outras não. Bons assistentes emanam vibrações que permitem aos que tentam comunicar fazer passar as suas comunicações. Maus assistentes emanam vibrações que tornam impossível que isso ocorra. É por isso que é altamente desejável reunir pessoas cujas vibrações não colidam entre si. A harmonia é o objetivo; a harmonia é tão necessária quanto um médium poderoso, e foi isso que sempre procurámos cultivar nestas sessões de Sloan.

Nada ajuda mais a fomentar condições harmoniosas do que a música. As vibrações musicais, embora transportadas pela atmosfera e não pelo éter, exercem um efeito indireto sobre as vibrações que enviamos para o éter e, por isso, começamos as sessões a cantar, acompanhados pelo harmónio. Sloan prefere hinos a música profana, mas isso não é necessário. Qualquer música produz o efeito desejado; porém, nas sessões de Sloan, cantam-se apenas hinos e, se as condições se tornam tensas e as vozes enfraquecem durante a sessão, voltamos a cantar. Isto, em geral, produz o efeito pretendido: a melhoria dos meios de comunicação entre os dois lados.

Depois de as pessoas se reunirem e travarem uma conversa preliminar, sentamo-nos em círculo, sendo o médium um de nós; procura-se alternar homens e mulheres, tanto quanto possível, pois também aqui as condições são favorecidas pelo mix das vibrações mais grosseiras e mais finas dos dois sexos. No centro do círculo colocam-se dois megafones, já descritos. A conversa é geral e encorajada, pois falar ajuda as condições.

Há, em regra, uma oração inicial, depois um hino; mas, antes de o primeiro hino terminar, o médium muitas vezes já caiu em silêncio e a sua cabeça vai-se inclinando, como se adormecesse. A sua mão direita é segurada por quem se senta à sua direita e a esquerda por quem está à esquerda. A luz apaga-se e todos damos as mãos, formando uma cadeia, permanecendo assim durante todo o decurso.

O canto prossegue e, após o primeiro hino, canta-se outro; mas, quando o terceiro termina, Sloan está em transe profundo e ouvimos murmúrios a sair-lhe da boca. Esses murmúrios vão ganhando forma e ouvimos palavras

formarem-se, indistintas ao princípio, mas tornando-se gradualmente cada vez mais nítidas e audíveis. Então, com um brado, Whitefeather, o controle, anuncia a sua presença: "Boa noite, amigos, Whitefeather aqui agora, espírito do médium fora do corpo e eu no comando, eu ouvir bem, eu conseguir fazer a boca dele dizer o que eu quero dizer. Boa noite a todos." Tal é, em geral, a sua saudação e todos dizemos: "Boa noite, Whitie", exprimindo o nosso prazer por o ouvir falar novamente.

A primeira pergunta que lhe fazemos costuma dizer respeito às condições: estão boas ou estão más? Whitie é pessimista do mais carregado tom. Já me disseram que o pessimista é alguém que sempre viveu com um otimista e creio que os amigos de Whitie devem ser todos otimistas, pois invariavelmente nos diz que as condições estão más e que nada acontecerá.

Sabemos, porém, que não devemos levar demasiado a sério esta cativante personalidade e procuramos sempre encarar o lado mais risonho, dizendo que estamos certos de que as coisas correrão bem. O seu pessimismo está, em geral, injustificado, mas ele nunca parece aprender com a experiência; por isso, esperamos que a condição seja apenas temporária e que, quando regressa à sua morada, com a grande maioria, no fim da sessão, a sua visão da vida de lá venha tingida de matiz menos sombrio.

O certo é que o seu pessimismo nos diverte, tal como nos divertem, aqui na Terra, os que estão sempre a ver o lado negro das coisas. Procuramos animá-lo e perguntamos-lhe o que tem feito desde a última vez que nos vimos, e a conversa decorre animadamente, respondendo ele, no seu pitoresco inglês, às nossas observações. Isto prossegue por talvez dez minutos ou um quarto de hora, durante os quais, como nos diz o nosso amigo pessimista, as pessoas do seu mundo trabalham para montar os meios de comunicação pela Voz Direta. Esperamos pacientemente pelo resultado e, em geral, não ficamos muito tempo em suspenso.

A conversa vai decorrendo quando, de súbito, uma voz forte, algures no teto, nos fala, desejando-nos "Boa noite", a que respondemos. A essa nova personalidade perguntamos então se podemos esperar bons resultados e recebemos a animadora resposta de que as condições são boas e que se espera que os do seu lado, à espera de falar, consigam chegar até nós. Depois, fala outra voz, dizendo talvez a alguém para não estar com as pernas cruzadas, ou faz-se referência a algo de interesse para alguém presente. "Sr. Lang, vi-o a si e à Sra. Lang a falar com o seu jardineiro ontem." "Oh, foi?",

responde o Sr. Lang. "Sim, disse-lhe que queria tirar uma roseira de junto da casa e pô-la noutra parte do jardim." "Pois bem, meu amigo, tem razão, foi assim; há mais alguma coisa que viu ou ouviu?" A conversa prossegue animadamente entre a voz e o Sr. Lang e termina com o Sr. Lang a dizer: "Bem, meu amigo, embora eu não o tenha visto, tinha de estar lá, pois tudo quanto me conta aconteceu!" Depois as coisas tornam-se mais pessoais: uma voz falará diante de alguém presente, declarando conhecer essa pessoa, dando nome e morada terrena e referindo-se a algum assunto pessoal.

Recordo bem um episódio muito impressionante. Uma voz falou a um homem sentado perto de mim, deu o nome de uma mulher e ele respondeu. Ela referiu-se então aos filhos dele, nomeando-os e descrevendo os respetivos temperamentos, e deu conselhos especiais sobre como deveria lidar com o filho mais velho, especialmente problemático. Depois contou-me que a voz era a da sua esposa, recentemente falecida, e que ela falara tal qual o faria em vida, conhecendo todos os traços da família; e concluiu com estas palavras: "Nem o médium, nem ninguém presente sabe nada de mim ou da minha família."

Noutra ocasião, também a voz de uma mulher falou ao Coronel McDonald, dizendo ser sua mãe e que estivera com ele na Comunhão, no dia anterior, em Portree, na ilha de Skye. Disse-me depois que ninguém presente sabia que ele tinha chegado naquele dia de Portree e que assistira à Comunhão no dia anterior.

Tudo é ouvido por nós, sentados a escutar, e assim prossegue, uma voz após outra surgindo diante da pessoa a quem se dirige e dando provas da sua identidade. Se as condições são boas, poderemos ouvir trinta ou quarenta vozes diferentes a falar com os presentes; se são más, apenas duas ou três falarão, e muito indistintamente. Invariavelmente, porém, os trompetes estão continuamente a mover-se pela sala quando não são usados para falar. Já os mandei esfregar previamente com fósforo e, assim, vi-os a flutuar pela sala, chegando até à altura do teto.

Os assistentes são gentilmente tocados por eles e, a pedido, em qualquer parte do corpo, sem erro e à primeira tentativa. Nada de hesitações, sempre o mesmo toque limpo e suave. Depois podem dar-nos um interlúdio musical, ora batendo com os trompetes no chão, ora batendo um no outro. Ouvimos os trompetes subir até ao teto e utilizá-lo como tambor. Luzes, de tamanho e forma aproximados a meia-coroa, movem-se pela sala a maior parte do

tempo, mas nunca podem ser apanhadas. Sempre que largamos a mão do vizinho e tentamos agarrar uma, ela afasta-se. Tudo isto, note-se, ocorre em completa escuridão e todas as mãos estão dadas em roda, incluindo as do médium, que nunca abandona a cadeira. Em circunstâncias normais, é absolutamente impossível de realizar.

Depois de uma sessão, já me sentei com outros no escuro e tentámos fazer, com os trompetes, o que experimentámos durante a sessão; mas este ponto nem carece de insistência, pois ninguém vê no escuro, e o que os trompetes fizeram na sessão não pode ser feito por nenhum ser humano sem o auxílio da vista. Do mesmo modo, nenhum ser humano, no escuro, segurando uma luz fosforescente, consegue adivinhar quando um dos assistentes vai tentar agarrá-la e retirá-la a tempo. Essas luzes fosforescentes, tal como os trompetes, são movidas por inteligências para quem a nossa escuridão não existe e que pertencem a uma ordem de luz diferente da que experimentamos.

Após cerca de três horas torna-se evidente que se aproxima o momento das despedidas. As vozes tornam-se menos nítidas e Whitefeather diz-nos que "não muito mais pode ser dito", sendo o próprio Whitefeather o último a dizer "Adeus". Gradualmente, Sloan sai do estado de transe, reacende-se a luz e ele pergunta invariavelmente se tivemos bons resultados. Durante tudo aquilo esteve totalmente inconsciente do que ocorreu, pelo que a pergunta é natural. Muito rapidamente regressa ao normal e então discutimos entre nós o que se passou.

Tal é a descrição de uma sessão média com este notável médium. Os jornais da manhã seguinte nada dirão do que ocorreu em casa de Sloan, embora tenha sido de vital interesse e importância para todos os membros da raça humana. Os programas de rádio da noite seguinte serão ansiosamente lidos pelos entusiastas, desejosos de ouvir a voz de alguém a falar de assuntos relativos a este mundo em que vivemos; mas ali não se encontrará relato algum das conversas que tivemos com os nossos amigos que viveram nesta Terra e passaram para outro mundo, que nos podem dizer como vivem e quais são agora as suas condições.

Somos criaturas do presente, e muito. O outro mundo, para muitos que alguma vez pensam nele, é tão distante que fica além do seu alcance mental. Quão poucos de nós percebemos a sua proximidade e a possibilidade, dadas as condições requeridas, de recebermos de lá informação e instrução tão

úteis e benéficas para a humanidade como qualquer coisa que nos chegue por uma voz humana através do nosso transmissor de rádio.

CAPÍTULO 6
AS VOZES

"Digo, com toda a força e vigor de que disponho, que há continuidade de toda a vida; que nada se perde jamais; que a comunicação é possível e tem sido estabelecida com os que estão na vida além-túmulo por muitos modos. O meu esforço tem sido criar uma condição em que se tornasse possível às pessoas do espírito revestirem com substância física os seus órgãos de respiração, para que pudessem falar connosco como quando em vida terrena. Foi meu privilégio ouvir as suas vozes — o melhor de todos os métodos — centenas de vezes. Milhares de indivíduos falaram, usando os seus próprios órgãos vocais, e eu respondi. Daqui adveio grande conhecimento, factos para além do saber dos homens, não encontrados em livro algum, e é meu privilégio dá-los a vós."

— RANDALL.

No último capítulo dei-vos a descrição de uma sessão do nosso ponto de vista e, neste, procurarei descrevê-la do ponto de vista dos que nos falaram. O que se segue não é produto da minha imaginação. Estou a relatar, tão claramente quanto as palavras permitem, o que me foi dito por vozes que não pertenciam a este nosso mundo físico. Cada palavra pôde ser ouvida distintamente e foi registada em papel no momento.

Antes, porém, de prosseguir, compreendamos de novo um pouco mais acerca de nós próprios e do nosso mundo físico. Já referi que muito seria dito, neste livro, acerca de vibrações e que quem não conseguir pensar em termos de vibrações não poderá entender o universo em geral, nem o tema particular deste livro, tal como um homem não pode entender finanças se não tiver noções de aritmética. Todo o universo é apenas uma gigantesca escala de vibrações, mas só um número infinitesimal delas afeta os nossos sentidos.

Deixem-me tornar isto mais claro. Quando vemos um objeto, o que vemos são as suas vibrações. Estas viajam até nós a partir do objeto por meio de ondas de éter, incidem nesse órgão extremamente sensível que é o olho, são daí transmitidas para outro órgão sensível, o cérebro, e do cérebro para a mente. A mente transforma-as então numa imagem mental. A nossa mente é

constituída por uma substância plástica, capaz de ser moldada por essas vibrações numa figura; e, quando vemos uma mesa, na realidade não vemos a mesa, mas a imagem mental formada na mente pelas vibrações emitidas pelos eletrões nos átomos que compõem a mesa.

Talvez isto se entenda melhor se voltarmos, mais uma vez, ao nosso aparelho de rádio. Nós não ouvimos a voz do orador no nosso recetor. A sua voz faz vibrar a atmosfera na sala de onde transmite. Essas vibrações afetam um instrumento semelhante a um tambor, que, por sua vez, atrasa ou acelera uma corrente elétrica. Esta corrente emite ondas no éter, que, de modo análogo, atrasam ou aceleram a corrente elétrica que passa pela nossa antena. Essa corrente atravessa o nosso recetor e faz vibrar a membrana do altifalante. Essa vibração gera vibrações na atmosfera da sala onde nos sentamos, que incidem nos nossos tímpanos. Daí, são conduzidas ao cérebro e depois à mente, que produz imagens mentais a partir do que é ouvido.

Do mesmo modo com o tato: as vibrações que um artigo emite, depois de passarem pelos nossos nervos e cérebro, fazem vibrar a mente, e temos a sensação do tato. Cada substância diferente emite um número distinto de vibrações e podemos, pelo tato, perceber se seguramos um objeto de madeira ou um tecido de algodão; mas o nosso sentido do tato não é quase tão apurado quanto a visão, pelo que, por vezes, não conseguimos, só pelo tato, compreender o que tocamos.

Ora, o mundo físico é formado por uma certa gama de vibrações que afetam os nossos sentidos, mas estas são apenas uma pequeníssima parte das vibrações que se sabe existirem. As vibrações que compõem o mundo físico que vemos variam de cerca de 34.000 a 64.000 ondas por polegada, e isso é o que se chama o espectro visível do espectroscópio, entre o infravermelho e o ultravioleta.

Isto traz-me agora ao ponto que desejo esclarecer: primeiro, que apenas percebemos ondas entre dois pontos fixos; segundo, que existe um número enorme de vibrações para além do ultravioleta e do infravermelho, que existem embora não sejam por nós percebidas. Venho agora ao que me foi dito sobre os meios usados para nos falar pela chamada Voz Direta, por aqueles que baixaram as suas vibrações durante algum tempo e me falaram de muitos assuntos relativos à sua ordem de vida. Como é possível que as suas vibrações superiores sejam reduzidas o suficiente para fazer vibrar a nossa atmosfera?

Consideremos o crescimento de uma criança desde o momento da conceção até ao tempo da morte, e o que se segue depois, e, se o fizermos corretamente, tudo se torna muito mais simples de entender. A conceção só é possível quando a mente se associa a substâncias etéricas e físicas. A mente é de uma ordem diferente da matéria; é substância — não temos outro nome — a vibrar muito para além do ultravioleta. Esta substância mais fina une uma célula masculina a uma célula feminina e então o desenvolvimento começa.[1]

No escuro — e isto só é possível, ao princípio, na escuridão, pois a luz tornaria esta materialização impossível —, essa substância mais fina reúne à sua volta matéria física, ou, por outras palavras, matéria a vibrar entre o infravermelho e o ultravioleta. Essa substância mais fina pensa desde o início, forma a estrutura à qual a matéria mais grosseira se agrega, até que, a seu tempo, se forma um corpo. Depois de este corpo estar forte o suficiente para suportar as vibrações da nossa luz, sai da escuridão — e temos o que se chama nascimento.

Uma alma ou uma mente (qualquer palavra serve) chegou para funcionar no mundo físico. O processo de desenvolvimento continua, a matéria física continua a juntar-se à estrutura etérica e, juntamente com o crescimento físico, prossegue o crescimento mental. Este último nunca cessa, embora, com a velhice, a mente já não consiga funcionar com a mesma facilidade.

[1]*Todo o gérmen de vida é uma trindade, contendo mente, matéria etérica e matéria física, sendo estas duas últimas as que constituem o corpo. Cada célula física tem, assim, uma célula etérica duplicada, de modo que o corpo etérico é, célula por célula, semelhante ao corpo físico.*

Seja quando for que a morte chegue, a individualidade está definitivamente estabelecida, porque à mente pertencem as qualidades que nos fazem aquilo que somos.

A cabeça física protege a mente das vibrações físicas, e essa função é desempenhada, de modo análogo, pela cabeça etérica quando nos tornamos seres etéricos, pois, em Etheria, a mente tem de ser protegida das vibrações etéricas. É a mente individualizada que produz o indivíduo e, de facto, é o próprio indivíduo, porque a ela pertencem a memória, os afetos e tudo o que constitui o nosso carácter e personalidade.

Na morte, a veste física é descartada para regressar à terra de onde veio, mas a mente e o corpo etérico passam para um novo ambiente. Não ocorre

mudança de localização de imediato e o ser etérico, após a morte, permanece por curto tempo no mesmo lugar onde a morte teve lugar. Contudo, como o corpo etérico pertence a uma gama superior de vibrações, passa a responder a elas e fica incapaz de responder a vibrações físicas, uma vez que o corpo físico foi descartado. Já não sente o seu corpo físico, mas apenas as coisas do mundo etérico.

Em vida terrena, a matéria a vibrar dentro de certos limites incidia sobre a mente por meio do corpo físico; no mundo etérico, porém, vibrações de uma gama mais alta incidem sobre o corpo etérico e, através dele, na mente. A mente fica então ciente apenas dessas vibrações superiores; aprecia a estrutura mais fina do corpo etérico e reconhece a forma que o corpo assume, porque o corpo etérico vibra tal como vibrava o corpo físico.

Assim, tudo parece tão real e sólido quanto era na Terra, porque a mente e o corpo etérico funcionam agora numa nova gama de vibrações com as quais estão sintonizados. O que para nós, na Terra, parece etéreo — a que damos o nome de espírito — não o é para os Etherianos, que nos encaram, aqui na Terra, de modo tão etéreo como nós os encaramos a eles.

O corpo terreno, desde a conceção, ligou-se a uma substância etérica que foi moldada conforme a mente dirigiu. Consequentemente, quando o corpo físico foi posto de lado na morte, a mesma mente persistiu, e o seu até então invisível corpo etérico tomou o lugar do corpo físico. O homem morto continua vivo e inalterado no aspeto, e despede-se do seu corpo antigo. De resto, a única diferença a notar é o novo ambiente. A mente é indestrutível; a mente persiste, embora a morte mude a sua cobertura visível e o ambiente; mas o corpo etérico conserva a forma que tinha na Terra, a mente continua a pensar do mesmo modo e lembra as suas experiências terrenas.

Mesmo que o corpo físico fosse cego por algum defeito dos olhos, os olhos etéricos não o eram e, após a morte, os olhos etéricos veem e o cego deixa de o ser. Do mesmo modo, se o corpo físico carecia de um braço, ou de uma perna, ou tinha outras incapacidades, o corpo etérico não estava afetado e, embora os membros físicos faltassem, o etérico permanecia. Nada de valor se perde com a morte; apenas se alcança um novo ambiente que, de início, é justamente aquele onde a morte ocorreu.

Por conseguinte, a morte, que tem sido um mistério e um terror para a humanidade, reduz-se a algo que agora podemos compreender: a mudança de corpo permite à mente responder a outra ordem de vibrações. Isso, e

nada mais. Não somos nem conduzidos à presença de Deus, nem aniquilados. O que acontece é que passamos a sentir um novo ambiente, num corpo que sempre lá esteve, encerrado no corpo físico, mas que requer a mudança chamada morte para o apreciarmos. A partir desse evento, o corpo etérico responde a essas novas vibrações. O que não pode fazer é ascender a um plano de vibração mais alto do que aquele a que está apto a responder; mas pode, pelo pensamento, responder a vibrações mais baixas, até às do mundo físico.

Assim passamos a entender como o que ocorre numa sessão é simultaneamente razoável e natural. As pessoas do outro mundo — homens e mulheres como nós — têm os seus mensageiros em contato com a Terra, que informam que uma sessão vai ter lugar, e a notícia espalha-se mais rapidamente do que a informação na Terra. O poder do pensamento nesses planos de vibrações superiores ultrapassa a nossa capacidade de compreensão. Os que querem falar regressam à Terra, ou baixam as suas vibrações, reunindo em torno dos seus órgãos vocais o que se chama ectoplasma, retirado ao médium e aos assistentes. Isto explicarei agora com mais detalhe.

Para obter a Voz Direta, precisamos, em conjugação com os do mundo etérico, de criar as condições necessárias; caso contrário, o fenómeno não se produzirá. Eles, do outro lado, requerem a nossa cooperação tanto quanto nós somos os cooperadores ativos. Precisamos de um indivíduo — o médium — dotado de certas forças vitais, ou substâncias, em grau algo superior ao normal. A essas, nós, os assistentes, juntamos a nossa vitalidade normal.

Isso constitui a nossa parte no processo; o restante é realizado por aqueles que trabalham connosco para além do véu. À medida que as minhas investigações progrediram, fiquei impressionado com as complicações do procedimento no mundo etérico necessárias para produzir as condições que tornam a comunicação possível. Um grupo de homens etéricos, peritos no manuseio de substâncias químicas orgânicas, trabalha connosco. Logo que nos reunimos, põem-se a cumprir a sua parte.

O grupo é constituído por um diretor de operações; um ou mais químicos; um que move o trompete na direção de quem, no etérico, deseja falar; e outro que recolhe as substâncias do médium e dos assistentes, ligando-os ao químico que deles extrai o material necessário. Este elo estende-se do médium e dos assistentes até um ponto central, e a substância retirada é

reunida, pelo químico, numa taça etérica, na qual ele também adiciona substâncias etéricas próprias. Outro elemento do grupo ajuda os recém-chegados etéricos a falar, dizendo-lhes o que fazer; outros mantêm afastados aqueles cujo único interesse é a curiosidade; e Whitefeather, de quem já falei, considera-se o mais importante de todos, pois é incumbido de avisar quando uma sessão vai ter lugar, para que todos os operadores estejam presentes e nos seus postos.

Tal é a descrição geral do *modus operandi* da voz Direta, no lado físico e no lado etérico da vida; mas, dadas as condições necessárias, qual a explicação de tudo o que acontece?

Antes de mais, temos de aceitar a sua afirmação de que o corpo etérico é, em todos os aspetos, um duplicado do corpo físico, tanto no tocante aos órgãos internos como aos externos. Na vida etérica, a comunicação processa-se do mesmo modo que na vida terrena. Os órgãos vocais fazem vibrar a sua atmosfera, a língua move-se, os pulmões inspiram e expiram o equivalente ao nosso ar — tudo procede como aqui na Terra, com a única diferença de que tudo ocorre em matéria de estrutura muito mais fina e a uma taxa de vibração muito mais rápida.

Assim, os seus órgãos vocais, embora possam operar no seu mundo etérico, não o conseguem fazer no nosso mundo mais grosseiro. A sua textura é demasiado fina para que tenham qualquer efeito sobre a nossa atmosfera. É necessário criar novas condições, em que as vibrações sejam mais lentas. Para as obter, é imprescindível a escuridão absoluta, ou luz vermelha suavizada, pois os raios de luz branca desagregam e desintegram essas forças e substâncias mais finas com as quais trabalham. Os melhores resultados obtêm-se quando as noites estão límpidas e a atmosfera livre de humidade. Mesmo nas melhores condições, o equilíbrio que permite a fala é extremamente delicado e, além do exposto, os assistentes devem estar com boa saúde e em harmonia entre si.

Imaginemos agora que estamos sentados em círculo, com o médium entre nós; que, cantando, fizemos vibrar a atmosfera durante cerca de um quarto de hora, quando, de súbito, uma voz — clara, distinta e afastada do médium — irrompe, e, após dar nome e morada terrena, trava conversa com um de nós. O que aconteceu realmente? Esta era a pergunta que me ocupava sempre o pensamento depois de me habituar a estas estranhas condições. Seria o médium a imitar alguém, ou um cúmplice entre os assistentes? Por

muitas razões, fiquei convencido de que essa voz não provinha de nenhum ser humano, mas que por detrás dela havia uma personalidade, que não era deste mundo, presente na sala. Propus-me, então, descobrir qual era, de facto, a causa por trás deste efeito e, por meio de uma série de perguntas e respostas, ao longo do tempo, foi-me dito o seguinte que, por brevidade, exporei com as minhas próprias palavras.

O químico, a quem já me referi, depois de misturar as substâncias que obtém do médium e dos assistentes com os seus próprios ingredientes, pega na preparação final e, com ela, primeiro materializa as mãos e depois forma uma máscara grosseira à semelhança de uma boca, garganta e pulmões. Esta, quando concluída, é colocada na parte mais adequada da sala, muitas vezes no centro do círculo.

A pessoa etérica (a quem, doravante, chamaremos o espírito) que deseja falar então "penetra" nessa máscara, lenta em vibração, e com ela reveste ou cobre a boca, garganta, língua e pulmões. Estes órgãos passam então a ter uma condição mais espessa ou mais pesada, a língua requer mais esforço para se mover, mas com um pouco de prática tudo se torna possível. O comunicador, assim, por algum tempo, assumiu as condições necessárias para se tornar de novo semelhante a nós no que respeita à sua capacidade de formar palavras que possamos ouvir.

Ele é de novo, até certo ponto, um habitante da matéria, mais lenta em vibração, de modo que, quando fala, produz os mesmos efeitos na nossa atmosfera que nós produzimos quando falamos. Ele e nós estamos na mesma sala, a poucos pés uns dos outros, ele de pé, a falar-nos, e nós sentados, a responder. Ele ouve-nos e nós ouvimo-lo. Esta condição dura apenas por curto tempo, raramente por mais de dez minutos. Quando a desmaterialização começa, o material cai, e, embora a sua boca possa continuar a articular, já não se ouve. É isto, em síntese, o que querem dizer quando afirmam que assumem condições terrenas a partir do nosso meio.

Todos os médiuns de voz Direta possuem certa força vital, ou substância; todos os assistentes a têm em menor grau; e a isto se acrescentam, por parte dos químicos etéricos, outras forças ou substâncias etéricas, cuja combinação é um material suficientemente lento em vibração para fazer vibrar a nossa atmosfera. A única coisa que não conseguimos entender é como o comunicador se reveste dela, ou a absorve. Qual é o efeito exato produzido quando ele "penetra" nela e fica coberto por ela? Um dia, sem dúvida,

descobriremos a explicação, mas o que escrevo é, em substância, tudo o que me foi dito.

Quando pedi mais pormenores, disseram-me que eu não compreenderia e que me devia contentar com a informação que, até agora, me tinha sido dada. Tive, pois, de me dar por satisfeito; mas repito aqui que muitas vezes encostei o ouvido mesmo à boca do médium e nada ouvi para além da sua respiração regular, embora, nesse momento, uma voz estivesse a falar com alguém, estando apenas os meus amigos pessoais presentes na sala de sessões da Glasgow Society for Psychical Research.

Numa ocasião, o comunicador disse-me que estava a ser usado a laringe do médium e que a sua voz estava a ser levada por um tubo psíquico até ao trompete, que a amplificava para que a pudéssemos ouvir. Por outras palavras, estava a utilizar os pulmões, a laringe e a boca do médium para evitar a necessidade de materializar esses órgãos; mas, mesmo assim, eu não ouvia o médium a falar.

Esta informação ficou mais clara com respostas a novas perguntas. Quando uma voz fala através do trompete, nem sempre é independente do médium, nem procede sempre de uma entidade materializada no centro do círculo. Nem sempre a força é bastante para manter esta forma de comunicação durante toda a sessão. O que acontece é o seguinte: o comunicador que deseja falar controla o médium e fala através dele. O comunicador, contudo, não tem o mesmo controlo sobre o médium que os seus controlos regulares, e a voz produzida é, por vezes, pouco mais do que um sussurro.

A voz é conduzida da boca do médium por meio de um tubo materializado de ectoplasma, ou tubo psíquico, até ao trompete, que amplifica a voz para que possa ser ouvida. Falando nestas circunstâncias, o comunicador coloca-se atrás do médium, cujo corpo etérico, nesse momento, está destacado do corpo físico; por outras palavras, o médium está em transe. O comunicador consegue assim controlar os órgãos vocais do médium.

Existe um elo de ligação etérico, que tem sobre os músculos do médium o mesmo efeito que as ondas atmosféricas produzem em dois diapasões afinados no mesmo tom. Tal como as vibrações de um atuam sobre o outro, assim os dois conjuntos de órgãos vocais — os do orador etérico e os do médium — atuam em uníssono. Assim, o que o espírito diz, o médium diz, trabalhando ambos os conjuntos de órgãos em harmonia.

Essa informação satisfez-me até certo ponto, mas a questão era: como é produzido o som? Os nossos lábios formam as palavras, a nossa laringe produz o som. Perguntei então o que causava o som, e disseram-me que a laringe do médium era utilizada para esse fim e que o som era conduzido a partir dele, por meio do tubo etérico, até ao trompete. Ficou, porém, claro que o que era transportado do médium para o trompete não era ar proveniente dos pulmões do médium. A laringe é usada para causar o som, mas não por meio de ar a passar pelas cordas vocais. A atmosfera é feita vibrar por um método próprio deles, e disseram-me que eu devia aceitar o facto de que a laringe era usada para produzir o som, que era levado ao trompete a partir do espírito que estava a falar.

Não há, insistiu o meu informador, qualquer questão de as mensagens serem influenciadas pela mente do médium, pois a mente dele não entra de todo em questão. Não atuam por intermédio da mente do médium, mas Diretamente sobre os seus órgãos vocais. A mente do orador etérico tem controlo completo, e o cérebro do médium é desligado durante esse período. O que às vezes ouvimos, portanto, é a voz do médium através do trompete, embora soe completamente diferente da sua, como sempre sucede em transe — e esta forma de comunicação difere da Voz Direta, porque a voz é conduzida até ao trompete e não produzida completamente à parte do médium. Por vezes dizem-me que conseguem conduzir a voz para dentro do trompete do outro lado do círculo.

Nas sessões de Sloan, temos, portanto, três formas diferentes de comunicação. Primeiro, as comunicações em transe. Segundo, o método agora descrito; e, terceiro — o melhor de todos —, vozes de homens, mulheres e crianças etéricos que materializaram os seus órgãos vocais e pulmões e falam como nós, sem qualquer ligação com o médium, exceto a substância ectoplásmica necessária para a materialização, que "tomam emprestada" ao médium e aos assistentes.

O trompete é movido por varas materializadas, feitas por uma combinação dessas substâncias fornecidas pelo médium, pelos assistentes e pelo seu químico. Pode também ser movido por uma mão materializada, e a extremidade maior serve para apoiar a boca materializada, no interior do trompete, orientando assim a voz na direção em que o comunicador deseja falar, sem que ele necessite mover-se do lugar onde se materializou. Pode usar-se qualquer das extremidades do trompete, conforme melhor convier. Quando o trompete não é usado, significa que a substância é suficiente e a

força bastante para permitir uma ou mais materializações, geralmente nas proximidades da pessoa com quem o comunicador deseja falar. Assim, por vezes, ouvi duas e, por vezes, três vozes a falar com pessoas diferentes ao mesmo tempo.

Nem sempre, porém, a pessoa que diz falar está presente, pois aqueles que passaram pelo que se chama a segunda transição, para um plano mais elevado de pensamento, têm dificuldade, senão impossibilidade, em comunicar. Podem, no entanto, comunicar com os que estão no plano inferior, sendo as suas mensagens recolhidas e transmitidas por algum Espírito presente na sessão. Julgo que isto acontece com frequência, mesmo entre os que se encontram à superfície da esfera que confina com esta Terra e que acham difícil comunicar mediante a materialização dos próprios órgãos vocais. Um irlandês em vida etérica, de nome Gallacher, disse-me que grande parte do seu tempo numa sessão era ocupada a recolher mensagens e a passá-las adiante. Chama a si próprio a "central telefónica".

Perguntei um dia se os órgãos vocais materializados podiam ser tocados e se tinham peso; disseram-me que sim e que tinham o peso que nós, os assistentes, perdêramos durante a sessão. Se cada um de nós se sentasse numa balança, verificaríamos que, ao longo da sessão, o nosso peso ia diminuindo gradualmente e, aproximando-se o fim, à medida que o ectoplasma era devolvido, o nosso peso regressaria ao normal. As experiências do Dr. Crawford e de outros provaram ser correta esta afirmação. Esse ectoplasma, que extraem de nós, é inútil se não for misturado com ingredientes fornecidos pelo químico, pois a materialização não podia ocorrer com ectoplasma apenas.

Essa combinação ectoplasma-etérico é, disseram-me, a preparação necessária não só para a materialização, mas para o movimento, pelos do outro mundo, de todos os objetos físicos. Nada podem mover na Terra sem ela. Os nossos corpos são compostos dos ingredientes a partir dos quais extraem essa substância chamada ectoplasma. Tenho, porém, achado impossível obter qualquer informação pormenorizada sobre quais os ingredientes químicos da substância que acrescentam ao ectoplasma. O químico não mo quis dizer, pois afirmou que eu não compreenderia, ainda que o dissesse. Perguntei um dia se os pensamentos do médium de algum modo coloriam as comunicações que vinham por meio da voz Direta, e a resposta que recebi foi: "De modo nenhum."

Quanto ao que se passa quando o médium fala em transe: disseram-me que o espírito que deseja falar recolhe ectoplasma do médium e assim obtém controlo dos seus órgãos vocais. No que toca a Sloan, o seu cérebro não é utilizado de forma alguma. O que ocorre é, em resumo, isto: o ectoplasma forma o elo de ligação entre o espírito que fala e os órgãos vocais do médium e, à medida que o espírito fala, assim se movem os órgãos vocais do médium. Aqui não ocorre materialização da boca, garganta e língua; são usados os órgãos vocais do médium para fazer vibrar a atmosfera e formar as palavras proferidas pelo espírito — homem, mulher ou criança — que controla.

A minha pretensão, neste livro, é a de apresentar uma explicação, ao mesmo tempo lógica e razoável, de como ocorre o fenómeno da Voz Direta, uma explicação que deverá agradar a toda a gente. A prova, tal como se contém nos quatro capítulos seguintes, pode não ser, por si só, suficiente para convencer a pessoa comum; mas, quando também se consegue fornecer uma explicação lógica, a aceitação do fenómeno torna-se muito menos difícil. Criei condições para tornar a fraude e a impostura impossíveis e, por persistente indagação, obtive informação sobre o Mundo Etérico, os seus habitantes e o modo como a comunicação tem lugar, informação que deverá satisfazer a generalidade das pessoas.

Que eu saiba, isto nunca foi tentado antes de forma igualmente sistemática; mas é preciso lembrar que lidei, toda a vida, com factos duros. Na minha vida profissional, requereu-se-me conhecimento de economia e de matemática e, fora disso, o meu interesse especial tem sido a física.

Abordei, portanto, este assunto de forma pragmática e obtive informação que torna os fenómenos, para mim — pessoa desapaixonada —, ao mesmo tempo razoáveis e naturais. Consequentemente, esta investigação deverá ajudar a elevar o estudo dos fenómenos psíquicos a um plano mais elevado de pensamento e ser mais um degrau no caminho de virem a ser, em última análise, colocados sobre uma base estritamente científica.

CAPÍTULO 7
A MINHA PRIMEIRA PROVA

"A busca da verdade é a mais nobre ocupação do homem, e a sua divulgação é um dever." — De Staël.

Os capítulos anteriores devem ser considerados como uma introdução ao tema deste livro. Chego agora ao cerne de toda a questão: a prova. É sobre a prova que tudo assenta e sobre ela se constrói todo o argumento.

Poder-se-á alegar que a prova deveria ter vindo primeiro e as deduções por último; mas, num caso como este, há que preparar o terreno para que a possibilidade de comunicação seja primeiramente aceite e se entenda o que ocorre numa sessão.

Em 1918, a minha esposa adoeceu gravemente e teve de ser internada numa casa de saúde em Glasgow, onde foi operada, da qual recuperou e, felizmente, não ficou pior. Para estar perto dela, permaneci em Glasgow e, estando sentado com ela numa noite de domingo, observei que gostaria de apanhar ar fresco e sairia para dar um passeio. Mal imaginava o que esse passeio significaria para mim — foi o início de uma mudança completa na minha visão mental da vida e da morte.

Deambulei por uma rua e por outra, algo sem rumo, até passar por uma igreja com o nome "Spiritualist Church" exposto com destaque à frente. Parei para ver como era, pois não me lembrava de a ter visto antes, e desconhecia que tal denominação existisse. O pouco que sabia de Espiritismo constava de um livro que a minha esposa recebera recentemente e que, a mim, numa olhadela casual, me parecera demasiado fantástico para reflexão séria. Deitei-o de lado como indigno de leitura e, agora, nessa noite de domingo, estava diante da entrada de uma igreja espiritualista. "Porque não entrar e ver como é por dentro?", pensei — e assim fiz.

Decorria um culto, e o orador falava à congregação de coisas maravilhosas que experimentara. Sentei-me e ouvi e, terminado o culto, fui até ele e disse-lhe o seguinte: "Espera realmente que eu acredite no que disse esta noite? Pode ter caído bem junto de algumas pessoas simplórias que o ouviram, mas espera que um pensador racional aceite como verdade o que afirmou? Consegue prová-lo?"

De tempos a tempos confrontei um pároco com perguntas e recebi como resposta: "Não, não posso provar nada, mas é aí que entra a fé. Deve crer e

não duvidar." O espiritualista, que agora desafiei, disse exactamente o oposto: que eu não podia ser esperado que acreditasse sem prova. "A prova é essencial", continuou; "e o que os espiritualistas creem nasceu da experiência. Todas as afirmações feitas pelos espiritualistas podem ser provadas e, se quer ter prova, pode obtê-la." "Como?", perguntei. "Indo a um médium", respondeu. "Pode levar-me a um?", perguntei. "Posso, amanhã à noite, se lhe convier", replicou.

Essa resposta agradou-me, e aceitei a oferta. Ficou, pois, combinado que, na noite seguinte, me encontraria com ele às sete horas, na esquina da North Frederick Street com a George Street, e ele levar-me-ia a uma sessão que se realizava todas as segundas-feiras numa casa ali perto. Quando voltei e disse à minha esposa para onde ia, ela perguntou-se se seria prudente. Ir com um estranho a uma casa estranha parecia-lhe correr um risco injustificável; mas não levantou objecção, e eu compareci ao encontro no dia seguinte, como combinado.

Consequentemente, no dia seguinte, segunda-feira, 20 de Setembro de 1918, encontrámo-nos no local combinado e caminhámos por uma rua sossegada até uma casa cuja entrada se fazia por um corredor. Disse-me que íamos à casa de John Sloan, que era médium. Entrámos no corredor e o meu guia desconhecido bateu à porta do lado direito. Abriu-se e fomos conduzidos para uma pequena sala onde estavam dez pessoas, todas sentadas em cadeiras em círculo.

A luz estava acesa e a conversa era geral. Um homem tocava um hino num harmónio. Deram-nos lugares no círculo e não houve apresentações. Tudo o que o meu guia disse foi uma observação ao homem do harmónio de que trouxera alguém com ele. E foi tudo. O meu guia não sabia o meu nome, eu não sabia o dele — e o resto das pessoas eram para mim completos estranhos. Classifiquei-os como pertencentes ao que se chama a classe trabalhadora: pessoas simpáticas, bondosas, decentes, que me deram um acolhimento muito afável.

O homem do harmónio disse então que era hora de começar e apagou a luz. Tocou-se e cantou-se um hino e depois outro, mas, antes de este terminar, o organista virou-se e tomou o seu lugar no círculo. Pouco depois, uma voz masculina, forte, falou mesmo em frente do meu vizinho da direita. Ouvi tudo o que foi dito e o nome que deu, sendo a conversa íntima entre a minha vizinha — uma senhora — e essa voz. Ela evidentemente já tinha falado antes

com a voz e recebeu tudo com calma e naturalidade. A voz parecia saber tudo o que de importante ela fizera desde a última conversa, e terminou com carinho e a promessa de voltar na sessão seguinte.

Quando a voz terminou, ela anunciou serenamente a todos que tinha estado a falar com o marido, que tomei por falecido. Isto prosseguiu durante três horas, dezenas de vozes a falar com pessoas diferentes — vozes de homens, de mulheres, de crianças — todas as quais, disseram-me, provinham de pessoas chamadas mortas. A voz de uma mulher falou a um homem sentado à minha esquerda. Deu um nome e referiu acontecimentos em sua casa. Referiu-se especialmente a Tom, que estava a dar trabalho ao pai, e depois veio o conselho sobre como devia ser tratado. Questões familiares íntimas foram discutidas entre o meu vizinho e essa voz feminina e, por fim, com carinho disse "Adeus". "Era a minha esposa", sussurrou-me ele. "Nunca venho aqui sem que ela venha ter comigo. Sabe sempre tudo o que se passa em casa."

Eu começava agora a sentir que era o único a ser omitido daquele estranho mosaico de conversas que parecia continuar sem parar. Tudo o que se dizia era dado como correto e eu perguntava-me como seria possível a qualquer ser humano estar tão por dentro de todos os amigos falecidos e dos assuntos privados dos assistentes, ao ponto de conseguir imitar os seus parentes defuntos da maneira como estava a acontecer.

Não só o suposto imitador conhecia intimamente os amigos e familiares deles como também cada voz era diferente, os maneirismos eram diferentes — de facto, cada voz tinha uma personalidade distinta. Que ator extraordinário haveria entre nós para conseguir sustentar aquilo durante horas a fio e lembrar-se, no escuro, de onde todos estavam sentados, visto que a pessoa certa era sempre Diretamente interpelada, sem nunca um erro.

Tais eram os meus pensamentos quando, de repente, mesmo em frente do meu rosto, uma voz forte falou comigo. "Sim, quem é?" — perguntei, recebendo a resposta:

"O teu pai, Robert Downie Findlay."

A voz continuou a falar e referiu-se a algo que só o meu pai e eu, e mais um homem, alguma vez soubemos em vida — e esse outro homem, tal como o meu pai, estava morto. Eu era, portanto, a única pessoa viva na Terra com qualquer conhecimento do que a voz estava a falar. Era um assunto privado

de que nem eu nem o meu pai, nem qualquer outro homem, em vida, alguma vez faláramos a qualquer outra pessoa. Tudo isto já era extraordinário, mas imaginem a minha surpresa quando o meu pai concluiu dizendo:

"David Kidston está aqui ao meu lado e também gostaria de falar contigo sobre este assunto!"

Ora, David Kidston era o nome do outro homem que sabia desse assunto privado. Fora sócio do meu pai e foi meu sócio depois da morte dele. Apenas nós três sabíamos dessa questão privada e ali estava eu, numa casa de um operário de Glasgow, completo estranho para todos, a ser interpelado por duas vozes diferentes sobre algo conhecido apenas por mim e por dois homens mortos. Além disso, as vozes que falaram diziam ser as vozes desses dois homens, e Kidston continuou a conversa com toda a naturalidade, que o meu pai começara, concluindo com estas palavras:

"Estou contente por finalmente tirar isto do peito."

Quando escrevi pela primeira vez *On the Edge of the Etheric*, incluí esta experiência e outras que tive com este médium, mas não dei pormenores do que as vozes me disseram nessa ocasião. Pareceu-me então mais sensato dar apenas um esboço do que aconteceu e nada mais, pois relatar o que disse a voz que afirmava ser do meu pai e o que disse a voz que afirmava ser de Kidston teria implicado demasiada explicação antes de o assunto poder ser entendido. Agora, porém, que a minha vida passada foi tornada pública na minha autobiografia *Looking Back*, não há razão para que tudo não seja contado.

O que o meu pai disse, depois de dar o nome, foi o seguinte:

"Lamento muito não te ter levado para o meu negócio. Ter-me-ia agradado fazê-lo, mas o Kidston opôs-se. Se tivesses estado comigo, teria aliviado muito a minha vida, pois achei o negócio um grande esforço para mim. O David Kidston está ao meu lado e também gostaria de falar contigo sobre isto."

Então falou uma voz dizendo ser a de David Kidston:

"Eu sou o David Kidston. Errei ao opor-me à tua entrada no nosso escritório. Lamento tê-lo feito, mas agora não precisas de ter quaisquer remorsos. Estou contente por, finalmente, tirar isto do peito."

Tudo isso era verdade, mas só o meu pai, eu e Kidston sabíamos, e o incidente referido acontecera quando o meu avô morreu, em 1904, catorze anos antes. Quando ele faleceu, eu disse ao meu pai que gostaria de entrar para o escritório de Findlay, Kidston & Goff, pois agora as minhas perspetivas de me tornar sócio em Patrick Henderson & Co. já não eram tão risonhas. A influência do meu avô tinha desaparecido e eu poderia ter de esperar anos antes de me tornar sócio. O meu pai concordou e disse que falaria com o Kidston sobre isso, pois eu seria de grande ajuda para ele. Grande foi a minha deceção quando me disse que o Kidston não concordava, porque o negócio rendia o suficiente apenas para três sócios. Ele, evidentemente, previa o dia em que o meu pai iria querer fazer-me sócio, e isso significaria menos a repartir.

Kidston era tão míope que não conseguia prever que eu poderia trazer novos negócios suficientes à firma para justificar que me fizessem sócio; mas era um homem muito difícil de trabalhar e o meu pai passou por alguns momentos desagradáveis com ele. Era rude, seco no trato e autoritário, tanto que o meu pai até o temia um pouco. Assim, soube que o que o Kidston dissera era definitivo e nunca mais voltei a levantar a questão, embora, como nem ele nem Goff tinham filhos, eu visse algo de bom a escapar-me por entre os dedos. Assim, o meu pedido e a sua recusa ficaram conhecidos apenas por nós três. Contudo, lá estava eu a ouvir, numa casa estranha e na companhia de pessoas que nunca tinha visto na vida, o que acontecera catorze anos antes.

Era, de facto, um problema. Nenhum sistema de espionagem, por mais completo que fosse, nenhuma fraude ou imitação pelo médium ou por quem quer que fosse poderia ser responsável pelo que eu experimentara. Defrontava algo completamente inexplicável. Essa foi, então, a minha primeira introdução ao Espiritualismo e, quando a sessão terminou, fui apresentado ao médium, John Campbell Sloan, o homem que estava ao harmónio quando entrei. Agradeci-lhe a hospitalidade e perguntei-lhe se poderia voltar, pois estava ansioso por saber mais sobre o assunto.

Saí da casa de Sloan acompanhado do homem que me levara lá, e ele recebeu a minha experiência como coisa natural. "É assim que as pessoas se tornam espiritualistas", disse. "Eu disse-lhe que podia provar-lhe o que afirmei ontem à noite e, veja, fi-lo." Disse-me que se chamava Duncan McPherson e soube mais tarde que era um líder muito respeitado do movimento espiritualista de Glasgow, ele próprio sendo médium. Anos depois morreu e voltou numa

sessão em que o meu irmão esteve presente, em Manchester. Ele, McPherson, falou com o meu irmão e disse que tinha sido ele a levar-me à minha primeira sessão depois de me conhecer na Scottish Mediums' Union Church num domingo à noite. O meu irmão respondeu: "Creio que está enganado; conheceu o meu irmão na Holland Street Spiritualist Church."

"Não, não foi", respondeu, "foi na Scottish Mediums' Union Church, no n.º 100 da West Regent Street, que conheci o seu irmão, e levei-o no dia seguinte à casa do Sloan. Pergunte ao seu irmão e verá que tenho razão."

O meu irmão perguntou-me, da próxima vez que nos vimos. Ele é que estava enganado, e a voz que dizia ser de McPherson tinha razão. Foi na Scottish Mediums' Union Church que nos conhecemos pela primeira vez, pelo que a telepatia — se a telepatia pudesse produzir uma voz, o que não pode — não é a explicação do modo como isto sucedeu.

Durante os cinco anos seguintes assisti a trinta e nove sessões com Sloan, por vezes em sua casa e outras em locais por mim escolhidos. Oitenta e três vozes distintas falaram comigo ou com amigos que levei comigo. Expus, neste livro, os pormenores das precauções que tomei para me certificar de que não era Sloan quem falava. Sentei-me com ele, por vezes, a sós, e as vozes falaram mesmo quando o meu ouvido estava a menos de uma polegada da sua boca, que estava silenciosa. Por vezes, duas e três vozes falavam ao mesmo tempo. Ocasionalmente, as vozes eram tão fortes que podiam ser ouvidas do outro lado da rua. As experiências mais convincentes foram quando levei estranhos a uma sessão. Sloan nada sabia sobre eles e eu nunca mencionava os seus nomes. Eis alguns casos que se enquadram nesta categoria.

Uma noite levei comigo a viúva de um homem cujo corpo fora cremado nesse dia e cujo funeral eu tinha assistido. Apresentei-a ao Sloan por outro nome. Uma voz falou comigo quando a sessão começou:
"Porque deste o nome errado da senhora? Nós sabemos quem ela é, e o marido dela, Louis Pearson, está aqui para falar com ela."

Pearson falou então, observando que lhe levaria algum tempo a refazer-se de ver o seu corpo terreno a ser queimado. Ao falar com a esposa, ficou muito emocionado, de tal modo que não conseguiu continuar a conversa com ela, para grande desapontamento dela.

Noutra ocasião levei comigo um professor da Universidade de Glasgow. Não dei o seu nome; eu sabia pouco sobre ele, mas a experiência interessava-me. Uma voz falou-lhe numa língua que não entendi. Ele respondeu na mesma língua, e a conversa prolongou-se durante algum tempo. Depois de a sessão terminar, perguntei-lhe que língua falara. Respondeu: "Falei galês; eu sou galês, e a voz que me falou deu o nome de um velho jardineiro que empreguei quando vivi no País de Gales. Sabia tudo sobre mim, e o que disse era inteiramente verdade!"

Estas duas experiências nunca tinha registado antes, nem o facto de o meu pai ter regressado noutras ocasiões e me ter dado boas provas da sua presença e sobrevivência; mas poderia continuar e continuar. Algumas das minhas experiências podem encontrar-se relatadas nos meus livros; outras nunca as contei publicamente; de facto, tenho dezenas de incidentes semelhantes guardados na memória ou registados, tão probatórios como quaisquer outros que publiquei.

Muitos amigos e parentes falecidos regressaram e deram os seus nomes corretos e boas provas da sua sobrevivência, mas nada foi mais surpreendente do que o regresso de Eric Saunders, como será relatado. Não só as suas evidências foram notáveis — e tudo verificado depois como correto —, como foi visto enquanto falava.

O Hon. Everard Fielding, que foi membro tão ativo da Society for Psychical Research, escreveu-me certa vez a dizer que um amigo seu viria a Glasgow e que gostaria muito de ter uma sessão com Sloan. Respondi que o arranjaria e, no dia marcado, o amigo do Sr. Fielding foi ver-me ao escritório. À noite jantou comigo no meu clube, após o que fomos a casa de Sloan, onde se realizou a sessão. Esse homem, durante a nossa conversa antes da sessão, nunca me deu a menor pista sobre a sua ocupação e, de propósito, não lhe pedi pormenores. Era, portanto, um completo desconhecido para mim e nem eu, nem o médium, nem qualquer pessoa presente na sessão sabíamos coisa alguma sobre ele.

A sessão foi boa e, durante ela, uma voz falou com clareza e distinção diante do meu novo conhecido. Dirigiu-se a ele corretamente e, quando ele perguntou quem falava, a voz respondeu:

"Quando na Terra fui conhecido como o Rei Eduardo VII."

Seguiu-se uma conversa pessoal, nomes de pessoas foram mencionados pela voz — pessoas que o meu conhecido conhecia — e a conversa prosseguiu com toda a naturalidade, como se o meu amigo estivesse a falar com alguém em vida. Por fim, a voz disse:

"Tenho de lhe agradecer toda a sua bondade para com a minha esposa, a Rainha Alexandra. Não sei como ela poderia ter continuado sem si e livrou-a de muitas preocupações e cuidados!"

Terminada a sessão, perguntei-lhe se estava satisfeito com a sua estranha experiência, e ele respondeu: "Sem dúvida." Então disse-lhe: "Quer dizer-me qual é a sua posição relativamente à Rainha Alexandra?" "Oh", respondeu, "sou o Controller da sua Casa." Nem eu nem qualquer outra pessoa na sala nessa noite, exceto ele, sabíamos disso e, portanto, segue-se que a voz que lhe falou não era deste mundo. Além disso, a pessoa que controlava a voz sabia tudo sobre ele e os seus amigos, o que prova que alguém, invisível para nós, estava presente, com conhecimento para além do do médium, do meu e dos outros assistentes habituais.

Consequentemente, no dia seguinte, segunda-feira, 20 de Setembro de 1918, encontrámo-nos no local combinado e seguimos por uma rua calma até uma casa cuja entrada se fazia por um corredor. Disse-me que íamos à casa de John Sloan, que era médium. Entrámos no corredor e o meu guia desconhecido bateu à porta do lado direito. A porta abriu-se e fomos encaminhados para uma pequena sala onde se encontravam dez pessoas, todas sentadas em cadeiras em círculo.

A luz estava acesa e a conversa era geral. Um homem tocava um hino num harmónio. Foram-nos atribuídos lugares no círculo e não houve apresentações. Tudo o que o meu guia disse foi uma observação ao homem do harmónio de que trouxera alguém consigo. E foi tudo. O meu guia não sabia o meu nome, eu não sabia o dele — e as restantes pessoas eram para mim completas desconhecidas. Classifiquei-as como pertencentes ao que se chama a classe trabalhadora, pessoas simpáticas, bondosas, decentes, que me acolheram com muita cordialidade.

O homem do harmónio disse então que era tempo de começar e apagou a luz. Tocou-se e cantou-se um hino e depois outro, mas, antes de este terminar, o organista voltou-se e tomou o seu lugar no círculo. Pouco depois, uma voz masculina forte falou mesmo em frente do meu vizinho da direita. Ouvi tudo o que foi dito e o nome que deu, sendo a conversa íntima entre a

minha vizinha e essa voz. Evidentemente, já tinha falado antes com a voz e recebeu tudo com calma e naturalidade. A voz parecia saber tudo o que de importante ela fizera desde a última conversa e terminou com carinho e a promessa de voltar na sessão seguinte.

Quando a voz terminou de falar, ela anunciou calmamente a todos que tinha estado a falar com o marido, que presumi estar morto. Isto prosseguiu durante três horas, dezenas de vozes a falar com pessoas diferentes, vozes de homens, vozes de mulheres, vozes de crianças, todas as quais, disseram-me, provinham de pessoas chamadas mortas. A voz de uma mulher falou com um homem sentado à minha esquerda.

Deu um nome e referiu acontecimentos em sua casa. Referiu-se em especial a Tom, que estava a dar trabalho ao pai, e depois veio o conselho sobre como devia ser tratado. Questões familiares íntimas foram discutidas entre o meu vizinho e essa voz feminina e, por fim, com carinho, disse "Adeus". "Essa era a minha esposa", sussurrou-me. "Nunca venho aqui sem que ela venha ter comigo. Sabe sempre tudo o que se passa em casa."

Começava agora a sentir que era o único a ser omitido desta estranha miscelânea de conversas que parecia continuar sem parar. Tudo o que se dizia era dado como correto e eu perguntava-me como seria possível a qualquer ser humano estar tão por dentro de todos os amigos falecidos e dos assuntos privados dos assistentes, ao ponto de conseguir personificar os seus parentes defuntos da maneira como estava a acontecer.

Não só o suposto imitador conhecia intimamente os amigos e familiares deles, como cada voz era diferente, os maneirismos eram diferentes — de facto, cada voz tinha uma personalidade distinta. Que ator prodigioso haveria entre nós para conseguir sustentar aquilo horas a fio e lembrar-se, no escuro, do lugar de todos, visto que a pessoa certa era sempre Diretamente interpelada, sem nunca um erro.

Tais eram os meus pensamentos quando, de repente, mesmo em frente do meu rosto, uma voz forte falou comigo. "Sim, quem é?" — perguntei, recebendo a resposta:

"O teu pai, Robert Downie Findlay."

A voz continuou a falar e referiu-se a algo que só o meu pai e eu, e mais um homem, alguma vez soubemos em vida — e esse outro homem, tal como o meu pai, estava morto. Eu era, portanto, a única pessoa viva no mundo com

qualquer conhecimento do que a voz estava a falar. Era um assunto privado de que nem eu nem o meu pai, nem qualquer outro homem em vida, alguma vez faláramos a outra pessoa. Tudo isto já era extraordinário, mas imaginem a minha surpresa quando o meu pai concluiu dizendo:

"O David Kidston está ao meu lado e também gostaria de falar contigo sobre este assunto!"

Ora, David Kidston era o nome do outro homem que sabia desse assunto privado. Era sócio do meu pai e foi meu sócio depois da morte dele. Apenas nós três sabíamos dessa questão privada e ali estava eu, numa casa de um artífice de Glasgow, completo estranho para todos, a ser confrontado por duas vozes diferentes acerca de algo conhecido apenas por mim e por dois homens mortos. Além disso, as vozes que falaram afirmavam ser as vozes desses dois homens, e Kidston continuou com toda a naturalidade a conversa que o meu pai começara, concluindo com estas palavras:

"Estou contente por finalmente tirar isto do peito."

Quando escrevi pela primeira vez *On the Edge of the Etheric*, incluí esta experiência e outras que tive com este médium, mas não dei pormenores do que as vozes me disseram nessa ocasião. Achei então mais sensato dar um esboço do que aconteceu e nada mais, pois relatar o que disse a voz que afirmava vir do meu pai e o que disse a voz que afirmava vir de Kidston teria implicado demasiada explicação antes de o assunto poder ser entendido. Contudo, agora que a minha vida passada foi tornada pública na minha autobiografia *Looking Back*, não há razão para que tudo não seja contado.

O que o meu pai disse, depois de dar o nome, foi o seguinte:

"Lamento muito não te ter levado para o meu negócio. Gostaria de o ter feito, mas o Kidston opôs-se. Se tivesses estado comigo, teria aliviado muito a minha vida, pois achei o negócio um grande esforço para mim. O David Kidston está ao meu lado e também gostaria de falar contigo sobre isto."

Então uma voz, afirmando ser a de David Kidston, falou, dizendo:

"Eu sou o David Kidston. Errei ao opor-me à tua entrada no nosso escritório. Lamento tê-lo feito, mas agora não precisas de ter remorsos. Estou contente por finalmente tirar isto do peito."

Tudo isso era verdade, mas só o meu pai, eu e Kidston sabíamos, e o incidente referido acontecera quando o meu avô morreu, em 1904, catorze

anos antes. Quando ele faleceu, eu disse ao meu pai que gostaria de entrar para o escritório de Findlay, Kidston & Goff, pois então as minhas perspetivas de me tornar sócio em Patrick Henderson & Co. já não eram tão risonhas. A influência do meu avô tinha desaparecido e eu poderia ter de esperar anos antes de me tornar sócio. O meu pai concordou e disse que falaria com o Kidston sobre isso, pois eu seria de grande ajuda para ele. Grande foi a minha deceção quando me disse que o Kidston não concordava, porque o negócio rendia o suficiente apenas para três sócios. Ele, evidentemente, previa o dia em que o meu pai iria querer fazer-me sócio, e isso significaria menos a repartir.

Kidston era tão curto de vistas que não conseguia prever que eu poderia trazer novos negócios suficientes à firma para justificar que me fizessem sócio, mas era um homem muito difícil de trabalhar e o meu pai passou por alguns momentos desagradáveis com ele. Era ríspido, seco no trato e autoritário, tanto que o meu pai até o temia. Assim, soube que o que o Kidston dissera era definitivo e nunca mais voltei a levantar a questão, embora, como nem ele nem Goff tinham filhos, eu visse algo de bom a escapar-me por entre os dedos. Assim, o meu pedido e a sua recusa permaneceram conhecidos apenas por nós três. Contudo, lá estava eu a ouvir, numa casa estranha e na companhia de pessoas que nunca tinha visto na vida, o que acontecera catorze anos antes.

Era, de facto, um problema. Nenhum sistema de espionagem, por mais completo, nenhuma fraude ou personificação pelo médium ou por quem quer que fosse poderia ser responsável pelo que eu experimentara. Estava perante algo completamente inexplicável. Essa foi, então, a minha primeira introdução ao Espiritualismo e, quando a sessão terminou, fui apresentado ao médium, John Campbell Sloan, o homem que estava ao harmónio quando entrei. Agradeci-lhe a hospitalidade e perguntei-lhe se poderia voltar, pois estava ansioso por saber mais sobre o assunto.

Saí da casa de Sloan na companhia do homem que me levara lá, e ele acolheu a minha experiência como uma coisa natural. "É assim que as pessoas se tornam espiritualistas", disse. "Eu disse-lhe que podia provar-lhe o que afirmei ontem à noite e, veja, fi-lo." Disse-me que se chamava Duncan McPherson, e vim a saber mais tarde que era um líder muito respeitado do movimento espiritualista de Glasgow, sendo ele próprio médium. Anos depois morreu e voltou a uma sessão em que o meu irmão esteve presente, em Manchester. Ele, McPherson, falou com o meu irmão e disse que tinha

sido ele a levar-me à minha primeira sessão depois de me conhecer na Scottish Mediums' Union Church numa noite de domingo. O meu irmão respondeu: "Acho que está enganado; conheceu o meu irmão na Holland Street Spiritualist Church."

"Não, não conheci", foi a resposta. "Foi na Scottish Mediums' Union Church, no n.º 100 da West Regent Street, que conheci o seu irmão e levei-o no dia seguinte à casa do Sloan. Pergunte ao seu irmão e verá que tenho razão."

O meu irmão perguntou-me da vez seguinte em que nos vimos. Era ele quem estava enganado, e a voz que afirmava ser de McPherson é que tinha razão. Foi na Scottish Mediums' Union Church que nos conhecemos pela primeira vez, pelo que a telepatia, se a telepatia pudesse produzir uma voz — o que não pode —, não é a explicação de como isto aconteceu.

Durante os cinco anos seguintes assisti a trinta e nove sessões com Sloan, por vezes em sua casa e por vezes em locais por mim escolhidos. Oitenta e três vozes distintas falaram comigo ou com amigos que levei comigo. Dei, neste livro, pormenores das precauções que tomei para me certificar de que não era Sloan quem falava. Sentei-me com ele, por vezes, a sós, e as vozes falaram mesmo quando o meu ouvido estava a menos de uma polegada da sua boca, que permanecia silenciosa.

Por vezes, duas e três vozes falavam ao mesmo tempo. Ocasionalmente, as vozes eram tão fortes que podiam ser ouvidas do outro lado da rua. As experiências mais convincentes foram quando levei estranhos a uma sessão. Sloan nada sabia sobre eles e eu nunca mencionava os seus nomes. Eis alguns casos que se enquadram nesta categoria.

Uma noite levei comigo a viúva de um homem cujo corpo fora cremado nesse dia e ao cujo funeral eu assistira. Apresentei-a a Sloan com outro nome. Uma voz falou comigo quando a sessão começou:

"Porque deste o nome errado da senhora? Nós sabemos quem ela é, e o marido dela, Louis Pearson, está aqui para falar com ela."

Pearson falou então, observando que lhe levaria algum tempo a refazer-se de ver o seu corpo terreno a ser queimado. Ao falar com a esposa, ficou muito emocionado, de tal modo que não conseguiu continuar a conversa com ela, para grande desapontamento desta.

Noutra ocasião levei comigo um professor da Universidade de Glasgow. Não dei o seu nome, eu sabia pouco sobre ele, mas a experiência interessava-me. Uma voz falou-lhe numa língua que não entendi. Ele respondeu na mesma língua e a conversa prolongou-se durante algum tempo. Depois de a sessão terminar, perguntei-lhe que língua falara. Respondeu: "Falei galês; eu sou galês, e a voz que me falou deu o nome de um velho jardineiro que empreguei quando vivi no País de Gales. Sabia tudo sobre mim e o que disse era inteiramente verdade!"

Estas duas experiências nunca as tinha registado antes, nem o facto de o meu pai ter regressado noutras ocasiões e me ter dado boas provas da sua presença e sobrevivência; mas poderia continuar indefinidamente. Algumas das minhas experiências podem encontrar-se relatadas nos meus livros; outras nunca as contei publicamente; de facto, tenho dezenas de incidentes semelhantes guardados na memória ou registados, tão probatórios como quaisquer outros que publiquei.

Muitos amigos e parentes falecidos regressaram e deram os seus nomes corretos, e boas provas da sua sobrevivência, mas nada foi mais surpreendente do que o regresso de Eric Saunders, como será relatado. Não só as suas provas foram notáveis, e tudo verificado depois como correto, como foi visto enquanto falava.

O Hon. Everard Fielding, que foi membro tão ativo da Society for Psychical Research, escreveu-me certa vez a dizer que um amigo seu viria a Glasgow e que gostaria muito de ter uma sessão com Sloan. Respondi que o arranjaria e, no dia marcado, o amigo do Sr. Fielding veio ver-me ao escritório. À noite jantou comigo no meu clube, após o que fomos a casa de Sloan, onde se realizou a sessão. Esse homem, durante a nossa conversa antes da sessão, nunca me deu a menor pista sobre a sua ocupação e, de propósito, não lhe pedi pormenores. Era, portanto, um completo desconhecido para mim, e nem eu, nem o médium, nem qualquer pessoa presente na sessão sabíamos coisa alguma sobre ele.

A sessão foi boa e, durante ela, uma voz falou com clareza e distinção diante do meu novo conhecido. Dirigiu-se a ele corretamente e, quando ele perguntou quem falava, a voz respondeu:

"Quando na Terra fui conhecido como o Rei Eduardo VII."

Seguiu-se uma conversa pessoal, nomes de pessoas foram mencionados pela voz — pessoas que o meu conhecido conhecia — e a conversa prosseguiu com toda a naturalidade, como se o meu amigo estivesse a falar com alguém em vida. Por fim, a voz disse:

"Tenho de lhe agradecer toda a sua bondade para com a minha esposa, a Rainha Alexandra. Não sei como ela poderia ter continuado sem si, e aliviou-a de muitas preocupações e cuidados!"

Terminada a sessão, perguntei-lhe se estava satisfeito com a sua estranha experiência, e ele respondeu: "Sem dúvida." Então disse-lhe: "Quer dizer-me qual é a sua posição relativamente à Rainha Alexandra?" "Oh", respondeu, "sou o *Controller* da Casa dela." Nem eu nem qualquer outra pessoa na sala nessa noite, exceto ele, sabíamos disso e, portanto, conclui-se que a voz que lhe falou não era deste mundo. Além disso, a pessoa que controlava a voz sabia tudo sobre ele e os seus amigos, o que prova que alguém, invisível para nós, estava presente, com conhecimento para além do do médium, do meu e dos outros assistentes habituais.

Aqui temos catorze factos "A1" registados, e estes três casos que mencionei, contendo trinta e quatro factos "A1", são apenas três de muitos. Lembrem-se de que, nas minhas notas, tenho registados cento e oitenta factos, todos eles tão bons como os a que me referi.

Tomando, porém, estes três casos, a fraude fica excluída, devido às precauções tomadas. E quanto ao acaso — por outras palavras, à adivinhação por parte do médium? Um eminente matemático, calculando as probabilidades de adivinhar corretamente todos os factos registados, considera que alcançar tal exatidão equivalia a 1 para 5 000 000 000 000; noutros termos, as probabilidades eram de 5 000 000 000 000 contra 1 de o acaso ser a explicação. Sendo assim, dificilmente precisamos de a considerar.

CAPÍTULO 9

MAIS PROVAS

A verdade chega-nos com passo lento e duvidoso; medindo
o chão que pisa e, a todo o momento, voltando
o olho curioso para ver se tudo fica certo atrás; e, com um
exame atento, escolhendo o seu caminho adiante. — PERCIVAL.

Passo agora a resumir três casos que classifico como "A2", pois não se enquadram exatamente na mesma categoria dos meus casos "A1", embora de modo algum se siga que a informação tenha sido obtida por vias normais. Tudo quanto quero dizer é que parte da informação estava disponível por vias normais e, sendo assim, os críticos podem invocar essa explicação.

Caso 1 "A2". — Combinei uma sessão com Sloan, certa noite, na sala da nossa Sociedade, em Glasgow, e mencionei-lhe o nome de um amigo meu que viria. Como as coisas se desenrolaram, lamentei tê-lo feito, pois, se não o tivesse, teria sido uma sessão A1 notável. Ele era de Londres e a esposa veio com ele. Era conhecido como espiritualista e uma figura de proa na finança. O seu nome, carreira e certos assuntos familiares eram mencionados no *Who's Who*.

Isto não explica tudo o que ocorreu, mas, só porque o nome era conhecido, não posso classificar o caso como A1. Contudo, pelo menos sete vozes diferentes falaram com ele e com a esposa. Referiram assuntos de família, disseram nomes de família e mostraram um conhecimento íntimo da sua vida pública e doméstica. Disse-me depois que, embora estudasse os fenómenos havia vinte anos, aquela fora uma das sessões mais evidenciais e interessantes em que jamais tomara parte.

Caso 2 "A2". — Faleceu uma senhora, amiga minha. Pertencia a uma família bem conhecida. Consequentemente, foi publicado no *Glasgow Herald* um obituário de cerca de um quarto de coluna, com pormenores sobre a família e os antepassados imediatos. Isto, portanto, coloca o caso na categoria "A2", embora eu nada saiba que a associasse a mim ou à minha família na mente do médium. Estou certo de que Sloan não sabia que eu a conhecia. Estou certo de que Sloan nunca ouvira o seu nome, nem sabia nada sobre ela ou a família; mas, como alguns críticos sustentam que um caso perde valor probatório se a informação dada puder ser rastreada a material impresso, coloco este, em conformidade, na categoria "A2".

Uma semana após o funeral, numa sessão que eu e alguns amigos pessoais tivemos com Sloan, na sala de sessões da nossa Sociedade, o filho dela, Cecil, morto na guerra, falou ao meu irmão, dizendo que estava muito feliz agora, pois tinha a mãe consigo. Perguntei se ela estava presente e respondeu que sim, mas ainda não plenamente consciente de ter passado para lá. Perguntei se podia falar comigo, e falou.

A conversa mostrava que ela não estava inteiramente consciente da mudança. Disse que queria o marido, nomeando-o corretamente, referiu corretamente a natureza da doença e quis saber o que acontecera. Posso acrescentar que a natureza da doença não fora publicada e era apenas conhecida de alguns amigos íntimos. Expliquei-lhe a mudança ocorrida, que era agora habitante do mundo etérico, que deixara para sempre este mundo de matéria física, que passara pela mudança chamada morte; e então disse: "Não reconhece quem está ao seu lado?", referindo-me ao filho, que acabara de me falar. "Não", disse ela, "não vejo ninguém." Aqui o filho interveio com a observação: "A mãe ainda não me consegue reconhecer."

O pai dela falou então comigo, dizendo-me coisas que depois verifiquei em livros de referência como corretas. Depois, falou o irmão, dando o nome correto e o local onde vivia na Terra. Perto do fim da sessão, depois de outras vozes terem falado, a senhora voltou e falou-me de novo. "Ainda não viu o Cecil?", perguntei. "Não; onde está ele?", respondeu. Então a voz mudou subitamente de tristeza para alegria, e ouvimo-la exclamar: "Oh, Cecil, meu querido, meu amado menino." Seguiu-se silêncio. Passados alguns minutos, outra voz falou: "Ele está a levá-la consigo; em breve ficará bem."

Fui participante num grande drama. Tive o privilégio de assistir ao regresso à consciência daquela a quem o mundo chamava "morta" e ao seu reencontro com o filho, que, assim pensava o mundo, dera a vida pelo seu país. Eu tinha testemunhado, quando ela ainda estava connosco na Terra, a sua dor terrível ao saber da morte dele, a sua coragem admirável, e estive presente no acto final quando ela e o seu único filho se reuniram. Como desejaria ter contado ao marido enlutado a minha experiência, mas sabia quão inútil seria; por isso, abstive-me.

Descrever, em poucas palavras, o que levou quase duas horas a desenrolar-se; tornar percetíveis os raros matizes pessoais que realizaram tudo aquilo é, naturalmente, impossível. O círculo era composto inteiramente por amigos pessoais meus, na sala de sessões da nossa Sociedade, e todos ficaram

profundamente comovidos, especialmente a minha esposa, que conhecia bem a senhora. Mesmo que Sloan fosse um grande ator, conhecedor íntimo das personalidades em causa e da sua história familiar, não poderia ter levado a cabo, com tanto êxito, as várias personificações; ao passo que nada sabia da família dela, nem da minha amizade com ela e com o filho.

Caso 3 "A2". — Este é um caso peculiar. Classifico-o "A2" por carecer de valor probatório, mas menciono-o porque não consigo acreditar que a sua fonte fosse outra que não supernormal. Posso dizer, a título de explicação, que um grupo científico, do outro lado, tomou grande interesse nas minhas investigações e deu-me toda a ajuda que pôde. Adiante direi algo de interesse acerca das opiniões científicas que, de tempos a tempos, expressaram. Huxley, Faraday, Alfred Russel Wallace e outros cientistas começaram a vir falar comigo depois de eu ter levado Sloan a Londres para ver Sir William e Lady Barrett, que conheceram alguns deles pessoalmente.

Logo depois, Lady Barrett esteve presente em duas sessões com Sloan, em Londres, uma a seguir à outra, quando Huxley e outros cientistas começaram a manifestar-se, enviando os seus melhores votos e felicitações ao velho amigo, o marido dela, pela persistência em manter perante o público o facto da sobrevivência. Huxley e outros, ao que parece, mantiveram contato comigo, pois, desde então, falaram comigo repetidamente. Huxley, em especial, deu-me boa prova da sua identidade de modo altamente evidencial. O seu aspeto pessoal foi também descrito com exatidão.

Menciono estes factos para explicar porque recebi tanta atenção deste grupo; mas cumpre dizer que tenho apenas a palavra deles de que são os homens que ostentaram tais grandes nomes na Terra. Com aqueles que falam e que nunca conhecemos, perdem-se os matizes pessoais que são tão convincentes quando provêm de amigos. Agora contarei a minha história.

Em 10 de Dezembro de 1923 recebi um bilhete de Sloan dizendo:

"Antes de traçar estas linhas tenho a influência de um homem calmo junto de mim, que diz: 'Escreve ao Sr. Findlay para que não tema: veremos que ele se sai bem na próxima reunião e tê-lo-emos bem informado sobre todos os assuntos antes da reunião.' Capto algo como RALEIGH como seu nome." Esta era a carta de Sloan para mim; a reunião referida era uma que eu iria dirigir na sala de conferências da Glasgow Philosophical Society e note-se como ele soletra o nome.

Sentei-me com Sloan na noite seguinte e, no escuro, antes de ele entrar em transe, descreveu um homem de pé ao meu lado. Depois disse que via letras a surgir por cima da minha cabeça, de que nada conseguia fazer. Pedi-lhe que as soletrasse uma a uma, enquanto eu as anotava. Fê-lo muito depressa, soletrando-as assim:

HGIELYARMAI. Disse que nada conseguia tirar dali e já ia pousar o lápis quando ele disse: "Há mais qualquer coisa — SDRAWKCABDAER" — soletrou rapidamente, e tomei nota. Era-me completamente ininteligível; por isso não pensei mais no assunto, pois, pouco depois, Sloan entrou em transe e, além de outros que falaram, houve alguém dizendo ser Huxley, que me informou, entre outras coisas, de que o grupo científico estava presente.

Depois da sessão, voltei ao amontoado de letras que tinha apontado e verifiquei que, lendo ao contrário, fazia todo o sentido: *I AM RAYLEIGH READ BACKWARDS* ("sou Rayleigh, lê ao contrário"). Não há nisto nada de probatório, mas Lord Rayleigh era um cientista conhecido, antigo Presidente da Royal Society e da Society for Psychical Research, e poderia ser um dos cientistas do grupo que Huxley disse estar presente.

Ora, Sloan soletrou "Rayleigh" na carta como RALEIGH e, depois da sessão, ao perguntar-lhe como soletrava Rayleigh, fê-lo da mesma maneira. Disse que nunca ouvira falar de Lord Rayleigh e nunca soubera que havia um nome escrito como Rayleigh. A rapidez com que soletrou a mensagem ao contrário foi notável. Ao investigar depois, verifiquei que a descrição de Sloan do homem calmo ao meu lado coincidia com a do falecido Lord Rayleigh.

É um caso interessante, embora não probatório, e menciono-o apenas como tal. Tudo quanto sucedeu poderia muito bem ser explicado por vias normais. Com pesquisa, a aparência e a maneira de Rayleigh poderiam ter sido descobertas; de facto, lembro-me de ter lido no *Daily Telegraph*, cerca de um mês antes deste episódio, alguns comentários de Sir William Barrett sobre Lord Rayleigh, nos quais o repórter o descrevia como "um homem calmo". Acreditando eu, como acredito, que Sloan é honesto, pessoalmente não dou isto como explicação; além disso, seria necessária uma memória muito retentiva para lembrar uma sequência de letras desconexas — e Sloan não a tem, sendo a sua memória particularmente fraca.

Creio ter dado agora o suficiente para se perceber como é que separei, ou analisei, a informação que recebi. Como disse, oitenta e três vozes distintas falaram comigo ou com os meus amigos. Obtive cento e oitenta itens "A1" de

informação e cem itens "A2" de informação, muitos dos quais eu não conhecia à época, mas que, depois, verifiquei como corretos. Apenas um item não verifiquei por não o ter conseguido e apenas um não foi substancialmente correto.

Estes itens probatórios de informação estão completamente à parte das comunicações dadas nos Capítulos XI, XII e XIII, intitulados "Noite de Instrução", que, embora instrutivas e interessantes, não podem ser consideradas como prova. Prova, na Investigação Psíquica, para ter valor, deve conter informação que seja impossível o médium conhecer; e a melhor de todas é a informação desconhecida do médium e do destinatário, que depois se verifica como correta. Muito do que se regista neste e nos dois capítulos anteriores — e também no capítulo que se segue — pode, legitimamente, ser reclamado como pertencente a essa categoria.

CAPÍTULO 10
AINDA MAIS PROVAS

Está alguma coisa, de feitura de Deus, em perigo por causa do inquérito? Foi o sistema do universo ou os monges que tremeram perante o telescópio de Galileu? Parou a circulação do firmamento, em terror, porque Newton pousou o seu ousado dedo no seu pulso? — LOWELL.

Nas páginas anteriores registei provas que eu próprio experimentei; mas não menos convincente foi a evidência obtida por outros que foram comigo, por vezes anonimamente.

O Sr. McCully,[1] de Glasgow, deu-me amável permissão para mencionar o seu nome e registar algumas das suas experiências. O Sr. McCully é um homem de negócios perspicaz e equilibrado, e só gradualmente chegou a acreditar na realidade dos fenómenos, por ter obtido provas que não consegue explicar senão pelo facto de a informação recebida ter vindo de amigos seus que morreram mas ainda viviam e se lembravam do seu tempo na Terra.

Poderia dar inúmeras experiências de outros amigos meus; mas, ao fazê-lo, transformaria o meu registo em vários volumes. Concluirei, portanto, estes capítulos de provas apresentando alguns casos que o Sr. McCully escreveu de próprio punho, autenticados pela sua assinatura.

O Sr. McCully tem dezoito anos de estreita convivência com Sloan e as suas experiências foram muitas e variadas. Quando lhe pedi algumas, respondeu que a dificuldade era escolher os casos mais probatórios, pois recebera tantas provas ao longo de todos esses anos. Contudo, selecionou quatro experiências — e o que se segue, nestas e nas duas páginas seguintes, foi escrito por ele, e não por mim.

"Uma das mensagens mais vivas e impressionantes que recebi foi de um irmão mais novo, de nome Johnny; passou subitamente aos doze anos. Era o mais novo da família e, claro, a menina dos olhos da mãe. Pouco depois da sua morte, ela foi para a Austrália. Todas as cartas dos meus outros irmãos, na Austrália, me falavam da sua dor e desalento. Pois bem, o Johnny veio falar comigo numa das sessões de Sloan.

Depois de estabelecer a identidade, perguntei-lhe se sabia onde estava a mãe. 'Sim', respondeu, 'acabo de a deixar; está num grande navio, sentada no convés, a tomar chá.' Passou-me pela mente o pensamento: 'Estará a Mãe a voltar a casa?', e esta pergunta mental deve ter sido lida por ele, pois continuou: 'Não, não creio; mas escreve-lhe para não sofrer tanto — a sua dor deixa-me infeliz e não posso ser feliz enquanto ela estiver tão infeliz!'"

[1] Dei a sua morada nas primeiras edições deste livro; mas, como foi incomodado por visitas e cartas a pedir a direção de Sloan, devo omiti-la nesta e nas futuras edições, a seu pedido expresso.

"Pois bem, para mim, a mensagem não era compreensível. Não percebia o que a Mãe fazia num grande navio se não vinha para casa; mas, de qualquer modo, escrevi a mensagem do Johnny e enviei-a para Perth, na Austrália Ocidental. Uma ou duas semanas depois, chegou uma carta a dizer-me que um irmão, tentando aliviar o seu desalento, comprara à Mãe um bilhete de primeira classe para uma viagem à volta da Austrália, e que ela ia a caminho de visitar uma filha em Sydney. Em Sydney, a filha levou a Mãe a um médium, onde recebeu a mesma mensagem do Johnny, nas mesmas palavras — que não sofresse tanto, porque isso o tornava muito infeliz."

"Algum tempo depois, ao sair de casa, de manhã, a caminho do trabalho, encontrei o carteiro. Ele sabia que eu andava sempre à espera de cartas de França, pois tinha três irmãos a servir. Entregou-me um envelope e, ao abri-lo, continha um cabo a dizer que a Mãe morrera. Decidi não dizer nada a ninguém e esperar para ver o que acontecia. Não via o Sr. Sloan havia uns três meses, mas, nessa tarde, recebi recado de que haveria sessão nessa noite.

Compareci; e, na sessão, havia três ou quatro ministros no círculo, e muitas vozes lhes falaram. Uma delas, em especial, parecia estar a realizar uma receção de toda a sua congregação já falecida, sendo dados nomes e moradas com correção."

Perto do fim, agarrei o médium pela mão e, dirigindo-me ao controlo, disse: "Anda lá, Whitie, não tens uma palavra para um velho amigo?" Ele respondeu: "Vai-te embora, chefe Cully, não quero falar contigo." Eu disse: "Oh, que fiz eu?", mas ele insistiu: "Não quero falar contigo." Continuei a segurar a mão do médium, e a Sra. Sloan, que era clarividente, disse: "Não o atormentes, ele não te quer dizer." Mas eu insisti, e então ela disse: "Há uma senhora que esteve de pé atrás da tua cadeira a noite toda." Whitie disse então: "Lamento, Cully, mas é a tua mãe."

Eu disse: "Está tudo bem, Whitie, eu estava à espera dela; tem alguma coisa para me dizer?" Imediatamente o trompete ergueu-se e ouviu-se um sussurro: "Sandy, Sandy, quero dar-te uma mensagem do teu pai. Ele quer que escrevas à família dele. Não está satisfeito contigo." Foi um autêntico raio em céu sereno. Eu tinha-me zangado com a família do meu pai por questões de dinheiro; acontecera anos antes. Não pensava nisso havia anos. Ninguém naquela sala, tenho a certeza, conhecia os meus assuntos, e era precisamente a mensagem que ele teria enviado, nem mais nem menos.

Para o fim da guerra tive uma visita, um jovem soldado de Perth, na Austrália. Levei-o numa noite a casa do Sloan e veio para ele uma voz que deu um nome e o regimento, mas ele disse: "Lamento, mas não o conheço." A voz respondeu: "Encontrarás o meu nome no memorial da guerra em Perth." "Não conheço nenhum memorial da guerra em Perth", respondeu o meu amigo; "onde fica?" "Fica na Avenida ———" (o nome foi dito, mas esqueci-o). "Bem", disse o meu amigo, "conheço Perth razoavelmente bem, mas não conheço nenhuma avenida com esse nome." Um ano depois recebi uma carta dele a dizer que, durante a sua ausência, fora aberta uma nova avenida, com esse nome, que dava acesso ao parque, e, no triângulo, erguera-se um memorial, estando nele gravado o nome do homem, tal como lhe fora dito na sessão.

Noutra ocasião, um amigo artista estava ausente a pintar um quadro, no âmbito da angariação de fundos para um memorial. Era hóspede do presidente da câmara (Provost) local. Essa eminência perdera um filho na guerra e o meu amigo, em conversa, contou-lhe das mensagens

extraordinárias que apareciam por via da mediunidade do Sr. Sloan. O cavalheiro ficou muito ansioso por uma sessão, e o meu amigo combinou comigo levá-lo, a ele e à esposa, a uma. Cheguei um pouco atrasado para me encontrar com eles e, em consequência, dispensaram-se as apresentações habituais, de modo que, ao entrarmos em casa, eu estava um pouco confuso e esquecera-me completamente do nome dele, não conseguindo apresentá-lo ao médium, que apenas se riu e disse: "Qualquer amigo do Sr. McCully é bem-vindo."

Soube mais tarde que a impressão do Sloan era a de que o cavalheiro não queria que o seu nome fosse mencionado. Contudo, a sessão mal começara quando o médium, já sob o controlo de Whitie, se levantou da cadeira e, caminhando até ao desconhecido, disse: "O seu filho diz que tem consigo algo que lhe pertence." O cavalheiro disse "Relógio? Porta-moedas?", etc., ao que as respostas foram: "Não, não." Então o médium começou a afagar o ombro do homem, e Whitie disse: "O seu filho está a afagar o seu casaco." "Sim", disse o cavalheiro, "trago o fato do meu filho vestido."

A conversa prosseguiu, prova sobre prova a acumular-se e, dirigindo-se à mãe, a voz, falando através do trompete, disse: "Lembras-te, mãe, das pegadas no linóleo? Levei um raspanete por causa disso." Aconteceu que, durante a última licença, ele quis levar a irmã a patinar. A mãe opôs-se, porque a irmã estava constipada. Contudo, quando a família se recolheu, irmão e irmã foram às escondidas para o gelo. Ao regressar, a irmã tirou os sapatos e, com os pés molhados, deixou pegadas no linóleo polido, que a mãe notou de manhã.

Depois do fim da guerra, uma senhora veio ver-me, com recomendações familiares muito fortes. Poderia levá-la a uma sessão, pediu-me repetidamente, mas a dificuldade era haver tantos desejosos de entrar e tão poucas vagas, pois apenas três ou quatro pessoas novas podiam ser apresentadas em cada noite, e cada membro do círculo tinha amigos ansiosos por entrar. Contudo, combinou-se, e, acompanhada por mim e pela minha esposa, a senhora foi apresentada.

A ansiedade da senhora devia-se ao facto de o irmão, que estivera na guerra, ter sido dado como desaparecido e não poder ser encontrado. Quando a sessão começou, o irmão não tardou a manifestar-se e contou a sua morte. Tal como descreveu, foi despedaçado por uma explosão.

Depois surgiu outra voz, dizendo chamar-se Cameron. Tanto a minha esposa como eu conhecíamos um rapaz chamado Cameron que fora morto e, como ninguém no círculo o reclamou, dissemos que poderia ser nosso conhecido; mas o trompete manteve-se junto da visitante e insistiu que vinha para ela, mas ela negou conhecer alguém chamado Cameron. A voz disse que servira com o irmão dela, mas que fora feito prisioneiro e morrera na Alemanha.

Naturalmente, tinha de ser aceite tal como dito, mas a sequência foi que a nossa amiga, algum tempo depois, recebeu uma carta de pessoas de apelido Cameron, dizendo que tinham ouvido dizer que ela andava a informar-se, através de agências estrangeiras, sobre o irmão, e pediam-lhe o favor de perguntar pelo filho deles, que servira e fora dado como desaparecido na mesma altura que o irmão dela. Evidentemente, este era o Cameron que falara com a nossa amiga juntamente com o irmão dela, sendo-lhe totalmente desconhecido que o irmão tivesse um amigo com esse nome.

Isto conclui o relatório do Sr. McCully.

Qualquer investigador que deseje prosseguir mais a fundo este assunto das provas encontrará 435 páginas do livro do Vice-Almirante Usborne Moore, intitulado *The Voices*, a ele dedicadas. Trata-se de um registo das experiências dele e de outras pessoas com a conhecida médium de voz direta, a Sra. Wriedt.

Nos capítulos anteriores, apresentei informações que alegadamente vieram de vozes, quer através do trompete, quer totalmente à parte do trompete. Sloan, contudo, é um dos melhores médiuns de transe do país e, por vezes, um comunicador, se não consegue transmitir corretamente a sua mensagem por via direta, controla o médium ou envia a mensagem por intermédio de um dos controlos habituais de Sloan.

Recebi mensagens dadas parcialmente de uma forma e parcialmente de outra. No entanto, para conversas prolongadas, as comunicações em transe são as melhores, por serem mais sustentadas — diálogos ininterruptos, muitas vezes por mais de uma hora. Deste modo, recebi muita informação pormenorizada acerca de como a Voz Direta é produzida, do que é realmente o corpo etérico, das condições existentes no mundo além e da estrutura relativa da substância de que esse mundo é composto, comparada com a nossa matéria física. Uma dactilógrafa presente registou o que foi dito.

Antes de mais, dizem-me que todo o universo é constituído por substância de vários graus de densidade e atividade vibratória, que enche todo o espaço, no qual a vida existe em diferentes graus de desenvolvimento. O que sentimos aqui na Terra é apenas matéria a vibrar dentro de certos limites fixos. A rodear, interpenetrar, prender-se a e mover-se com a nossa Terra existe outro mundo de matéria etérica, num estado de vibração mais elevado.

Consequentemente, é impercetível aos nossos sentidos. No nosso mundo físico, o corpo real, ou perdurável, é um corpo etérico que, no momento da conceção, começa a juntar à sua volta, ou, por outras palavras, a vestir-se com matéria física lenta na vibração. O corpo etérico é a armação à qual a matéria física se fixa. Este corpo etérico é composto de substância em perfeita sintonia com a matéria etérica do plano seguinte, mas, enquanto estiver preso à matéria física, fica limitado pelas limitações dessa matéria.

Na morte, porém, o corpo etérico liberta-se da sua cobertura física e continua a funcionar com toda a naturalidade no mundo etérico, onde tudo lhe é tão real como era no físico. O corpo etérico é, em todos os pormenores, um duplicado do nosso corpo físico e, assim, compreende-se como, se forem dadas condições para que um espírito re-materialize os seus órgãos da fala, é possível voltar a vibrar a nossa atmosfera e fazer ouvir a sua voz.

A mente, que controla o duplicado etérico, leva consigo, dizem-me, tudo menos a cobertura física. Caráter, memória, afeição, personalidade, etc., acompanham a mente, porque dizem respeito à mente e não ao corpo físico. O mundo etérico é, sob muitos aspetos, semelhante a este mundo. Os nossos sentidos ali respondem como aqui, mas, devido à estrutura mais fina da substância etérica, a mente pode atuar sobre ela de um modo que aqui não consegue. Daí ser, neste sentido, um mundo mental; mas o nosso mundo atual também é um mundo mental, como tentei mostrar no Capítulo III.

Neste estado seguinte de consciência, os habitantes encontram-se em redondezas muito semelhantes às que aqui vivenciamos. Crescem árvores e flores, mas não há morte como a entendemos; toda a vida vegetal, em vez de apodrecer, desmaterializa-se e desaparece de vista. Os ambientes dos habitantes são grandemente condicionados pelo seu pensamento e, por isso, as suas casas e modo de vida são, em larga medida, obra sua. Não me dizem, porém, que o estado seguinte consista puramente em projeções mentais, porque os seus habitantes têm as mesmas sensações que nós: podem sentir,

tocar e cheirar as flores, colhê-las e, ao passear pelos campos, encontrar e conversar com os amigos.

Todos os que estão no mesmo plano, dizem-me, podem ver e tocar as mesmas coisas. Esta é a resposta que invariavelmente recebi quando procurava saber se esse estado era objetivo ou subjetivo. Existem muitos planos, mas apenas os que estão no mesmo plano experimentam as mesmas sensações. Eu próprio já experienciei espíritos presentes que falavam comigo, mas que não se viam uns aos outros, embora estivessem na mesma sala — a explicação dada é que se encontravam em planos diferentes de existência.

Esses espíritos são homens e mulheres — não espíritos vaporosos, mas pessoas reais, vivas e tangíveis, como aquelas com quem convivemos todos os dias. O deles não é um mundo onírico, mas de realidade objetiva, intensamente real — tudo, música, arte e todo o trabalho construtivo, num tom mais elevado do que possamos compreender.

Reina grande atividade, e cada um tem o seu trabalho. O serviço aos outros e a camaradagem são os padrões éticos que ali prevalecem em grau mais elevado do que aqui. Há uma língua universal; cada qual consegue compreender o outro. É inerente. As nacionalidades, em geral, vivem juntas e falam a sua própria língua, mas existe uma língua comum a todos. Os meus informadores insistiram no ponto de que entre eles a disciplina é rígida e todos têm de obedecer aos que detêm autoridade. É um estado bem organizado e bem governado.

Não há noite como a entendemos, e a luz que recebem não vem do nosso sol. Se querem repouso, podem obter luz suave, mas não escuridão como a que experimentamos. Quando perguntei sobre a alimentação, disseram-me que comiam e bebiam como nós e gozavam das mesmas sensações, mas que o seu comer e beber eram diferentes do que entendemos por essas palavras.

Gozam de muito maior liberdade de movimento, pois deslocam-se de um lugar para outro a uma velocidade que não conseguimos compreender. Noutras ocasiões, ao colocar questões sobre a composição das nossas mentes, disseram-me que a mente é substância num estado muito rápido de vibração e que, na morte, embora deixemos na Terra o cérebro físico, a mente, na vida etérica, funciona através do duplicado etérico do cérebro, que sobrevive à morte juntamente com o restante corpo etérico.

Toda a vida persiste. Animais, assim como seres humanos, sobrevivem à morte, e cada um entra num estado harmonioso com as suas próprias vibrações. A afeição de um animal por uma pessoa pode voltar a reuni-los após a morte, mas, sem esse laço de afeição, funcionariam, sem se perceberem, cada um no seu plano. Assim, a vida é indestrutível; uma grande força universal está em toda a parte, em tudo, sob uma forma ou outra, mas só quando em conjunção com o físico pode ser percecionada pelos nossos limitados sentidos.

A ciência física ocupa-se da matéria física, de algo que possamos sentir. A ciência psíquica ocupa-se da matéria etérica. Não conseguimos sentir a matéria etérica, mas os espíritos conseguem. A sua estrutura atómica, dizem-me, difere da da nossa matéria. Poderá ser éter, ou algo afim do éter, tanto quanto sabemos. A física e a psíquica são irmãs gémeas, o que torna mais fácil a um físico entender a psíquica do que a cientistas de outros ramos do conhecimento. Daí que toda a tendência da ciência física de hoje aponte para a visão de que não a substância física, mas a substância etérica é a estrutura básica do universo.

Só os ignorantes afirmam que é real apenas aquilo que sentimos e que, para lá deste alcance sensorial, nada existe. O nosso alcance sensorial — vista, tato, olfato e audição — é limitado ao extremo. Sabemos que o espetro do espectroscópio prova o quão exíguo é o alcance da nossa visão comum e que faixas adicionais de vibrações, que poderiam ser cor se as víssemos, se estendem para ambos os lados. Tem-se dito que as vibrações percecionadas, comparadas com as não percecionadas, são muito menos do que uma polegada é para uma milha. Portanto, é evidente que existe uma região imensa onde outra vida pode habitar, em redor e no interior deste nosso mundo — uma região totalmente para lá das nossas perceções sensoriais normais.

Enquanto alguém não compreender claramente que os nossos sentidos aqui respondem apenas a uma faixa muito limitada de vibrações — o que chamamos matéria física — e que, para lá delas, há um universo cheio de vida que responde a uma faixa mais elevada de vibrações, irreal para nós mas mais real para essa vida do que a matéria física, não poderá captar nem entender em toda a sua plenitude os fenómenos psíquicos que se desenvolvem através da mediunidade.

CAPÍTULO 11
NOITES DE INSTRUÇÃO

O nosso objetivo na vida deveria ser acumular um grande número de questões grandiosas a serem colocadas e resolvidas na eternidade. Agora perguntamos ao sábio, ao génio, ao filósofo, ao divino, mas nenhum nos pode responder; porém, abriremos as nossas perguntas a outros interlocutores — perguntaremos a anjos, espíritos redimidos e a Deus. FOSTER.

Depois de me ter convencido, não apenas da honestidade do médium, mas também da identidade daqueles que diziam comunicar, fiquei naturalmente ansioso por saber algo acerca do seu modo de vida, dos seus arredores e de como lhes era possível regressar à Terra e fazer ouvir as suas vozes. Nos quatro capítulos anteriores resumi algumas das informações que me foram dadas, e que me provaram a identidade daqueles que falaram.

Neste, e nos dois capítulos seguintes, limitar-me-ei a três sessões que tive, quando as perguntas que formulei, e as respostas que recebi às minhas indagações, se referiam à sua vida, ao seu meio e ao seu modo de comunicação. A informação de que trato foi retirada de notas registadas na altura pela minha estenógrafa, e é típica dessas sessões que tive com o propósito não de procurar provas de identidade, mas sim de recolher informações sobre o mundo etérico que nos rodeia.

Estas noites de instrução foram particularmente valiosas e impressionantes, pois, à exceção da minha estenógrafa, encontrava-me sozinho com o médium. Tive, portanto, a oportunidade de colocar perguntas e receber respostas sem a sensação de que, de algum modo, estava a monopolizar os que vinham do mundo etérico para se encontrarem e falarem também com outros, além de mim. Nas sessões comuns, quanto maior era o número de participantes, mais forte se tornava a evidência, sobretudo quando havia estranhos presentes.

Nessas ocasiões, toda a minha atenção estava voltada para a prova de identidade, para verificar se os que falavam eram de facto aqueles que diziam ser; mas, nos momentos em que estava sozinho com Sloan, a minha mente orientava-se mais para a instrução e a informação geral. Então, os meus amigos etéricos, embora presentes, permaneciam em silêncio e permitiam que outros falassem — aqueles que possuíam conhecimentos superiores aos que eles próprios tinham alcançado. Nessas ocasiões, algumas vozes falaram comigo sem que eu as reconhecesse, e não foi reivindicada qualquer ligação;

eram vozes cultas, com um domínio da linguagem muito além da capacidade do médium.

Nestes três capítulos relatarei três sessões: a primeira em dezembro de 1923, e as outras duas em janeiro de 1924. São representativas de uma série de sessões privadas que se estenderam por um ano.

Na sessão de dezembro, o meu informador falou em tom pausado e medido, sem o menor traço de sotaque; a sua fala era impressionante e, embora eu não o visse, visualizei um homem de porte digno, culto e instruído a dirigir-se a mim. Sloan, como habitualmente em tais ocasiões, encontrava-se em transe profundo, com as mãos nas minhas, a cabeça caída sobre o peito e, salvo por alguns tiques ocasionais, permanecia imóvel. Eu estava sentado em frente dele, com a Sr.ª Millar, a minha estenógrafa, à minha direita, na mesa, a tomar notas, e, salvo nós três, não havia mais ninguém deste mundo no quarto — nem mesmo na casa, pois Sloan, nessa altura, vivia sozinho. Como precaução, tranquei a porta do quarto e guardei a chave no bolso.

A Sr.ª Millar, além disso, era decididamente mediúnica, e isto contribuiu de forma nada insignificante para o êxito destas sessões privadas, pois a combinação das suas faculdades psíquicas com as de Sloan tornou as condições quase perfeitas.

Esta primeira sessão que agora relato teve lugar a 4 de dezembro de 1923, às 19 horas, e poucos minutos após tomarmos os nossos lugares e apagarmos a luz, esta estranha voz masculina falou-me do seguinte modo:

"Sr. Findlay, da última vez que se sentou com o meu médium, expressou o desejo de obter informações relativas ao nosso mundo. Fui incumbido por aqueles que são responsáveis pelo que aqui ocorre de vir esta noite ajudá-lo na medida das minhas capacidades. Se me perguntar o que deseja saber, farei o meu melhor para responder."

Esta voz vinha de cima, por sobre a minha cabeça. Eu estava sentado em frente a Sloan, as minhas mãos segurando as dele, os meus pés tocando nos seus. Ao ouvi-la, inclinei-me para a frente, para me certificar de que não provinha dos seus lábios, mas não havia som nem sussurro. O ventriloquismo não poderia explicar, pois qualquer ventríloquo atestará que esta forma de ilusão é impossível no escuro.

Agradeci ao interlocutor a amabilidade de ter vindo, e a conversa prosseguiu em forma de perguntas e respostas, cada réplica sendo imediata.

Pergunta: Aqui na Terra só conseguimos apreciar o físico, isto é, a terra, o sol e as estrelas. O que contém o que chamamos espaço?

Resposta: Só posso responder na medida em que o meu conhecimento o permite. A interpenetrar o vosso mundo existe outro, de substância num estado de vibração mais elevado do que aquele que percebem. O universo é um todo grandioso, mas apenas valorizais o que vedes, ouvis e sentis. Crede em mim: existem outros mundos de substância, mais finos do que a matéria física, nos quais a vida existe e que vós, na Terra, não podeis conceber. Ligado ao vosso planeta está este mundo para o qual vim após aquilo a que chamais morte. A envolver a vossa Terra existem planos de diferente densidade, que giram em rotação com a rotação da Terra.

Pergunta: Então o vosso mundo é um mundo real e tangível?

Resposta: Sim, é muito real para nós, mas as condições em que nos encontramos dependem do estado da nossa mente. Se o quisermos, podemos estar rodeados de belas paisagens. A mente desempenha um grande papel na nossa vida aqui. Tal como vivemos em ambientes adequados ao nosso desenvolvimento mental, assim também atraímos a nós mentes do mesmo tipo da nossa. O semelhante atrai o semelhante neste mundo. E também entre o vosso mundo e o nosso o semelhante atrai o semelhante. Os de má índole aqui são atraídos pelos de má índole aí, e os bons aqui pelos bons convosco. Podemos, quando queremos, assumir condições terrestres diminuindo as nossas vibrações. Os nossos corpos tornam-se mais pesados e mais percetíveis ao olho humano, o que explica que por vezes sejamos vistos por aqueles que possuem na Terra a faculdade de sentir as nossas vibrações.

Pergunta: Todos os habitantes do vosso mundo entram em contato com a Terra de tempos a tempos?

Resposta: Quanto mais elevados e desenvolvidos nos tornamos, menos contato temos com o vosso mundo. À medida que o desenvolvimento avança, menos pensamos na Terra. É tudo uma questão de vontade. Podemos entrar em contato com as condições terrestres se assim o quisermos; se a vontade de o fazer estiver ausente, então não regressamos a vós.

Pergunta: Conservamos sempre a nossa individualidade?

Resposta: Imagina uma paisagem com vales e colinas. A chuva cai e, pouco a pouco, escorre formando pequenos regatos, que ganham volume até se

transformarem em ribeiros, que por sua vez entram num rio, que se une a um rio maior e segue até ao mar. Cada indivíduo pode ser comparado a um átomo na gota de chuva. O átomo conserva a forma e a individualidade ao longo de todo o percurso, da colina até ao mar, e mesmo no mar não perde a individualidade. Assim acontece connosco: avançamos sempre, conservando a nossa individualidade até nos fundirmos no mar da plena compreensão, quando então nos tornamos parte da Divindade.

Pergunta: É certamente uma imagem muito clara, mas recuando um pouco à resposta que me deu acerca do vosso mundo ser tangível e real. Disse que o vosso meio dependia do estado das vossas mentes. Agora pergunto: a vossa vida é puramente mental ou podeis tocar e sentir o vosso meio tal como nós aqui? Noutras palavras, o vosso mundo é um mundo material como o nosso? Resposta: O nosso mundo não é material, mas é real na mesma, é tangível, composto de substância num estado de vibração muito mais elevado do que a matéria que constitui o vosso mundo. As nossas mentes podem, portanto, atuar sobre ele de uma forma diferente daquela que as vossas podem sobre a matéria do vosso mundo. Tal como é a nossa mente, assim é o nosso estado. Para os bons, o meio é belo; para os maus, o contrário.

Pergunta: Quereis dizer que viveis num mundo de sonho onde tudo parece real mas não é?

Resposta: Não, não vivemos num mundo de sonho. Como já disse, vivemos num mundo real e tangível, embora os átomos que o compõem sejam diferentes dos átomos que formaram o vosso mundo. As nossas mentes podem agir sobre esta substância tangível de uma forma que as vossas não conseguem no vosso mundo. Vós viveis num mundo de vibrações mais lentas.

Pergunta: Vive, portanto, cada um de vós num mundo próprio?

Resposta: Todos vivem, tu e eu também, mas se queres saber se todos conseguimos ver e sentir as mesmas coisas, a resposta é: sim. Todos os que se encontram no mesmo plano podem perceber as mesmas coisas. Temos o mesmo mundo que vós tendes, mas num estado mais subtil.

Pergunta: Podeis tocar o que vedes?

Resposta: Sim, claro que podemos tocar, sentir e desfrutar de todas as sensações que vós desfrutais.

Pergunta: Comeis e apreciais o vosso alimento?

Resposta: Sim, comemos e bebemos, mas não no sentido em que vós entendeis comer e beber. Para nós trata-se de uma condição mental. Desfrutamo-lo mentalmente, não fisicamente como vós.

Pergunta: Não vos consigo ver, mas, se pudesse, como é que pareceríeis?

Resposta: Tenho um corpo que é o duplicado daquele que tive na Terra — as mesmas mãos, pernas e pés, que se movem da mesma forma que os teus. Este corpo etérico que eu tinha na Terra interpenetrava o corpo físico. O etérico é o corpo verdadeiro e um duplicado exato do nosso corpo terreno. Na morte, simplesmente saímos do revestimento de carne e continuamos a nossa vida no mundo etérico, funcionando através do corpo etérico da mesma forma que funcionávamos na Terra através do corpo físico.

Este corpo etérico é tão substancial para nós agora como o corpo físico o foi quando vivíamos na Terra. Temos as mesmas sensações: quando tocamos num objeto podemos senti-lo, quando olhamos para algo podemos vê-lo. Embora os nossos corpos não sejam materiais, no sentido em que vós entendeis a palavra, eles têm forma, traços e expressão. Movemo-nos de lugar em lugar como vós, mas muito mais rapidamente do que vós podeis.

Pergunta: O que é a mente? É algo separado do cérebro?

Resposta: Certamente que sim. Trazemos a mente connosco para aqui. O cérebro físico deixamo-lo na Terra. A nossa mente aqui atua sobre o nosso cérebro etérico e através dele sobre o nosso corpo etérico, tal como o vosso cérebro físico atua sobre o vosso corpo físico.

Pergunta: Quereis falar-me um pouco do vosso mundo?

Resposta: Todos os que estão no mesmo plano podem ver e tocar as mesmas coisas. Se olhamos para um campo, é um campo para todos os que o contemplam. Tudo é igual para os que estão no mesmo estado de desenvolvimento mental. Não é um sonho. Para nós tudo é real. Podemos sentar-nos juntos e desfrutar da companhia uns dos outros, tal como vós na Terra. Temos livros e podemos lê-los.

Temos os mesmos sentimentos que vós tendes. Podemos dar um longo passeio pelo campo e encontrar um amigo que não víamos há muito tempo. Todos sentimos o mesmo aroma das flores e dos campos como vós. Colhemos flores como vós. Tudo é tangível, mas com um grau de beleza muito superior a qualquer coisa na Terra. Aqui não existe decadência de

flores ou campos como entre vós. A vida vegetal simplesmente deixa de crescer e desaparece. Desmaterializa-se. Há aqui uma semelhança com o que chamais morte. Nós chamamos transição. Com o tempo, à medida que nos desenvolvemos suficientemente, passamos a outro plano, de onde já não é tão fácil regressar à Terra.

A isto chamamos segunda morte. Os que a atravessaram podem voltar e visitar-nos no nosso plano, mas nós não podemos ir até eles enquanto não a tivermos também atravessado. É isto que a vossa Bíblia chama segunda morte. Os que a ultrapassaram raramente vêm falar-vos diretamente na Terra materializando-se, como eu estou a fazer agora; mas podem passar as suas mensagens a mim ou a outro no meu plano, e nós transmitimo-las a vós.

Pergunta: Dissestes que o vosso mundo girava com este mundo. Como acontece isso e viajais também com a Terra em volta do sol?

Resposta: As esferas mais próximas da Terra assim o fazem, porque pertencemos a este planeta. Não podemos ver o vosso mundo a girar no espaço, porque giramos convosco. Não podemos ver o vosso mundo até assumirmos condições terrenas. Ao fazê-lo, abrandamos as nossas vibrações e passamos de um plano a outro, até baixarmos as vibrações mais para o nível daquelas de que o vosso mundo é composto. Todos podemos descer, mas não podemos subir além do nosso plano até estarmos preparados para a mudança.

Pergunta: O que vos aconteceria se a Terra colidisse com outra estrela ou planeta e fosse destruída?

Resposta: Nada nos aconteceria, o nosso mundo é completamente independente da matéria física.

Pergunta: Reencarnamos de novo na Terra?

Resposta: Essa é uma questão difícil de responder. Não conheço ninguém que o tenha feito. Passei para cá há muitos anos, e tenho em meu redor aqueles que viveram há milhares de anos na Terra. É tudo o que posso dizer, porque o meu conhecimento não me permite dizer mais.

Pergunta: Os cães, gatos e outros animais sobrevivem à morte?

Resposta: Sim, senhor, de forma muito enfática, sim, sobrevivem. Nenhuma vida se extingue, mas eles não sobrevivem no mundo espiritual, como lhe chamamos. Têm um mundo espiritual criado por eles próprios. Não existem

num mundo espiritual como o homem existe. Se, no entanto, digamos, um cão tiver afeição por um ser humano, ele pode entrar no meio desse homem ou dessa mulher se ambos tiverem deixado a vossa Terra.

Pergunta: A vossa vegetação é semelhante à nossa?

Resposta: Algo semelhante, mas muito mais bela.

Pergunta: Tenho notado, nas minhas muitas conversas com pessoas diferentes, que aqueles que tinham títulos na Terra nunca os usam, apenas o nome próprio e o apelido. Sir William Barrett, por exemplo, pediu-me que deixasse cair o "Sir" quando falava com ele.

Resposta: Sim, isso está correto. Títulos terrenos nada significam para nós. Logo que os que os trazem chegam aqui, esses prefixos são abandonados — não têm significado para nós.

Pergunta: Como são as vossas casas?

Resposta: As nossas casas são tal como quisermos fazê-las. As vossas casas terrenas foram primeiro concebidas na vossa mente e depois a matéria física foi reunida para as construir tal como a vossa mente inicialmente as viu. Aqui temos o poder de moldar a matéria etérica conforme pensamos. Assim, as nossas casas também são produtos das nossas mentes. Pensamos e construímos. É uma questão de vibração do pensamento, e enquanto mantivermos essas vibrações podemos sustentar o objeto, que durante esse tempo é objetivo para os nossos sentidos.

Pergunta: Que línguas falais?

Resposta: Falam-se aqui as várias línguas da Terra, como o inglês, o francês e o alemão, mas são transmitidas de mente para mente mentalmente. A comunicação ocorre mentalmente de um para outro, e não apenas pela palavra falada como na Terra. É como se eu dissesse que a mente do espírito entra em contato telepático com a mente com a qual está a comunicar.

Pergunta: Uma última pergunta; noto que a força está a falhar. De onde obtendes a vossa luz e quando dormis?

Resposta: Se sentimos que precisamos de repouso, podemos obter uma luz suave — não tão suave como vós a entendeis, mas suficiente para nos permitir descansar. Aqui não temos noite como vós entendeis noite. Obtemos a nossa luz da fonte de toda a luz, mas não posso continuar mais

esta noite, pois a força esgotou-se; portanto, boa-noite, e que a Luz que ilumina toda a escuridão vos conduza à luz que buscais tão ardentemente.

Exprimi a minha gratidão pela amabilidade do meu desconhecido amigo e esperei que pudéssemos continuar a conversa em ocasião futura.

O gás foi reacendido e, cerca de cinco minutos depois, Sloan saiu do transe e perguntou se alguém tinha falado. Como de costume, estava aturdido e deitou-se no sofá por alguns minutos, enquanto a Sr.ª Millar lhe preparava um chá, que depressa o restabeleceu. Quando estávamos prontos para sair, já ele estava completamente recomposto e disse que não sentia quaisquer efeitos nocivos.

Tive o privilégio de realizar estas sessões privadas de tempos a tempos durante 1923 e 1924, mas o registo precedente relativo às condições no mundo etérico deve bastar, pois gostaria de apresentar o relato de outras duas sessões privadas, quando as minhas indagações se centraram nos meios que adotavam para fazer ouvir as suas vozes na Terra. O que me foi dito está resumido em capítulos anteriores, mas os fenómenos são de tal interesse que estou certo de que as respostas às minhas perguntas interessarão a muitos.

Creio que estava tão interessado em saber como se estabelecia a comunicação quanto nas condições que regem o outro mundo. Não estou mais ansioso por deixar esta Terra do que qualquer outra pessoa de mente sã. O que me alegrou saber foi que a morte não fechava o livro da minha vida e que o breve intervalo do berço ao túmulo não constituía a soma total da existência de um indivíduo. Enquanto estamos limitados ao físico, o físico, para todas as pessoas saudáveis, tem de ser a principal coisa.

Aqueles que me conhecem1 admitirão que este nosso mundo do dia a dia ocupa todos os minutos do meu tempo. Não sou sonhador nem místico. Não sou psíquico e a minha mente funciona em moldes práticos do quotidiano. Porque razão, então — poder-se-á perguntar — me dei a tanto trabalho para entrar em contato com outra ordem de existência?

A resposta é que tenho uma mente inquisitiva. Para a maioria das pessoas, uma sessão com o Sloan basta para as convencer da realidade da vida além-túmulo e, a menos que tenham familiares recentemente falecidos com quem desejem manter contato, isso satisfaz-lhes a curiosidade. Eu, porém, sentia de modo diferente. Na primeira sessão não fiquei convencido, mas suficientemente impressionado para desejar indagar mais acerca do

significado de tudo aquilo. Por isso, voltei na primeira oportunidade após a minha primeira experiência, apenas para ficar ainda mais intrigado. Não obstante, não tencionava desistir. Se fosse tudo uma grande fraude, descobriria; se não fosse, teria de refazer toda a minha perspetiva sobre a vida e a morte.

Tomando precauções elaboradas e concebendo provas engenhosas, acabei por me convencer, com o tempo, de que os fenómenos eram genuínos; mas não ficara convencido de que as vozes pertenciam aos que haviam passado pela morte. Só gradualmente veio a convicção, e isso deveu-se ao conhecimento que as vozes tinham de coisas que ninguém presente poderia possivelmente saber, e que apenas aquele que afirmava ser o dono da voz poderia conhecer. A voz que dizia ser a do meu pai, por exemplo, mostrava tal conhecimento da nossa vida familiar, da nossa casa e do meu negócio — que fora dele antes da morte — que apenas faltava eu não o poder ver. Se o pudesse, nada mais seria necessário para completar a convicção.

Não podemos chamar "morto" a alguém que nos volta em corpo semelhante ao que teve na Terra e nos fala como falava quando aqui estava no corpo. Várias pessoas independentes, com poder de clarividência, que nunca o tinham conhecido nem visto na Terra, descreveram-lhe o aspeto com tal exatidão que, por fim, me convenci de que, na realidade, estava a falar com o meu pai; pois, se não fosse ele, quem seria? Na vida terrena, a sua aparência física e personalidade representavam para mim o meu pai. Aqui tudo se repetia, e não apenas com ele, mas com dezenas de outros que eu conhecera na Terra.

Obtive ainda a informação de que o mundo real contém sete esferas, além da Terra, que se interpenetram. Cada uma tem um plano, ou superfície, e uma atmosfera que aparece como céu aos seus habitantes. Ao olharmos para cima aqui na Terra, olhamos através delas; e o mesmo se passa em cada plano — olham através dos que estão acima. A superfície de cada esfera é sólida para os seus habitantes, mas, pelo pensamento, podem baixar as suas vibrações e atravessar de plano em plano até à própria Terra. Quão poucos de nós se dão conta, ao fitar o céu, de que estão a olhar através de planos de diferente densidade que um dia serão o nosso lar, e onde aqueles que viveram na Terra estão a experimentar uma existência ativa e útil.

O capítulo seguinte continuará os registos da minha investigação — uma experiência a que sempre me referirei como Noites de Instrução.

CAPÍTULO 12
NOITES DE INSTRUÇÃO (Continuação)

Quão puro de coração e são de cabeça,
Com que divinas afeções ousadas
Deveria ser o homem cujo pensamento suportasse
Uma hora de comunhão com os mortos. TENNYSON.

Estas noites de instrução despertaram em mim o desejo de obter cada vez mais informação. Se existia tal mundo como o que afirmavam habitar, eu queria saber algo sobre ele. Tinha todo o entusiasmo de um explorador na fronteira de um país inexplorado. Queria saber como era, como se sentia ao chegar lá e o que deveria fazer aqui para tornar a minha situação tão confortável e feliz quanto possível quando lá chegasse.

Depois de obter essas informações, a minha sede de conhecimento não ficou totalmente saciada. Quis então saber como era possível falar, como é que a substância etérica, que é intangível para nós, podia fazer vibrar a atmosfera. Sentia que me defrontava com o problema científico mais importante que jamais coubera ao homem desvendar, e estava decidido a obter uma explicação completa do assunto enquanto tivesse oportunidade para isso. Por conseguinte, aproveitei algumas dessas sessões privadas com esse objetivo. O que se segue é o registo de uma sessão que tive a 4 de janeiro de 1924, quando apenas a Sr.ª Millar, Sloan e eu estávamos em casa. A porta foi trancada por mim e a chave permaneceu no meu bolso até ao fim da sessão. Ninguém poderia estar escondido no quarto, pois eu certificava-me sempre disso.

Tomámos os nossos lugares, Sloan de frente para mim, a Sr.ª Millar à minha direita com o seu bloco e lápis, e, passados cerca de dez minutos, Sloan começou a ter tiques. O estado de transe chegou rapidamente e o seu controlo habitual, Whitefeather, falou. Conversámos durante alguns minutos e então perguntei se as condições eram boas. "São", respondeu Whitefeather. "Muito boas; senhora tem grande força e isso ajuda-nos. Muita gente aqui esta noite; homem macaco aqui também." Esta curiosa observação referia-se ao espírito que disse ter sido conhecido na Terra como Professor Huxley, cujas conversas comigo, pela Voz Direta, sobre evolução lhe valeram esse título por parte daquele indivíduo divertido, espirituoso, mas algo ignorante, que dá pelo nome de Whitefeather e que, segundo o seu

próprio relato, como anteriormente referi, fora em tempos um chefe índio norte-americano.

"Quero saber como é que eles falam por Voz Direta, Whitie", disse eu.

"Eu não poder dizer muito, Chefe Findlay" (o nome por que sempre me tratava). "Mas Greentree aqui esta noite, ele contar para você."

Eu já tinha falado muitas vezes com Greentree. Ele também afirmava ter sido um chefe índio na Terra, mas era de tipo muito diferente de Whitefeather. Disse-me, numa ocasião, que aprendera inglês depois de deixar a Terra, porque, na vida etérica, estivera muito em contato com pessoas de língua inglesa. O inglês dele é bom — não o inglês quebrado de Whitefeather, que aprendera o que sabia controlando o corpo do médium.

O caso de Whitefeather é semelhante a outros que encontrei: o controlo é completamente ignorante da nossa língua quando, pela primeira vez, toma posse do corpo do médium, e vai aprendendo gradualmente, por a ouvir falar. A superioridade mental e cultural de Greentree era sempre evidente; e Whitefeather, reconhecendo a sua própria inferioridade, referia-se a Greentree sempre com respeito. Quando não conseguia responder a uma pergunta, dizia: "Greentree vai dizer, Chefe Findlay, se você perguntar da próxima vez que ele falar."

Poder-se-á perguntar por que razão índios norte-americanos atuam às vezes como controlos dos nossos médiuns. Coloquei a questão uma vez a Greentree e foi-me dito que tal acontecia porque, na vida terrena, eram espiritualistas e estavam em contato constante com espíritos desencarnados. Tinham aprendido na Terra as leis que regem a comunicação entre os dois mundos e, quando eles próprios passaram para o mundo etérico, tornou-se-lhes mais fácil do que a outros voltar a entrar em contato com a Terra.

Tal como certas pessoas na Terra estão por natureza talhadas para atuar como médiuns entre este mundo e o próximo, assim também vim a compreender que algumas pessoas etéricas são, do mesmo modo, mais adaptáveis do que outras para controlar um médium. Encontramos, portanto, que todos os médiuns de transe têm um ou mais controlos regulares, que falam com mais facilidade do que outros através dos próprios órgãos vocais do médium. Estes são os médiuns do outro lado. Nem toda a gente consegue comunicar controlando o médium; isso é feito pelos mais aptos para o

trabalho, que passam mensagens — recebidas por eles de pessoas etéricas — para a Terra.

Controlar o médium pode ser mais difícil do que falar por Voz Direta, e constatei que a maior parte dos meus amigos que falaram com as suas próprias vozes, totalmente à parte do médium, se tornaram proficientes após alguma prática. A única vantagem que a Fala em Transe tem sobre a Voz Direta é que pode ser sustentada por muito tempo — por vezes uma hora ou mais — ao passo que, por meio da Voz Direta, uma fala prolongada é invulgar. Passados alguns minutos, a voz esmorece e torna-se inaudível, e temos de esperar, às vezes cinco minutos, até voltar a reunir força para falar.

Ainda assim, enquanto a força dura, a Voz Direta é muito mais eficaz e impressionante, porque, por mais curta que seja a conversa, um diálogo "cara a cara" é sempre preferível a um através de um controlo. Por exemplo, ficaríamos mais impressionados se, digamos, um estrangeiro nos falasse durante alguns minutos em inglês e depois aguardasse algum tempo para pensar no que diria a seguir, do que se se exprimisse por meio de um intérprete. Pela fala direta, transmite-nos os seus pensamentos de uma maneira que não consegue se tudo o que diz tiver de passar por, e ser expresso por, uma segunda pessoa.

Greentree é um dos controlos regulares de Sloan e fala através dele com facilidade; além disso, é muito hábil a falar por Voz Direta. É também um dos principais operadores do outro lado. Recordar-se-á que, no Capítulo VI, ao descrever como a voz era produzida, afirmei que a maior parte do trabalho necessário para obter fala entre os dois mundos era realizado pelos do outro lado. Greentree é o diretor da sessão, tanto do lado dele como do nosso; está encarregado e orienta os que desejam falar, explicando-lhes como isso pode ser conseguido.

Seleciona aqueles que irão falar, pois, dado o grande número de pessoas à espera de oportunidade, é necessária orientação. Controla ambos os lados e não hesita em nos dizer deste lado — por vezes de forma incisiva — se não estivermos a criar as condições adequadas. Indica quando é necessária música, se estamos demasiado tensos, e repreende alguém por estar sentado com as pernas cruzadas, hábito que é uma das primeiras coisas que se diz a um novato numa sessão para não praticar.1

O novato, pensando que ninguém o verá no escuro, por vezes desobedece a esta injunção, mas esquece-se de que a escuridão não é escuridão para eles, e

de que veem claramente tudo o que fazemos. Uma pancadinha da trombeta na cabeça do culpado e um pedido educado para que não cruze as pernas provam-no invariavelmente; de facto, nunca soube que se cometesse um erro.

A pergunta habitual sobre como souberam recebe de Greentree uma resposta pronta, que faz o novato perceber que, numa sessão, as condições normais não imperam e que estão presentes inteligências com poderes superiores aos nossos. Ocorreu-me, além disso, outros casos, totalmente à parte dos fenómenos regulares de voz, que mostram que os espíritos presentes podem ver no escuro. Mencionarei alguns.

No final de uma sessão, pouco antes de serem ditas as despedidas, muitas vezes estendi o meu relógio e perguntei as horas e, em todas as ocasiões, quando as luzes foram acesas, verifiquei que a resposta era correta quase ao minuto; e isto, note-se, é feito na escuridão e quando não se usam relógios luminosos. Esta indicação correta das horas, além disso, ocorre após uma sessão de duas a três horas.

Também, se eu estender o dedo em qualquer direção, ele será, a meu pedido, tocado suavemente pela trombeta; sem apalpar, um toque limpo e suave. Qualquer parte do corpo, a pedido, será tocada de forma limpa e suave — o ouvido direito ou esquerdo, o nariz, ou o joelho direito ou esquerdo —, coisa impossível, como comprovei, para qualquer ser humano fazer no escuro.

Isto leva-me a um incidente que ocorreu logo depois de Whitefeather me ter informado de que Greentree aguardava para falar. A Sr.ª Millar apagara a luz e eu segurava as mãos de Sloan e controlava-lhe os pés. Tínhamos ambos estado sentados alguns minutos na escuridão à espera que a voz de Greentree falasse, quando a Sr.ª Millar disse: "O meu bloco de notas está a ser mexido" e depois: "Foi-me tirado", seguido de: "Tiraram-me o lápis da mão."

Em seguida, a mesa, quase dois metros afastada do médium, começou a oscilar com força considerável. Respondi: "Não pode ser nem o Sloan nem eu a fazê-lo, pois os meus pés tocam nos dele e as minhas mãos têm-lhe as mãos bem presas", quando uma voz lá em cima, perto do teto, falou do seguinte modo: "Apenas algo para vos fazer compreender que há inteligências a operar nesta sala esta noite que vos podem ver a vós e às coisas na sala. O que é escuridão para vós não é escuridão para nós. Uma mão materializada de espírito é responsável pelo que aconteceu, mas a senhora não precisa de

recear: nunca faríamos nada para assustar ou magoar alguém!" Depois disto, o bloco e o lápis foram devolvidos à Sr.ª Millar, a mesa parou de oscilar e Greentree falou, desejando-nos "Boa noite" e perguntando-me o que eu desejava saber.

Pergunta: Como é que podeis falar connosco na Terra?

Resposta: Materializando a minha boca e língua etéricas.

Pergunta: Podeis dizer-me algo sobre o método por que isso é feito?

Resposta: Farei o meu melhor para te fazer compreender como isto é feito, mas lembra-te de que não poderás ter uma perceção adequada das dificuldades com que nos defrontamos até que tu próprio venhas para o nosso lado. Contudo, explicarei os nossos métodos com a maior clareza possível. Do médium e dos presentes, um químico do mundo etérico retira certos ingredientes que, por falta de melhor nome, se chamam ectoplasma. A isso o químico acrescenta ingredientes da sua própria elaboração. Quando estes se misturam, forma-se uma substância que permite ao químico materializar as suas mãos. Com as mãos materializadas, ele constrói então uma máscara que se assemelha à boca e à língua. O espírito que deseja falar coloca o rosto nessa máscara e verifica que ela se lhe prende, reúne-se em torno da boca, da língua e da garganta. Ao princípio sente-se dificuldade em mover este material mais pesado, mas, com prática, isto torna-se fácil. Os órgãos etéricos voltaram a estar revestidos de matéria semelhante à matéria física e, pela passagem de ar através deles, a vossa atmosfera pode ser vibrada e ouvis a sua voz.

Pergunta: Mas como obtendes esse ar? Os pulmões também são materializados?

Resposta: Numa materialização completa, sim.

Pergunta: Muitas vezes ouvi duas, ou por vezes três, vozes a falar ao mesmo tempo. Nesses casos usam-se outras máscaras?

Resposta: Sim, nessas ocasiões as condições são boas e o químico dispõe de ectoplasma suficiente para construir várias máscaras, que às vezes são todas usadas simultaneamente. Isso explica que oiças mais de uma voz a falar.

Pergunta: Onde é colocada essa máscara?

Resposta: Habitualmente no centro do círculo. O químico mantém o máximo de ectoplasma possível dentro do círculo, mas, quando a quantidade emitida

pelo médium e pelos assistentes é pequena, ele acumula-se junto ao chão, o que explica que as vozes, quando as condições são fracas, venham do chão. Por outro lado, quando as condições são boas e temos abastecimento amplo, podemos construir até ao teto, o que explica que, nessas ocasiões, as vozes venham de bem alto na sala.

Pergunta: Depois de a máscara estar concluída, que fazeis?

Resposta: A pessoa que deseja falar toma posição no centro do círculo e pressiona na materialização ectoplásmica, e então começa a falar, movendo a boca e a língua do mesmo modo que tu fazes quando falas.

Pergunta: E quanto à trombeta?

Resposta: É usada não só para amplificar a voz, mas para permitir que esta seja dirigida para a pessoa a quem desejamos falar. A trombeta é movida por varas materializadas e é controlada por alguém do nosso lado a quem chamamos o operador da trombeta. O nome dele é Gallacher, e falará agora contigo. (Falou uma nova voz, anunciando-se como Gallacher, o operador da trombeta.)

Pergunta: Boa noite, presumo que é irlandês.

Resposta: Sim, senhor, acertou à primeira.

Pergunta: Pois bem, meu amigo, quero saber tudo o que me puder dizer sobre o seu trabalho a ajudar os do seu lado a falar connosco na Terra.

Resposta: Quando um espírito deseja falar contigo, assume condições terrenas a partir do vosso ambiente. Nós sabemos sempre quando ocorrem as vossas reuniões. (Aqui Whitefeather interveio: "Quem sabe sou eu, e eu é que digo a ele e aos outros. Eu é que sei quando vai haver reunião, eu é que me lembro dessas coisas, está escrito; eu é que digo a toda a gente.") Após esta interrupção, Gallacher continuou: Como eu dizia, sabemos sempre quando vos reunis. Sou responsável por manipular a trombeta. Estive ao teu lado à espera de falar contigo e agrada-me a oportunidade de te dizer o que puder.

Pergunta: Portanto, é o senhor o responsável pelos megafones ou trombetas?

Resposta: Sim, trato inteiramente deles. Quando vai haver uma reunião, o químico com quem trabalho geralmente avisa-me de quando ela se realizará e pede-me que venha à hora indicada. Ele fornece uma substância e também

obtém certa quantidade do médium e dos demais assistentes. É a combinação dessa substância espiritual com o ectoplasma retirado aos assistentes que nos permite materializar-nos. Se houver o suficiente, isso permite que os instrumentos metálicos circulem por todas as partes da sala e que se produzam vozes. Quando cheguei esta noite, vi primeiro onde melhor poderia recolher mais ectoplasma. O químico obtém-no de mim e acrescenta os seus ingredientes, e depois é levado para o lugar mais adequado. Também falo pelos que não o conseguem fazer, e também por aqueles que podem estar muito longe. Estes últimos mandam-me as suas mensagens como vós enviais mensagens por TSF; são captadas por um recetor e entregues a mim; depois eu transmito-as, dando o nome da pessoa. Limito-me a atuar como uma Central.

Pergunta: Isso explica o que às vezes é tomado por personificação?

Resposta: Eu é que passo a mensagem, mas podeis por vezes pensar que não sou a pessoa certa a falar. Sou o mensageiro para vós daqueles que não podem falar.

Pergunta: Alegra-me essa explicação — não que eu tenha alguma vez experimentado personificação —, mas é interessante e ajuda-me a compreender as vossas dificuldades. Agora, pode dizer-me mais alguma coisa?

Resposta: Quando os espíritos entram no círculo para falar, eles de facto, por esse tempo, materializam-se parcialmente; a sua boca e língua ficam revestidas pela substância que fabricamos. Existe um nexo entre a laringe do médium e a boca e língua materializadas do espírito que fala, o que permite que as palavras que o locutor forma sejam por vós ouvidas. Então sentimos como sentíamos quando na Terra. Os órgãos da fala assumem forma mais densa: a nossa língua engrossa e o mesmo acontece a todos os outros órgãos materializados. Não podemos ser ouvidos por vós até voltarmos a vestir matéria de vibração mais lenta, e só quando encontramos alguém como o médium, que nos possa fornecer esse ectoplasma que moldamos às nossas necessidades, é que podemos voltar a fazer-vos ouvir-nos. Contudo, o ectoplasma, sozinho, nada valeria sem a substância química que fornecemos do nosso lado. Sem ela, não se materializaria.

Pergunta: Que substância é essa?

Resposta: O químico está aqui ao meu lado e diz-me para te dizer que não vale a pena dar-te os seus ingredientes, pois nada significariam para vós na Terra. Diz, porém, que o produto final é uma substância por meio da qual as coisas materiais podem ser movidas. Nada pode ser movido sem ela. Todos os corpos físicos são compostos por muitos ingredientes diferentes, dos quais extraímos a substância que chamais ectoplasma.

Pergunta: Pode dizer-me algo mais?

Resposta: Tenho de ir agora, mas antes de ir gostaria de te dizer, senhor, que fui educado na fé católica romana, mas não vim para aqui como católico romano. Antes de chegar aqui abandonei todos os credos. Vim para aqui como livre-pensador, mas errei em não acreditar na sobrevivência. Vim para aqui menos o meu corpo físico. Quando me mantenho em contato com o plano terrestre, o meu meio está praticamente em pé de igualdade com o mundo físico, mas nas esferas superiores afastamo-nos das condições terrenas. Agora, para este momento, assumi condições terrenas e faço parte do vosso mundo. Vou tocar-te (senti um toque no braço esquerdo) e estou consciente desse toque. (As mãos e os pés de Sloan continuavam sob o meu controlo. Se a Sr.ª Millar me tivesse tocado, teria de parar de escrever, levantar-se e vir até mim, mas o seu lápis não cessou de se mover e, quando lhe disse imediatamente que fora tocado, respondeu do seu lugar correto na sala.) Muitos de nós aqui, no nosso estado normal, tocamos frequentemente os nossos amigos na Terra e, ao princípio, ficamos muito perturbados por não ser tomado qualquer reparo, esquecendo que, com os nossos corpos mais refinados, não podemos ser vistos nem sentidos. Tenho de ir; adeus! Greentree voltará a falar contigo.

Pergunta: Uma vez encostei o ouvido mesmo à boca do médium quando uma voz falava e ouvi um som sibilante. A voz do meu pai estava a falar na outra extremidade do círculo com o meu irmão, e, no entanto, dos lábios do médium não saíam palavras, apenas um suave sibilo. Outras vezes, quando fiz o mesmo com uma voz a falar, nada ouvi. Que era esse som sibilante que ouvi?

Resposta: Da boca do médium é projetado um tubo ectoplásmico materializado para transportar as vibrações da sua laringe até ao espírito que fala. A laringe do médium é usada para vibrar a atmosfera; a boca, a garganta e a língua materializadas do espírito servem para formar as palavras. Tiveste a sorte de ouvir esse sibilo. Os vossos homens de ciência interessados no

fenómeno ter-se-iam alegrado de ter a tua experiência, pois é algo que vos dá um ponto de partida para obter um verdadeiro conhecimento de como a voz é produzida.

Pergunta: Pode dizer-me mais alguma coisa sobre a máscara na qual entrais quando falais?

Resposta: Podes chamá-la máscara ou boneco. Reunimos o ectoplasma dos assistentes naquilo a que eu poderia chamar uma urna; não uma urna física. Se esperares um momento, tentarei mostrar-ta. (As mãos e os pés de Sloan continuavam sob controlo. Esperei, e surgiu, gradualmente, lá em cima, por cima da sua cabeça, um objeto luminoso que assumiu a forma de um grande vaso de flores, e depois esbateu-se.) Viste-o? (Vi, respondi.) Pois bem, recolhemos o ectoplasma para dentro disso e o químico acrescenta os seus ingredientes. O produto final é matéria suficientemente lenta na vibração para fazer vibrar a vossa atmosfera. A máscara, até ser ocupada pelo espírito que deseja falar, é incapaz de falar por si. O espírito tem de reduzir a vibração dos seus órgãos da fala e, assim, estabelece-se o contato entre estes e a máscara. Quando a força magnética ou psíquica é suficientemente forte, não há dificuldade em obter coesão suficiente entre os órgãos do locutor e a máscara. Uma vez estabelecida a coesão, o material ectoplásmico move-se com os órgãos vocais do espírito. É exatamente como se revestíssemos a nossa boca e a nossa língua com esse material. Ele cola-se-lhes e move-se com elas.

Pergunta: Essa máscara tem peso; afetaria uma balança?

Resposta: Sim, tem. O ectoplasma retirado aos assistentes tem peso e o peso dos assistentes é reduzido na proporção da quantidade retirada. Se te sentasses numa balança durante a sessão, verificarias que o teu peso diminuiria. O ectoplasma é devolvido aos assistentes no fim da sessão e eles voltam ao normal. [Isto foi comprovado por experiência.]

Pergunta: Quando controlais o médium e usais os seus órgãos vocais, o que acontece realmente? [Isto refere-se a enunciações em transe, não à Voz Direta.]

1 A razão para isto é manter todos os orifícios do corpo abertos, pois é através deles que o ectoplasma é retirado.

Resposta: Quando o médium é controlado e desejamos falar através dos seus órgãos vocais, colocamo-lo numa condição passiva. É a condição em que ele

se encontra quando está em transe. O seu espírito deixou o corpo por momento e está no exterior. Quando ele está nesta condição, conseguimos atuar sobre a sua laringe e cordas vocais, sobre a língua e os músculos da garganta. Não entramos, porém, dentro dele; ficamos por trás dele. Somos capazes de nos colocar numa condição — ou em sintonia com o médium — a tal ponto que, quando movemos os nossos órgãos da voz, os do médium movem-se igualmente. Existe um elo de ligação, etérico ou psíquico, como quiseres chamar-lhe, que exerce sobre os músculos do médium a mesma ação que um diapasão sobre outro diapasão se ambos estiverem afinados para a mesma nota. Assim, os dois conjuntos de órgãos vocais trabalham em harmonia. Não há a menor questão de as mensagens serem, de algum modo, influenciadas pela mente do médium, pois a mente dele não entra de todo na questão. Não trabalhamos através da sua mente, mas diretamente sobre os seus órgãos vocais. Tudo o que passa é exatamente como se origina na mente do espírito controlador. A mente e o cérebro do médium ficam desligados por momento, e o operador espiritual controla os músculos dos órgãos vocais do médium.

Pergunta: O médium ainda está em transe; onde tem estado o seu espírito desde que começámos?

Resposta: Quando o estado de transe se instala, significa que o espírito do médium se deslocou para fora do corpo. O seu espírito encontra-se neste momento exatamente à sua direita, não longe do corpo.

Pergunta: Pode dizer-me mais acerca de como controla o médium durante o transe?

Resposta: Assumo condições terrenas, abrando as minhas vibrações e fico por trás dele. O ectoplasma encontra-se em todo o corpo humano. Quando fico por trás dele é semelhante a ficar por trás da máscara, só que, neste caso, são os próprios órgãos vocais do médium que eu movimento para formar as palavras; eles movem-se em conjunto com os meus órgãos; ao passo que, quando falamos diretamente, à parte do médium, entramos na máscara e formamos as palavras com as nossas próprias línguas, que ficam temporariamente materializadas.

Neste ponto dos trabalhos, Sloan ficou completamente de pé, com os braços estendidos, e eu fiz o mesmo com ele. Assim ficámos frente a frente. Greentree disse então que interrompera a conversa para me mostrar algo. “Vou mostrar-lhe que o espírito dele está fora do corpo. Ambos os seus

braços estão abertos, pois continua a segurar-lhe as mãos. Agora tente baixar-lhe os braços." Tentei, mas estavam tão rijos como se ele fosse uma imagem de madeira. Apalpei-lhe os músculos e, ao longo de todo o corpo, cada parte era como madeira. "Rigor mortis", gritou uma voz — e, com efeito, era-o. Com toda a minha força não consegui mover nenhum dos braços nem para cima nem para baixo. Desisti, pois senti que, se fizesse demasiada pressão, o braço se quebraria. Depois, outra voz: "Traremos o espírito dele de volta e tirá-lo-emos do transe!" Aos poucos, os músculos afrouxaram e sentei-o cuidadosamente na cadeira. Passados alguns minutos, ouviu-se a voz de Sloan, a perguntar se tínhamos tido uma boa sessão.

Sloan não é tão alto nem tão musculado como eu, mas, à primeira oportunidade, pedi a um homem mais musculado do que eu que se pusesse de pé, com os braços estendidos, e os mantivesse rígidos enquanto eu tentava baixá-los. Não tive a menor dificuldade em fazê-lo, e os meus leitores podem experimentar por si. Evidentemente, para me dar prova adicional nessa ocasião, Greentree afastou ainda mais o corpo etérico de Sloan do seu corpo físico, de modo que, por momento, ele era como morto. No transe habitual, o etérico e o físico devem estar em ligação mais estreita, pois nunca há esta rigidez dos músculos. Foi uma experiência que me alegro por não ter sido repetida muitas vezes, pois só noutra ocasião tive vivência semelhante.

Concluirei estas Noites de Instrução no capítulo que se segue.

CAPÍTULO 13
NOITES DE INSTRUÇÃO (Conclusão)

Os sábios são instruídos pela razão; as mentes vulgares, pela experiência; os estúpidos, pela necessidade; os brutos, pelo instinto.

CÍCERO.

O único outro registo que darei destas sessões privadas é o datado de 24 de janeiro de 1924. A Sr.ª Millar voltou a desempenhar o papel de anotadora, e eu segurava as mãos de Sloan, com os meus pés sempre a tocarem nos dele. Em cada sessão vigoravam condições semelhantes. Sloan sentava-se em frente de mim e, passados cerca de dez minutos, entrava em transe. A luz era apagada e aguardávamos na escuridão, a pensar no que mais aprenderíamos nessa noite.

“Boa noite, Sr. Findlay.” “Oh, boa noite, Greentree”, respondi, “reconheço a sua voz.”

Pergunta: Alegra-me que tenha vindo esta noite. Então pode dizer-me a diferença entre transe e sono?

Resposta: No sono — isto é, o sono natural, o sono de que o corpo físico precisa —, todas as funções do corpo estão em repouso, exceto o coração, que continua a pulsar. Esse é o sono natural, mas o espírito nem sempre abandona o corpo. No transe, colocamos o espírito ligeiramente de lado, mas um cordão psíquico liga-o ao corpo a partir do seu corpo espiritual. Se esse cordão se quebrasse, ocorreria a dissolução imediatamente. Antes de podermos falar através dele, precisamos de tirar o espírito de dentro dele, para fora por completo, mas continua ligado ao corpo por este cordão de vida. Ele está agora inconsciente e fora do seu corpo físico. O seu espírito, neste momento, está exatamente entre o corpo dele e você. Se nada de imprevisto acontecer, ele pode regressar ao corpo tal como dele saiu. Se algo corresse mal na sua condição presente, o invólucro físico sofreria. Nesta ocasião, reparará que lhe estou a falar por meio dos órgãos vocais dele. Estou por trás dele, mas em contato tão estreito com esses órgãos que, tal como eu movo a minha boca, a boca dele move-se. Estou em completo controlo desses órgãos. O médium nada sabe, está totalmente inconsciente de qualquer coisa que eu faça. Estou a fazer uso temporário do corpo dele, pois a força ainda não é suficiente para lhe falar pela Voz Direta.

Pergunta: Consegue ouvir-me com facilidade?

Resposta: Sim, consigo ouvi-lo, mas não consigo ouvir o que digo em resposta. Estou a falar por trás do médium e suponho que me ouve.

Pergunta: Oh, sim, ouço-o perfeitamente. Pode sugerir um meio de comunicação sem médium?

Resposta: Encontrando algo na Terra suscetível das vibrações mais elevadas do mundo espiritual. É isto que os cientistas do nosso lado estão a tentar influenciar-vos a realizar, pois é algo que vos compete a vós fazer, não a nós. Não podemos fazer mais do que baixar as nossas vibrações até perto das da vossa Terra. Compete-vos a vós elevar as vossas vibrações para encontrarem as nossas quando descemos.

Pergunta: Como é que um médium ouve clariaudientemente?

Resposta: Pela nossa ação sobre a sua mente.

Pergunta: Qual será o meu trabalho quando eu chegar ao vosso mundo?

Resposta: Estará eminentemente talhado para trabalho de investigação.

Pergunta: Quando nos falais, baixais as vossas vibrações?

Resposta: Certamente; é isso que queremos dizer quando dizemos que assumimos condições terrenas.

Pergunta: Como é que baixais as vossas vibrações?

Resposta: É difícil explicar. É uma condição em que nos colocamos, que nos permite absorver o ectoplasma do médium e dos assistentes, e, quando o faço, sinto-me exatamente como me sentia quando vivia na Terra.

Pergunta: Como é que nos ouvis falar?

Resposta: Baixando suficientemente as nossas vibrações para captar as vibrações atmosféricas da vossa voz. Tenho de ir agora. Boa noite.

Decorridos alguns minutos, falou uma nova voz. "Greentree tem de ir, tem outro trabalho a fazer; mas pediu-me que falasse consigo caso ainda tenha mais alguma coisa a dizer."

Pergunta: Obrigado por vir. Poderia dizer-me como é que consegue falar comigo? Greentree, Gallacher e outros já mo disseram, mas quanto mais informação eu obtiver, melhor poderei compreender os vossos métodos. Até agora, tudo quanto me foi dito por vozes diferentes harmoniza e concorda. Continue a falar. Pode dizer algo que eu ainda não tenha ouvido.

Resposta: Sinto-me como se tivesse acabado de regressar à Terra. Isto é tão interessante para mim como seria para si vir até aqui, para o nosso lado, e ver como isto é feito. Ficaria fascinado a ver tudo quanto acontece antes de uma voz espiritual poder vibrar a vossa atmosfera. Primeiro, somos informados por Whitefeather, ou por outra pessoa, quando vai ter lugar uma sessão; ele está sempre junto do médium e sabe tudo o que ele faz, e ouve quando combina uma sessão. Depois, vimos todos. Whitefeather retira o corpo espiritual do corpo do médium, o químico e os seus assistentes vêm com as suas preparações, e Gallacher vem para manejar as trombetas — não que as trombetas sejam sempre necessárias; você muitas vezes ouviu-nos falar sem elas. Elas apenas ampliam a voz e permitem-nos projetá-la mais facilmente para a pessoa a quem desejamos falar. Greentree assume a direção e diz aos

espíritos presentes como e quando falar. É muito interessante observar todos os preparativos que se fazem deste lado, o químico a estabelecer a ligação entre o médium e os assistentes e a retirar deles força. Até que todos estes preparativos estejam concluídos, não pode ser produzida voz que você consiga ouvir. A parte larga do megafone ou trombeta é também usada para colocar dentro a boca e língua materializadas, pois dá ao espírito que fala algo onde as apoiar. Depois falamos, apontando a extremidade menor para a pessoa a quem nos dirigimos.

Pergunta: O Gallacher está aqui esta noite? Quero perguntar-lhe algo.

Resposta: (Interveio Whitefeather.) Não, Gallacher está ocupado noutro trabalho. Não pode vir hoje. Ele disse-me que você vinha; eu é que lhes digo quando vir, esse é o meu trabalho. Eu cuido do espírito do meu médium. Afastem-se, vocês, que não vos farão bem. Quando vier como pesquisador sério, encontrará em nós vontade de o ajudar. [Isto foi dirigido a alguns espíritos presentes.] A nossa banda aqui não permite que maus espíritos venham cá. Eu consigo entrar mesmo no corpo do médium, mas mais ninguém consegue; eu consigo gerir isto depois de anos de prática.

É impossível, num livro, transmitir ao leitor os diferentes timbres e personalidades dos oradores. Whitefeather é reconhecido de imediato pela voz, pela personalidade e pela fala. Sempre que fala, dá vontade de rir; é como o palhaço de um circo — às vezes amua, às vezes está, figuradamente, negro como o breu, para depois se iluminar e tornar-se, com um pouco de lisonja, todo ele sol. Com as suas observações pitorescas e ditos espirituosos consegue manter-nos a rir durante minutos a fio. Intromete-se e troça dos espíritos que falam, ou faz algum comentário sobre um assistente — no todo, uma personalidade muito divertida e interessante, mas de modo nenhum altamente desenvolvida. O mesmo sucede com todos os outros oradores regulares: são facilmente reconhecíveis; cada um tem as suas características e personalidade que a escuridão da sala de sessões não consegue ocultar.

Para continuar a conversa interrompida por Whitefeather:

Pergunta: Mantêm registos do que acontece?

Resposta: Sim, claro que mantemos; não somos enciclopédicos.

Pergunta: Como é movida a trombeta?

Resposta: Quando a força é suficiente, a mão do espírito está materializada o bastante para lhe permitir segurá-la; mas, noutras ocasiões, por varas psíquicas. (Pausa.) Alguém perto de si está muito desejoso de falar; espere só um pouco e não faça mais perguntas. [Recebi então duas pancadinhas rápidas no ombro direito e soube de imediato que o meu pai estava ao meu lado, porque era a única pessoa que alguma vez batia no meu ombro daquele modo. Era um gesto familiar que lhe era peculiar, pois aproximava-se de um amigo e dava duas pancadinhas rápidas com os dedos nas costas do ombro. Depois falou comigo e o resto da sessão foi preenchido a falar com ele e com outros amigos que estavam presentes.]

Huxley, de quem já falei, também falou, traçando a matéria e a vida desde os primórdios, através do físico, até ao mundo etérico. "Evolução", concluiu, "é ainda o meu grande tema, aquilo em que penso constantemente. A evolução é a chave do Universo. A evolução nunca termina. Estamos sempre a progredir, a progredir, mas conservamos a nossa individualidade. Ajuda a explicar o mistério da existência."

Fiz o meu melhor, nestes três últimos capítulos, por dar um esboço dos métodos que empreguei para obter informação sobre o outro mundo que nos envolve e para descobrir como é que os seus habitantes conseguiam comunicar os seus pensamentos à Terra. Estas sessões privadas foram muito impressionantes e fizeram tanto como qualquer outra coisa para me convencer da realidade do outro mundo. Estar sentado frente a frente com Sloan e, quando falava uma Voz Direta, inclinar-me para a frente para me certificar de que a voz não era a dele, confirmou as conclusões que eu anteriormente formara — e estas, como já disse, não foram alcançadas apressadamente.

Senti então que tinha agora uma dupla verificação de tudo o que anteriormente experimentara: confirmara a honestidade do médium; a natureza supranormal dos fenómenos; a realidade de outro mundo em estreita proximidade do nosso; e, por fim, a continuidade da vida, que verifiquei apenas ter passado para além do nosso conhecimento por haver descartado a veste física que apelava aos nossos sentidos. Além disso, tinham-me dito algo da vida e do trabalho no mundo etérico, e dos seus métodos de estabelecer comunicação com esta Terra. Na verdade, estas noites de instrução não eram coisa que se esquecesse.

CAPÍTULO 14
ACRESCENTA AO TEU CREDO, CONHECIMENTO

A ignorância é a maldição de Deus; o conhecimento é a asa com que voamos para o Céu. SHAKESPEARE.

Os capítulos precedentes contêm informações que raramente foram transmitidas entre duas ordens diferentes de inteligência de forma tão clara e concisa. Sem dúvida, não estávamos preparados para as receber e, se tivessem vindo mais cedo, não teriam sido compreendidas. Hoje a situação é diferente, pois a geração mais jovem já é capaz de pensar no éter e nas suas ondas, e na matéria composta de átomos e eletrões. A mente humana avançou, assim, o suficiente para poder apreender o facto de que nada é sólido no sentido em que entendemos a palavra, e de que tudo o que vemos e tocamos é composto dessa substância chamada éter, que só quando vibra a determinada frequência apela aos nossos sentidos.

A grande maioria das vibrações do éter nunca nos afeta, embora saibamos, por meio de instrumentos, que existem e, muito provavelmente, sempre existiram. Será inconcebível que haja outros seres que consigam sentir aquilo que somos incapazes de sentir, ou estará o somatório da inteligência confinado ao que chamamos humanidade? Não haverá outra vida capaz de apreciar ondas etéricas, quer abaixo quer acima da nossa limitada capacidade? Certamente adotar essa visão revela um horizonte muito limitado. Sabemos como o homem primitivo apenas conseguia apreciar o seu próprio meio imediato e como considerava as estrelas luzes colocadas no firmamento para seu benefício especial. A sua mente não teria conseguido abarcar as descobertas de Copérnico.

Se Bacon, em 1623, no seu De Augmentis Scientiarum, tivesse discursado sobre a atividade vibratória da matéria, a sua obra poderia ter morrido à nascença. A mente humana, no seu tempo, mal podia compreender a majestade e grandeza do universo físico, e o universo do éter só poderia ser apreciado quando, antes de mais, o universo físico fosse devidamente compreendido. Esse desenvolvimento mental levou trezentos anos e, hoje, encontramos exatamente a mesma dificuldade em harmonizarmo-nos com este próximo passo em frente, como os nossos antepassados tiveram em ajustar a sua mente à astronomia de Copérnico e Galileu e, mais tarde, à biologia de Darwin.

Cada passo em frente leva tempo; as grandes mentes dão o primeiro passo, frequentemente entre troças; mas, pouco a pouco, a multidão segue. Os nossos filhos serão capazes de apreciar o universo etérico de uma maneira que muitos da geração mais velha nunca conseguirão, porque, para eles, um mundo etérico para além do físico será compreensível como nunca o será para os seus pais e avós.

Foram necessários pelo menos cem anos até que as descobertas de Galileu e Copérnico obtivessem aceitação geral entre as pessoas instruídas. Então, tal como agora, as aparências eram diferentes da realidade. Levaram cinquenta anos e mais, depois de Darwin, até que a maioria dos instruídos fosse capaz de aceitar o facto de que a nossa Terra, e os seus habitantes, são o resultado de uma evolução lenta mas constante, e não de uma criação instantânea. Todas as novas descobertas tiveram de enfrentar oposição intransigente. A história está cheia do facto de que a humanidade invariavelmente perseguiu, e por vezes assassinou, os seus maiores pensadores, para depois venerar nos seus túmulos. A mente humana é de tal modo constituída que as ideias novas penetram lentamente e só são aceites após longas e acesas discussões.

Sem dúvida, esse conservadorismo é para melhor, pois, se fosse doutra maneira, não haveria estabilidade; ao passo que, embora a verdade vença sempre no fim, muita palha é descartada na joeira. Toda a mudança radical na ciência, na religião ou na filosofia só conquistou aceitação acabando por apelar à razão da humanidade, e as descobertas psíquicas não serão exceção. Devemos, portanto, esperar que leve tempo até que este novo conhecimento passe a fazer parte das verdades geralmente aceites no mundo, e isso só acontecerá com cada vez mais investigadores sinceros a estudarem os fenómenos e, ano após ano, acumularem mais provas que, no final, removerão toda a dúvida.

Qual deve ser, portanto, a atitude de todos quantos, pondo de lado o preconceito, se voltam seriamente para a verdade? Qual deveria ser a minha atitude perante as circunstâncias até aqui relatadas neste livro? Devo manter-me calado ou contar ao mundo as minhas descobertas, ignorando as suas zombarias e troças? Cada um de nós é apenas o depositário do conhecimento que lhe foi confiado, e recuar por medo do ridículo seria mera cobardia.
Eu conto apenas o que me foi contado, e este livro não é produto da minha imaginação. Não sou um missionário a tentar mudar crenças de longa data. Estou apenas a relatar algo que ouvi e vi, o que tornará mais inteligíveis as crenças tidas por sagradas pela grande maioria da humanidade. Se, no

processo de assimilar mais conhecimento do invisível, certas crenças hoje tidas por fundamentais forem encontradas como meros símbolos de uma verdade maior que está mais atrás, não será isto apenas uma repetição do que aconteceu no passado?

O conhecimento é como uma árvore de crescimento lento. Ano após ano, perde as folhas que foram o meio do seu alimento, mas a árvore permanece, adicionando lenta mas seguramente à sua altura e grossura. Assim também hoje certas crenças antigas, que ajudaram a humanidade no seu esforço de alcançar Deus e o invisível, têm de ser descartadas para que haja lugar às de crescimento mais novo e fresco, mas a estrutura real e duradoura permanecerá sempre. O conhecimento obtido por esta nova ciência da Psíquica apenas confirma e aprofunda as grandes verdades universais proclamadas pela Religião e pela Filosofia.

Descobrimos, nas nossas investigações, uma Mente diretora de tudo, a moldar e formar o universo, um grande e estupendo plano, muito além da compreensão de qualquer um neste mundo e da maioria no próximo. Verificamos que, como semeamos aqui, assim ceifaremos depois; que estamos a fazer a nossa próxima vida nesta; que a vida persiste e é indestrutível; que memória, personalidade e carácter são o nosso verdadeiro eu, e que não são eles, mas apenas o seu invólucro físico, que se decompõe na morte.

Além disso, verificamos que estamos rodeados por uma multidão invisível que, em certas condições, pode, de tempos a tempos, conversar connosco. Não receberam as verdades fundamentais e essenciais da religião confirmação por esta nova revelação, e estaremos nós mais propensos a tornar-nos irreligiosos pela sua aceitação? Quando olhamos em volta, para o chamado mundo religioso do pensamento de hoje, não haverá um sentimento instintivo, mesmo entre os mais ortodoxos, de que as coisas estão desalinhadas? Consideremos as seitas, as dissensões e as querelas por um lado, e a indiferença absoluta por outro, e temos, em resumo, os resultados da religião ortodoxa.

Se tomarmos a Grã-Bretanha apenas como exemplo, acabámos de nos tornar suficientemente instruídos para que a maioria de nós se pergunte o que é a verdade. Nos velhos tempos de ignorância não havia dificuldade em aceitar a verdade, porque a verdade, para a multidão, era o que lhes era dito pela Igreja. Isso foi durante a Idade das Trevas, mas a imprensa fez o seu efeito e,

há alguns centenas de anos, alguns eram suficientemente inteligentes para duvidar da autoridade dessa Igreja. Rejeitaram-na e firmaram a sua fé no que se considerava um livro infalível em vez de numa Igreja infalível.

O conhecimento progrediu, o livro infalível começou a ser posto em dúvida, e depois ainda mais em dúvida e, em consequência, desde a Reforma, tem havido dissensão por toda a parte entre a secção protestante da comunidade, porque não tinham nada sólido em que basear as suas crenças. A Igreja Católica Romana, só ela, conseguiu prosseguir o seu caminho, sem pelo menos rutura aberta, mas a história do Protestantismo faz lembrar um iceberg, constantemente a desfazer-se. Cada secção, claro está, considerava-se certa e todas as outras erradas, e cada secção tinha os seus próprios textos para sustentar as suas pretensões.

Hoje, quase um terço do caminho do século XX, encontramos a mesma forma de serviço religioso, a mesma lengalenga de palavras usadas que satisfizeram os nossos antepassados ignorantes, mas que estão longe de satisfazer a parte pensante da população. Em consequência, as congregações estão a tornar-se menores, porque as pessoas têm pouca simpatia pelo seu ensino. Serão as pessoas, porém, indiferentes às verdades essenciais que todas as religiões proclamaram? De modo nenhum, pois hoje muitas pessoas estão mais interessadas e mais vivas às verdades essenciais da religião do que nunca, e a Igreja perdeu uma grande oportunidade ao manter os seus credos impossíveis, forçando assim para fora de si a parte pensante da população.

No livro de orações da Igreja de Inglaterra está estabelecido para ser lido ou cantado, em certos Dias de Festa e Domingos, o credo de Santo Atanásio, que nos diz, entre outras coisas, que, se não crermos no incompreensível, não podemos ser salvos, e, sem dúvida, pereceremos eternamente. Este credo cruel expõe a fé cristã; nunca foi repudiado nem retirado; de facto, é a base do Cristianismo protestante e romano, ou, como diz o Livro de Oração, é a confissão da fé cristã.

Como poderá qualquer homem ou mulher inteligente ler este credo e dizer honestamente que este amontoado de palavras sem sentido constitui a sua fé, e, no entanto, ele é cantado ou lido levianamente por toda a Inglaterra em certos Domingos designados. A total falta de autoridade e de base para a crença no Cristianismo protestante encontra ampla confirmação nas opiniões divergentes sustentadas quanto à transubstanciação. O Bispo de Birmingham (Morning Post, 23 de julho de 1931) acusa o Arcebispo de Cantuária de tolerar

a crença "de que um sacerdote, pelo ato de consagração, pode fazer com que Cristo venha habitar no pão e no vinho da Sagrada Comunhão, e que a crença de que uma Presença Espiritual pode ser feita para inerir num pedaço de pão pela consagração é falsa".

Isto é apenas um exemplo do que tem acontecido repetidamente nos últimos 1900 anos. Se não era uma discussão ou uma disputa sobre a transubstanciação, ou a Trindade, era uma querela sobre a autenticidade de alguma passagem da Escritura. O Cristianismo, desde a sua fundação, tem sido a causa de uma discussão e de uma disputa atrás de outra, relativas quer a credos ou formas e cerimónias, por um lado, quer ao significado e interpretação de certas porções da Escritura, por outro. O Cristianismo tem sido como um navio no mar, para sempre à procura de um porto e nunca o encontrando, porque não tem fundamento são e sólido para as suas afirmações.

Têm-nas baseado no pronunciamento de alguma autoridade eclesiástica ou em alguma passagem da Escritura, e estas receberam interpretações diferentes em épocas diferentes. Consequentemente, o Cristianismo de hoje é o mais diferente possível do Cristianismo do primeiro século.1 Estas opiniões e interpretações causaram um número incalculável de pontos de vista divergentes em toda a Cristandade e foram a causa das centenas de seitas que têm formado a Igreja Cristã desde a sua fundação. Não admira que apenas uma pequena parte da comunidade assista ao culto divino, porque os próprios líderes não conseguem concordar quanto ao que é verdade e, assim, os seus seguidores, perdendo ânimo, vão sendo cada vez menos. O número dos que frequentam os serviços espiritualistas, pelo contrário, aumenta ano após ano.

Que raio de esperança é oferecido aos que rodeiam uma cova aberta? Eis o que se diz aos enlutados: "Não dormiremos todos, mas todos seremos transformados, num momento, num abrir e fechar de olhos, ao som da última trombeta; porque a trombeta soará, e os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos transformados." Ora ser transformado é a última coisa que qualquer de nós deseja. Todos querem ser si próprios e conservar a sua própria individualidade e personalidade, e é exatamente isso que faremos, num corpo semelhante ao nosso corpo terreno. Que conforto pode qualquer citação trazer aos enlutados, e, no entanto, em todos os funerais cristãos o clero lê este serviço fúnebre obsoleto, ou, se dissidentes, repetem palavras semelhantes, e confiam os mortos à sepultura até à grande Ressurreição.

Esta consignação dos mortos à sepultura até a um futuro dia da Ressurreição tem vindo a acontecer desde o início do Cristianismo; já acontecia antes de o Cristianismo ser pensado e, se o clero tem razão, os nossos cemitérios devem estar cheios de corpos adormecidos à espera da grande chamada. No passado, as pessoas aceitaram esta antiga crença egípcia numa ressurreição corporal porque não sabiam melhor, mas, mais cedo ou mais tarde, graças ao nosso conhecimento acrescido, a verdade há de tornar-se conhecida. Quem duvidar da visão acima exposta quanto à opinião da Igreja sobre o assunto, encontrá-la-á confirmada lendo de novo os conhecidos hinos que se cantam em tantos funerais: Now the labourer's task is o'er e On the Resurrection morning.

Não podemos esperar que o clero repudie as crenças de que aufere o seu sustento, e cabe agora aos espiritualistas afirmar que as verdades essenciais da religião podem ser acreditadas, não como um ato de fé, mas como factos científicos. Dizem-me, contudo, que tudo o que é novo pode ser lido nos antigos credos, e que estes ossos mortos podem voltar a viver derramando sobre eles o óleo da nova revelação. Isso poderá satisfazer alguns, mas não satisfaz muitos que agora pensam por si mesmos e passam, com indiferença, por cima dos pronunciamentos da Igreja. Esses escritos antigos são relíquias interessantes de uma época passada, mas por que razão haveremos de meditar nas tentativas às cegas dos nossos antepassados ignorantes em busca da verdade quando temos à nossa frente as coisas que eles procuravam?

Qual é, então, a nossa posição hoje? Sabemos agora que a nossa sobrevivência e a nossa entrada no mundo etérico não estão condicionadas por qualquer tipo de crença. É um processo natural, tão natural como o nascimento; tem lugar, não numa data distante do futuro, mas na morte. Não importa minimamente que alguém acredite ou não em acontecimentos registados na Bíblia, ou que seja, por um lado, um crente de que o Céu é uma nova Jerusalém com as suas ruas pavimentadas a ouro, ou, por outro lado, de que não existe tal coisa como sobrevivência e de que a sepultura é o nosso fim.

Todas essas crenças nada significam no que respeita à sobrevivência, pois tanto o crente mais ignorante como o ateu mais convicto chegarão ao mundo etérico quando chegar o momento de o seu corpo etérico deixar o corpo físico. Não há um lugar separado, Céu para os crentes ou Inferno para os descrentes. Mas a ignorância não é bênção e gera falsas imaginações. Quanto

mais souberes do país para onde vais e dos meios de entrada, mais em casa te sentirás nele quando lá chegares. Estaremos muito mais em harmonia com o nosso meio se nos prepararmos corretamente com antecedência, embora seja imprudente dar-lhe demasiado pensamento.

Escrevo com alguma autoridade, pois tive uma ou duas experiências interessantes. Um clérigo que morrera disse-me que não conseguia fazer progresso até que o último dos seus paroquianos tivesse chegado deste mundo. Perguntei-lhe porquê e disse que a razão era ter-lhes pregado o Cristianismo ortodoxo, isto é, o perdão dos pecados pela crença na morte de Cristo na cruz e o castigo de todos os que não tivessem essa crença. Estava à espera de dizer a cada um dos seus paroquianos, à medida que fossem chegando, que se enganara e que lhes dera uma impressão inteiramente errada da vida depois da morte.

1 As crenças atuais do Cristianismo ortodoxo não foram formuladas até ao ano 325, no Concílio de Niceia. Antes dessa data, não constituíam o que hoje se chama a Fé cristã.

Disseram-me uma vez que todas as crianças pequenas que tinham passado para o mundo etérico em tenra idade, sem qualquer conhecimento dos dogmas e credos religiosos desta terra, cresciam totalmente ignorantes deles, pois essas crenças engendradas na terra nada significavam para o habitante daquele mundo. Os que passam levando tais crenças são ensinados a ver o seu erro, e os que não as pregaram esquecem-nas muito rapidamente no seu novo meio. Aqueles, porém, que foram responsáveis por pregar e ensinar o erro poderão ter de suportar remorsos mentais até esquecerem o seu engano.

Outra experiência que tive foi igualmente interessante e mostra quão ampla é a divergência de pensamento, seja onde for. O grupo que trabalhava comigo do outro lado disse que me trariam para falar um Irmão de Plymouth que, na terra, tinha ideias tão fixas que não conseguia livrar-se delas no seu novo meio.

Este homem, que vim a saber depois ter sido um Irmão de Plymouth proeminente em Glasgow, conhecido pelas suas opiniões muito estreitas e sectárias, e que falecera recentemente, falou-me tal como deve ter falado muitas vezes na terra. Falar de um pecador empedernido! Ele foi certamente o crente mais empedernido que jamais encontrei. Do outro lado discursou-me sobre a maldade de toda a gente excepto ele próprio. Para ele, todos eram

pecadores, e as suas ideias fixas na terra tinham sido levadas consigo. Depois de ter terminado, foi-me dito pelo seguinte orador que ele teria de passar por um curso especial de ensino e que, com o tempo, o seu espírito se desenvolveria o suficiente para lhe permitir ver a verdade.

Como digo, os elementos essenciais de toda a verdadeira religião permanecem. Esta nova revelação nada tira aos anseios da humanidade e acrescenta enormemente ao nosso conhecimento tanto deste mundo como do próximo. Todos ganhamos com estas novas verdades e nada perdemos. Vivamos, pois, vidas verdadeiras, íntegras, boas e altruístas, lembrando que não é acreditar em credos que importa, mas o que somos e fazemos.

Nenhuma repetição de credos ou orações nos dará melhor lugar no além, pois, embora tais repetições tragam alguma medida de conforto, não nos tornam homens e mulheres melhores. O essencial é o desenvolvimento do nosso carácter, e este não se fortalece se tivermos medo de pensar por nós mesmos e usarmos credos, um livro ou uma igreja como muletas, quando temos hoje diante de nós conhecimento suficiente para nos permitir caminhar sós.

Em todas as minhas comunicações com os que passaram adiante, ao tocar em problemas mais profundos, impressionou-me a insistência deles na realidade do seu mundo e como olham para este nosso mundo apenas como uma pálida imitação do deles. O etérico é a base de toda a vida e ao etérico retornará. O que vemos é temporal, e o invisível é o eterno, pois o visível e tangível não passam de resultados de causas invisíveis. Na natureza nada se perde. A vida pode deixar de se manifestar num invólucro físico, mas nem a vida nem a sua cobertura se perdem. A vida prossegue o seu curso, entrando e atravessando a matéria, à qual, durante a sua passagem, confere forma e movimento.

Quando esse invólucro deixa de satisfazer os seus requisitos, a vida abandona-o para morrer e decair, devolvendo-o à mãe terra, de onde veio, para que possa ser usado de novo na passagem da vida em data futura. A vida apenas se recolhe dentro deste invólucro físico para lhe permitir assumir forma e, nas criaturas mais desenvolvidas, essa forma persiste no mundo etérico. Esta terra é apenas uma incubadora, a desenvolver a vida durante a sua passagem pelo físico; é o berçário da raça humana, o seu lugar de preparação para o mundo real e duradouro que, para nós, no corpo físico, é ao mesmo tempo intangível e insensível.

A grande lei que governa este mundo etérico é a da harmonia, ou lei da atração, semelhante à nossa lei da gravitação. Assim como o corpo físico está sujeito a esta última, o etérico está sujeito à primeira. Ali, o semelhante atrai o semelhante e, à chegada ao novo meio, dizem-me que somos irresistivelmente atraídos para a companhia e condição para as quais estamos talhados pelo carácter.

Almas afins mantêm-se juntas, mas o progresso é sempre possível, mesmo para o pior, se o desejo for suficientemente forte. Todos podem, em última análise, progredir, se o quiserem, embora o caminho para o egoísta seja solitário e sombrio. Os nossos pensamentos e ações, portanto, aqui na terra, estão a construir para nós o nosso lugar no além. Quantos de nós nos damos conta de que os pensamentos são coisas duradouras, de que passam connosco através da morte e serão nossos companheiros, para nos influenciarem então ainda em maior grau do que agora. Quando separados do corpo físico, assumem forma e figura mais poderosas para o bem ou para o mal do que quando revestidos pelo corpo terreno.

O que afirmei neste capítulo baseia-se nas informações que me foram dadas por aqueles que outrora, como nós, viveram aqui na terra. De muitas maneiras me provaram a sua identidade e, de modos que eu podia verificar, satisfizeram-me quanto à sua honestidade e veracidade. Por que razão, portanto, não haverei de aceitar também as suas declarações sobre o tipo de vida que levam, o aspeto do seu mundo e os seus ensinamentos morais e filosóficos?

Eles estão um estágio adiante de nós e veem as coisas de um ângulo novo e mais amplo. Se o que me dizem apela à minha razão, devo descartá-lo como sem valor por o método de comunicação não estar em uso geral? Tal argumento teria morto o telefone, o telégrafo e a TSF ao nascer, pois, pela sua novidade, nenhuma mensagem teria sido acreditada e, assim, ter-se-iam tornado inúteis desde o início.

A repetição constante, porém, provou o seu valor, tal como a repetição constante de mensagens que, há oitenta anos, se vem processando entre os dois mundos confirmou, em todos os pormenores essenciais, esta grande nova revelação de um mundo à nossa volta e em redor de nós, a sua vida e o seu carácter. O que me foi dito foi dito a outros, não uma vez, mas milhares de vezes. Limito-me a acrescentar mais uma pedra ao marco, que um dia se erguerá tão alto que toda a humanidade será forçada a olhá-lo e a acreditar.

CAPÍTULO 15
FACTOS QUE DEVÍAMOS CONHECER

Os factos são para a mente o que o alimento é para o corpo. Da devida digestão dos primeiros dependem a força e a sabedoria de uma, assim como do outro dependem o vigor e a saúde. O mais sábio no conselho, o mais capaz no debate e o companheiro mais agradável no comércio da vida humana é aquele que assimilou ao seu entendimento o maior número de factos. BURKE.

Estamos todos destinados a outro país. Se nos dissessem que teríamos de deixar a Inglaterra e fixar residência permanente, digamos, numa parte pouco conhecida da América do Sul, quão ansiosos ficaríamos por encontrar alguém que lá tivesse estado. Não o bombardearíamos de perguntas, não apenas sobre a paisagem e o clima, mas sobre o tipo de roupas que deveríamos levar?

Quando tive essa oportunidade com aqueles que tinham regressado para mim do mundo etérico, para o qual todos caminhamos, naturalmente aproveitei todas as ocasiões para me inteirar desse lugar, dos seus habitantes, da sua paisagem e de como melhor poderia "vestir" o meu carácter, para ficar o mais adequadamente preparado para o meu novo meio.

Tendo assim aprendido algo do nosso destino, deixai-me, nos termos mais simples possível, estabelecer estes factos que cada um de nós devia conhecer. Aos desinteressados da vida futura, aos que preferem nela entrar ignorantes e desprevenidos, este livro não agradará. Todos sabem que a morte há de vir, e os que desejem enfrentá-la com conhecimento e entendimento encontrarão aqui alimento para reflexão.

Aqui, neste mundo, os nossos corpos são duplos: físico, que podemos ver e tocar; etérico, que não podemos perceber com os nossos órgãos físicos. Estes dois corpos interpenetram-se, mas o etérico é o permanente, o duradouro, sendo a mente etérica a morada da nossa memória, personalidade e de todas as qualidades que compõem o nosso carácter. Essas qualidades pertencem ao etérico. A mente nunca envelhece; apenas o cérebro — o instrumento da mente —, que se deteriora à medida que o corpo físico envelhece. Nada do que aprendemos, nenhuma riqueza intelectual adquirida, se perde.

Aqui, com o tempo, perdemos o poder de expressão; mas isso deve-se ao instrumento físico deixar de funcionar com a precisão de outrora. Quando, após a mudança da morte, a veste gasta é deposta, permanecemos, vestidos de um corpo etérico, na nossa nova morada. Livres das limitações do físico, as nossas faculdades estão mais límpidas e os movimentos mais rápidos. Na mudança nada de valor perdemos; continuamos nós mesmos em forma e traço, em pensamento e ação.

Os que perderam braços ou pernas voltarão a tê-los, pois foi apenas o físico que se perdeu; e o mesmo com todas as outras incapacidades corporais. O físico é apenas a cobertura; está continuamente a gastar-se e a ser renovado pelo sangue, o que é outra prova de que existe uma estrutura permanente à qual a matéria física se fixa.

A criança que deixa esta terra como tal cresce até à idade adulta e, atingida essa etapa, permanece homem ou mulher plenamente desenvolvido. A velhice pertence ao físico, mas é desconhecida no etérico. As crianças no mundo etérico são cuidadosamente tratadas e educadas; ali têm as suas escolas e colégios; na verdade, o desejo de saber é o anseio dominante de todos os que buscam o progresso, sejam crianças ou adultos. E quanto aos idosos que morrem? Aqueles que vivem o suficiente para morrer com todas as incapacidades da velhice conservarão isso por toda a eternidade? Se pudéssemos compreender que o corpo etérico nunca envelhece, mas apenas o corpo físico, esta pergunta não seria feita. Quando o corpo velho e trôpego é deixado de parte, o duplicado etérico ergue-se, liberto do seu entrave físico exterior.

Os velhos morrem velhos apenas no sentido físico, mas entram na próxima vida jovens. Ali, a idade não se mede em anos, pois o tempo difere do nosso. Contamos o tempo pela revolução de um globo físico em torno de um sol físico, mas a mente individual, no mundo etérico, adquire com o tempo tal domínio sobre o corpo etérico que deformidades corporais podem ser removidas e curadas pelo pensamento.

Quando deixamos a nossa terra, entramos num novo meio onde o tempo, tal como o entendemos, não existe. A única experiência terrena que temos da relatividade do tempo é durante o sono. Em sonhos, passamos por experiências que, se despertos, nos levariam anos a realizar, mas quando dormimos acontecem em poucos minutos e, por vezes, em segundos.

Foi-me dito pelos meus instrutores na Etéria acerca de alguns que deixaram este mundo há mil anos e mais, e que só agora começam a apreciar o seu novo meio. Mas tais casos dizem respeito aos de baixo desenvolvimento neste mundo, que acham difícil adaptar-se às suas novas condições e ambiente. O homem e a mulher de inteligência média percebem o novo meio sem grande demora — alguns quase imediatamente —, assim que o corpo etérico passa para fora do invólucro físico, embora, com outros, possa levar dias ou semanas, segundo a nossa forma de medir o tempo.

O nosso corpo etérico é, em todos os aspetos, um duplicado do nosso corpo físico. Isto pode parecer estranho ao princípio, e foi-me difícil de apreender até entender o facto de o corpo etérico ser o corpo real na terra e de, desde o momento da conceção, ter agregado em torno de si matéria física, lenta na vibração. Caso contrário, não poderia ter funcionado no mundo físico, devido às suas vibrações mais finas e rápidas.

O corpo físico é apenas uma cobertura protetora do etérico durante a sua passagem pela vida terrena. Na realidade, as nossas verdadeiras mãos aqui são mãos etéricas revestidas por uma luva de matéria física, e assim com todas as outras partes do corpo. O nosso verdadeiro cérebro é o cérebro etérico, através do qual a mente funciona, e atua por seu intermédio estejamos neste mundo ou no próximo. A mente atua sobre o cérebro etérico, e o cérebro etérico sobre a cobertura material a que chamamos cérebro físico.

Os que fizeram a mudança chamada morte podem ver a nossa mente a trabalhar e estudar o nosso cérebro etérico a operar sob a influência da mente de um modo que nós não conseguimos. Dizem-me que é como olhar para um filme a cores, porque as diferentes vibrações que incidem sobre os nossos olhos fazem vibrar a mente, e são essas vibrações que chamamos visão e cor. Essas imagens formadas pela nossa mente podem ser vistas pelos Espíritos e, consequentemente, tudo o que pensamos pode ser lido por eles no mundo etérico com a mesma facilidade com que nós lemos um livro.

Somos realmente muito maiores do que pensamos, muito mesmo; a nossa mente, tal como se exprime através do cérebro físico, é muito limitada, e só quando libertos do físico compreendemos a sua grandeza. À nossa mente terrena chamamos mente consciente, mas ela, e aquilo a que chamamos mente subconsciente ou subliminar, formam a mente completa. A nossa mente consciente dirige as nossas atividades neste mundo, mas a nossa

mente maior funciona no próximo. Obtemos apenas vislumbres desta mente maior nos fenómenos ocasionalmente observados de telepatia, clarividência, clariaudiência e previsão e, nessas ocasiões, a subliminar sobrepõe-se à consciente por tempo limitado e depois retira-se.

Um dia, à medida que o homem se desenvolva, a subliminar poderá tornar-se cada vez mais um fator dominante, mas, nesta fase do nosso desenvolvimento, a sua intrusão é esporádica e confinada a poucos. Quando passamos além, as nossas memórias terrenas passam connosco, mas lentamente esbatem-se, e somos guiados e governados por essa mente maior que esteve connosco toda a vida, edificando os nossos corpos, desempenhando as suas funções internas e fazendo de nós o que somos, embora disso não tenhamos consciência.

Outro facto importante tem-me sido repetidamente enfatizado pelos meus informadores: o próximo é um mundo muito real; nada de flutuar em alguma nuvem alvíssima num estado desencarnado sem forma nem traço. Ali somos homens e mulheres, tal como aqui; "espírito" do mundo é apenas um termo terreno, e mau, por ser enganador.

Não só os nossos corpos etéricos são, em tudo, semelhantes aos nossos corpos terrenos, como são sólidos, reais e tangíveis para os seus donos, tal como os nossos o são para nós. Por exemplo, pode parecer estranho ouvir de um habitante desse mundo de matéria mais fina que tinha orgulho em manter as unhas polidas; mas, tendo ele unhas, porque não haveria de cuidar delas como nós cuidamos das unhas físicas? Só por ter descartado a cobertura física, a sua unha etérica não se torna menos real. Lembremo-nos de que, quando descartamos o físico, este se torna o irreal, e o etérico o real para a nossa consciência.

Temos muito a aprender sobre a matéria. Ela não deixa de existir quando se torna invisível aos nossos olhos físicos. Isto pode ser melhor compreendido tomando alguma água, aquecendo-a e observando o efeito. Primeiro, temos vapor parcialmente visível; depois, supervapor invisível. Invertendo o processo, podemos trazer o supervapor invisível de volta a água. Apesar de invisível, o supervapor continua a ser matéria. Tudo o que fizemos foi aumentar as suas vibrações e, depois, reduzi-las até termos novamente água. Os nossos corpos etéricos vibram a uma frequência para além da capacidade do olho físico captar, mas, em certas condições, quando libertos do corpo físico após a morte, essas vibrações podem ser diminuídas e, com o que se

chama ectoplasma emprestado ao médium, os órgãos vocais podem novamente fazer vibrar a nossa atmosfera em fala.

Nos últimos anos, aprendemos que o espaço não é um vazio, mas contém uma substância a que chamamos éter. Aqui habitam as miríades dos chamados mortos, num mundo que, para eles, é tão material quanto o nosso é para nós. Este mundo etérico é o mundo real, pois constitui a base de tudo quanto designamos por físico. Este mundo etérico é ao mesmo tempo uma condição e um lugar.

Circunda a nossa terra como os cinturões e zonas em torno do planeta Saturno, mas também a interpenetra, visto que a matéria física não integra esse mundo etérico. Aqui vivemos dentro dos limites das vibrações físicas; ali eles vivem dentro dos limites das vibrações para as quais os seus corpos etéricos estão talhados.

Para eles, tudo é tão natural como o nosso mundo é para nós aqui; têm casas, escolas, igrejas, campos, árvores, flores, música, roupas e todos os prazeres que a mente deseja. O laço familiar volta a unir aqueles que o afeto mantivera juntos na terra. Não há trabalho por dinheiro, e a ausência de dinheiro é quase a única coisa diferente desta terra. Tudo o mais, socialmente, é semelhante, pois as mesmas mentes que estavam na terra estão lá e têm os mesmos ideais e ideias que tinham aqui. Lá, porém, vivem num meio mais subtil, que podem moldar de uma forma impossível aqui na terra.

É a riqueza mental que se procura, pois os nossos pensamentos condicionam o nosso ambiente nesse plano seguinte de consciência num grau não percebido aqui. Os de baixa inteligência e de pensamento mau criam condições baixas e más, ao passo que os de pensamento puro e elevado têm condições adequadas aos seus pensamentos. Daí a importância de darmos a devida atenção ao desenvolvimento do nosso carácter nos justos moldes, aqui e agora, pois tal como deixarmos o físico assim entraremos no etérico.

Se não tivermos pensamentos nobres aqui, não os teremos lá. Se atravessarmos este mundo como a personagem de Bunyan, com uma forquilha de estrume na mão, olhando apenas para baixo, não conseguiremos olhar para cima lá. Só desfazendo os nossos erros se tornará possível o progresso com o tempo. Porque não viver, portanto, aqui, de maneira que o nosso avanço seja ao mesmo tempo firme e contínuo? Estamos, dia a dia, a construir a nossa futura morada; se os nossos pensamentos forem puros,

habitaremos com os puros; se forem maus, então a nossa morada será com os maus.

Cabe, portanto, a cada um, individualmente, viver aqui na terra de modo que a sua etapa seguinte na viagem seja, na verdade, mais um passo no caminho para a plenitude da sabedoria que, por muitos atalhos que trilhemos no erro, deveremos, se tivermos o desejo, alcançar no fim.

CAPÍTULO 16
CONCLUSÃO

Ser perfeitamente justo é um atributo da natureza divina; sê-lo quanto às nossas máximas possibilidades é a glória do homem. ADDISON.

Pergunto agora: que havemos nós de fazer de tudo isto? Terei sido vítima de uma grande fraude? Terá tudo o que registei — e muito mais — uma explicação normal? Será tudo quanto me disseram acerca do outro mundo uma mentira deliberada, ou jorros de uma mente altamente imaginativa? Terão todas as vozes sido a voz de Sloan, e terá ele personificado todas as pessoas que falaram? Terá ele algum meio maravilhoso de obter informações sobre os amigos falecidos dos que vêm ao seu círculo? Terá o poder de conhecer toda a gente, quer as tenha visto antes quer não?

Consegue ele ver no escuro e, embora as suas mãos e pés estejam controlados, consegue ele, na sala de sessões da Glasgow Society for Psychical Research, por algum meio, tocar muito levemente todos os presentes na face e nas mãos com a trombeta, usando muitas vezes duas trombetas ao mesmo tempo?

Terá alguma faculdade extraordinária de conseguir ler os nossos pensamentos no escuro e responder às nossas perguntas antes de as termos formulado? Algumas experiências simples provaram que isto é impossível. Não preciso de fazer uma pergunta em voz alta; os meus amigos no mundo etérico podem ler a pergunta na minha mente e respondê-la, ou dizer-me em que estou a pensar.

Isto acontece muitas vezes quando não me estão a falar. Posso estar sentado em silêncio à espera que uma voz fale e a pensar em algo totalmente alheio ao meu meio, e uma voz falar-me-á sobre o assunto dos meus pensamentos. Isto, por si só, é prova positiva da presença de uma personalidade com

poderes superiores aos de qualquer ser físico, e o facto de ocorrer no escuro torna-o tanto mais notável. Talvez fosse possível a um ser humano, com a faculdade dedutiva de um Sherlock Holmes, ter alguma ideia dos nossos pensamentos à luz do dia, pelo estudo das expressões faciais; mas no escuro, nunca.

Estará Sloan realmente não em transe e, além de manipular as trombetas e personificar vozes através delas, estará, ao mesmo tempo, a assumir ele próprio diferentes personalidades, de tal modo que tenhamos duas personalidades a falar que não são outras senão o próprio Sloan? Ouvi trinta vozes separadas falar durante uma sessão, cada uma de timbre e de personalidade diferentes. Além disso, como pode ele descrever com tanta exatidão a aparência dos espíritos que afirmam falar?

Será tudo uma grande fraude e terei eu, e outros, sido vítimas de uma grande conspiração? Se assim for, é, sem dúvida, a mais engenhosa performance alguma vez realizada. É necessário um trabalho infinito e também um dispêndio considerável para recolher toda a informação — e com que finalidade? O trabalho de Sloan leva-o a sair às 7 da manhã e ele não regressa a casa antes das 6 da tarde. Quando pode ele encontrar tempo para tais investigações exaustivas?

Salvo na ocasião referida no Capítulo IV, ele nunca, que eu saiba, recebeu dinheiro por todo este tempo e esforço da sua parte. Será ele insano nesta questão e, por um mórbido amor da notoriedade, levará por diante esta farsa? Se assim for, porquê tão reservado, porquê tão ansioso, em todas as ocasiões, por esconder a sua luz debaixo do alqueire? Por que razão não quer ser apresentado àqueles a quem chama "os meus grandes amigos"? Por que prefere a quietude e o estar sozinho a realizar sessões? E por que, de tempos a tempos, se inscreve e vai por meses para o mar, onde nunca ouve nem fala de Espiritualismo?

Tenho-me colocado centenas de perguntas, de quando em quando, no meu esforço por encontrar uma explicação. Será telepatia? Se assim for, como explicar o episódio de Eric Saunders, e dezenas de outros? E, em todo o caso, como pode a telepatia produzir uma voz à parte do médium? Serei eu vítima de alucinações? Se assim for, a minha estenógrafa e todos os presentes também o são, e uma alucinação coletiva, a decorrer durante vinte anos, como tem sucedido com alguns dos amigos de Sloan, é impensável, pois o

que um ouve todos ouvem nessas sessões. Muitas vezes ouvi espíritos falarem uns com os outros, e responderem-se, durante a sessão.

E a criptaestesia — memórias ocultas, ou a perceção de realidades por vias extrassensoriais? Poderá uma memória, ou a perceção de realidades por meios extrassensoriais, produzir uma voz? Poderá a minha memória oculta, ou a sua perceção extrassensorial, tornar Sloan capaz, normalmente ou supranormalmente, não só de descrever corretamente o meu amigo falecido, que ele nunca conheceu, mas também de produzir a sua voz — que eu reconheço —, voz essa que me diz coisas que eu nunca ouvira antes, mas que depois verifiquei serem verdadeiras?

Porque razão, se assim for, dizem tais manifestações respeito apenas aos que passaram adiante, aos chamados mortos? Ainda: porque motivo alguém na vida etérica traz outros para falar que tu e eles conhecestes na terra e, por vezes, traz aqueles que tu não sabias serem seus amigos, mas que depois descobriste que o eram? Como pode um médium conhecer, normal ou supranormalmente, não só os teus próprios amigos que passaram adiante, mas também os amigos deles, na Etéria — que eram teus e deles neste mundo —, ou apenas deles, totalmente desconhecidos para ti até serem confirmados por indagação posterior?

Nada que eu possa imaginar, além de fraude ou realidade, me explica satisfatoriamente tudo quanto experimentei. Fraude, conhecendo o Sloan e os factos como os conheço, excluo-a. A prova circunstancial a favor da realidade é esmagadora. Ninguém seguiu as ações e as palavras de Sloan, em transe e fora dele, mais criticamente do que eu. E, em todos estes anos em que o conheço, nunca, por palavra ou gesto, fez ou disse algo que me tornasse, no mais pequeno grau, desconfiado quanto aos seus motivos.

Sloan é um homem de altos princípios, íntegro, religioso, sem grande instrução e de inteligência média. Um bom trabalhador, mas não um estudioso. O seu leque de leituras é muito limitado. Disse-me uma vez que raramente lera um livro na vida, devido à fraca visão. Nunca vi um livro em sua casa, embora tenha estado em todos os seus aposentos, e apenas uma vez um jornal vespertino. Não tem a capacidade de manter uma sessão, tal como descrevi, de forma normal, durante dez minutos, mesmo que o quisesse fazer. Desgosta-me referir fraude em relação a um homem de princípios tão elevados, mas outros não o conhecem como eu, e, para os que

não tiveram as experiências que eu tive, a fraude é a explicação mais simples e mais óbvia.

Excluo a fraude, excluo a telepatia, excluo a criptaestesia. Volto sempre à única explicação que se ajusta a todos os factos, a saber: que aqueles que supúnhamos mortos continuam vivos; que têm corpos como nós temos, de textura mais fina do que os nossos corpos físicos; que habitam um mundo de matéria mais subtil do que a nossa; e que certos indivíduos, chamados médiuns, lhes podem fornecer uma substância que, quando misturada com ingredientes próprios, lhes permite, de novo e por tempo limitado, assumir condições físicas e, com as suas memórias, afetos e carácter incólumes, tornarem a conversar com os seus amigos ainda na terra.

A minha mente permanece aberta a outras explicações que a ciência possa oferecer; mas, até agora, a ciência não me deu outra explicação que se ajuste a todas as evidências. Na verdade, a ciência, até recentemente, pouco tem pensado nos fenómenos que descrevi. A London Society for Psychical Research passou anos a estudar fenómenos mentais, e este fenómeno de voz independente — igualmente, se não mais, importante no que respeita à identidade pessoal — nunca, que eu saiba, foi oficialmente investigado.

Deveria ser perfeitamente possível isolar a máscara materializada de modo a poder registar-se o seu peso e compreender-se melhor a sua construção e funcionamento. Devemos aprender as leis que regem o fenómeno. Há um vasto campo diante do investigador, e confio em que o que escrevi encoraje alguém com mente científica a prosseguir estas investigações até um ponto que torne claro o que hoje é obscuro, pois é essencial uma compreensão científica aprofundada do fenómeno.

O que antecede é um registo fiel das minhas experiências, e limitei-me a cumprir o meu dever ao registá-las. Alguns poderão aceitá-las; outros, suspender o juízo; muitos, sem dúvida, descrer, argumentando que, sem engano, tais coisas não podem ocorrer. Respondo aos críticos em termos muito semelhantes aos de Pasteur aos que se opunham às suas descobertas com base em argumentos a priori:

"Em tudo isto não há questão de religião, nem de filosofia, nem de ateísmo, nem de materialismo, nem de espiritualismo; é inteiramente uma questão de facto." Os factos estão aí, e recusar enfrentá-los não os altera. Se alguém construiu um sistema de crenças que se opõe a estes factos, esse sistema tem de ser mudado para se ajustar aos factos, porque os factos não se

mudarão para se ajustarem a qualquer sistema particular de crenças. A Ciência e a Religião, com a aceitação destes factos, serão, creio, unidas, e a humanidade dará um passo imenso em frente no desenvolvimento intelectual, de tal modo que a família humana ficará unida num vínculo de fraterna harmonia.

Posso agora, com segurança, deixar o futuro trazer provas cumulativas em apoio das minhas afirmações, de modo que chegará o dia em que descrer da realidade dos fenómenos psíquicos será apenas invocar ignorância, e zombar será tido por tolice. Entretanto, o mundo compõe-se dos que não pensam profundamente em tais assuntos, ou, se pensam, dão-se por satisfeitos de que nada mais há a aprender e de que tudo quanto podemos saber do universo já é conhecido; e, por outro lado, dos que aprenderam algo do que existe para além do véu pelos que nos precederam e, em consequência, alargaram a sua visão. Como tão apropriadamente diz Mrs. Browning:

A Terra está repleta de Céu
E cada humilde arbusto em fogo de Deus,
Mas só quem vê descalça as sandálias.

John Campbell Sloan passou serenamente na quinta-feira, 24 de maio de 1951, com 82 anos. Durante quase 50 anos colocou a sua mediunidade ao serviço da humanidade sem pedir recompensa nem louvor. Muitos alcançaram uma nova perspetiva e receberam esperança renovada com conforto, porque ele viveu. Com toda a humildade e modéstia, deu livremente e nada esperou.

APÊNDICE

188 FACTOS DADOS EM DUAS SESSÕES

CONSECUTIVAS A ARTHUR FINDLAY

A minha mãe morreu a 3 de fevereiro de 1936, e penso que os leitores de À BEIRA DO ETÉRICO se interessarão por ler o relato do seu regresso pouco depois da morte. Isto ocorreu em duas sessões, uma em Glasgow e outra em Londres.

Estas duas sessões produziram o que considero provas de primeira ordem, que vieram através dos médiuns em transe e não por Voz Direta. Não foi cometido um único erro; tudo estava correto, havendo declarações que eu desconhecia e que mais tarde se verificaram corretas. Em ambos os casos, os

médiuns não poderiam ter feito quaisquer indagações prévias e estou totalmente satisfeito de que nenhum deles soubesse que a minha Mãe havia morrido.

Tomaram-se notas no momento das sessões.

Tomando em conjunto as sessões com os dois médiuns, foram-me dados 188 factos que estavam corretos. Não houve enganos, nem adivinhações. Tudo foi dito de forma direta. Nada foi vago. Tudo quanto foi dito estava correto e claramente enunciado. Para que o leitor compreenda melhor, coloquei no fim de cada parágrafo as cifras 1, 2 ou 3, consoante o número de afirmações corretas proferidas que o médium não poderia conhecer. Quando é feita uma afirmação correta, encontra-se a cifra 1 no fim do parágrafo; quando duas afirmações corretas foram feitas, a cifra 2, e assim por diante.

Se o leitor somar todas, verificará que foram feitas 188 afirmações corretas nas sessões realizadas a 9 e 12 de fevereiro de 1936, e que nada do que foi dito estava errado. Assim, o registo destas duas sessões pode ser lido de ponta a ponta sem contestação.

SESSÃO COM MRS. BERTHA HARRIS, EM GLASGOW, A 9 DE FEVEREIRO DE 1936

A Sra. Bertha Harris chegou a Glasgow vinda de Chester na noite de 8 de fevereiro e foi para a Holland Street Spiritualist Church, onde lhe foi dado um quarto e uma sala. O meu irmão John e eu, sabendo que ela estaria em Glasgow no domingo, 9 de fevereiro, fomos de automóvel desde Ayrshire e chegámos às 11 horas da manhã. Não fora marcada qualquer consulta prévia e subimos ao quarto da Sra. Harris, batemos e foi-nos pedido que entrássemos. Eu só tinha encontrado a Sra. Harris uma vez, anos antes, após uma palestra que proferi em Leicester, mas ela não me reconheceu. Lembrava-se do John, meu irmão.

Depois da sessão com a Sra. Harris, perguntei à Sra. Drysdale, a governanta que dela cuidava, se ela lhe mencionara a morte da minha Mãe. A Sra. Drysdale disse: "Não."

Quando entrámos no quarto da Sra. Harris, ela veio cumprimentar-nos e disse que estava contente por nos ver. Sentámo-nos sem mencionar que vínhamos para uma sessão, mas como se tivéssemos vindo apenas fazer-lhe uma visita de passagem, o meu irmão dizendo que, ao saber que ela estava em Glasgow, apenas quisera vir apertar-lhe a mão.

Depois de algumas palavras de conversa geral, a Sra. Harris falou-nos assim:

"Parece que trazem hoje convosco uma atmosfera de tristeza." Depois fez uma pausa. "Alguém partiu na última semana. Uma senhora, baixa, curvada, idosa. Eu diria com cerca de oitenta anos de idade. Muito chegada a vós. A Nellie traz-a consigo." (10)

Passo agora a resumir o que a Sra. Harris ainda tinha a dizer, mas ela tinha muito mais para nos contar quando chegou a hora de descer e fazer o serviço na igreja. Assim, disse: "Voltem depois do serviço, e talvez consigamos obter mais." Refiro isto porque, na sessão que tive com a Sra. Abbot em Londres, poucos dias depois, foi feita referência a duas ocasiões separadas em que a minha Mãe comunicou, o que era correto. A Sra. Harris não teve oportunidade de se informar sobre a minha Mãe, pois desceu comigo e, mal saiu da plataforma, juntou-se a mim e ao meu irmão e voltámos ao quarto com ela. O que foi dito em ambas as sessões fica agora incorporado abaixo, como se tudo tivesse ocorrido ao mesmo tempo.

A Sra. Harris entrou em transe e o seu espírito de controlo falou do seguinte modo: "A senhora não sentiu surpresa quando passou, apenas uma grande alegria por tocar a mão do querido Robert." (1)
O controlo da Sra. Harris referiu-se então a Robert (o meu Pai) a recebê-la quando passou e também "a um velho cavalheiro que falecera recentemente". "Esse velho cavalheiro deu-lhe as boas-vindas, mas agora está a tomar conta de outra pessoa" (Annie, a irmã dele, recém-falecida). "A senhora dá o seu nome como Margaret, e a Nellie" (a esposa falecida do meu irmão) "diz: 'Tal como vim e trouxe o velho cavalheiro a Glasgow e depois a Londres, assim trarei a tua Mãe a ti em Londres, como a trouxe esta manhã.'" (6)

(Esta referência diz respeito à Nellie ter trazido o meu tio a Glasgow no dia antes do funeral para falar com o John e depois, mais tarde, para falar com o John em Londres.)

"A senhora menciona Mary e Elizabeth. Manda-lhes a ambas o seu amor e gratidão. Mencionou-as no testamento, concedendo-lhes reconhecimento. É um reconhecimento em dinheiro." "Gosto sempre de pagar as minhas dívidas", diz ela. "Procurei retribuir-lhes toda a bondade que tiveram para comigo." "A sua última lembrança consciente na terra foi a Mary e a Elizabeth a seu lado." "A Elizabeth acariciou-me a mão e o rosto com a sua mão. Estava sozinha comigo na altura!" (9)

Perguntei então: "Viste a tua velha amiga da escola?" e a resposta foi: "Sim, Annie, mulher grande. Quase enchia a ombreira da porta." (2)

"A tua Mãe fala de uma rosa vermelha que foi colocada na sua mortalha no caixão, sobre o peito! Ela diz: 'O vermelho é a minha cor preferida, mas porque não puseram a rosa na minha mão?'" (5)

"A tua Mãe tinha mãos e pés muito pequenos; orgulhava-se dos pés pequenos, calçava o número dois!" (4)

A médium prosseguiu: "A filha do Arthur, diz-me a tua Mãe, é jovem e alta, mas não estava presente quando a tua Mãe partiu, porque estava fora de casa nessa altura!" (5)

"A tua Mãe menciona os rapazes do John, um deles, de dezassete anos, é alto; o outro, Arthur — não este Arthur" (apontando para mim) — "preocupa-me mais. Cumpre o que ela aconselha e impulsiona-o para a frente!" (5)

"A tua Mãe menciona várias pequenas lembranças que deixou a pessoas, com cartões anexos com mensagens e nomes. A prenda da filha do Arthur é um colar!" (4)

"A tua Mãe pede-me que te diga que tentou manter-se consciente até tu, Arthur, e a Gertrude chegarem. Vocês apressaram-se desde muito longe. Ela não conseguiu manter-se consciente, mas, enquanto o esteve, continuou a pensar na vossa vinda." (4)

O controlo da médium falou então ao John, dizendo que ele tivera recentemente o aniversário, mas que ainda não comprara a prenda da Mãe. Primeiro dissera a ela que não compraria um livro, e depois mudara de ideias e decidira comprar um. (4)

"Ela diz-me," continuou o controlo, "que os livros do John estão a tornar-se numerosos e que a sua biblioteca está a ficar como os lenços da Nellie." Depois acrescenta que o John meteu um papel no bolso do colete e que isso tinha a ver com esse livro." (5)

(A referência aos lenços da Nellie foi certeira, porque a Nellie, quando esteve doente, comprou tantos lenços de uma vez que isso virou piada. Quanto ao John ter metido um papel no bolso do colete, ele fizera-o nessa manhã para se lembrar de encomendar o livro na banca da Igreja.)

"A tua Mãe menciona algo no quarto dela com uma pequena gaveta única, onde há papéis que vos interessarão a ambos." Quando dissemos que não conhecíamos tal coisa, mencionou um molho de chaves e dissemos que não sabíamos nada desse molho de chaves. (5)

(Quando regressámos a casa, olhámos pelo quarto e vimos o nécessaire, que era uma caixa de mogno de cerca de 45 por 38 cm. Não a conseguíamos abrir porque estava trancada, e pedimos a chave. Esta estava num molho de chaves. Abrimos o nécessaire e, após examinarmos o interior, encontrámos uma mola que libertava uma gaveta única, onde achámos bastantes papéis de interesse. Se não nos tivessem falado desta gaveta, é improvável que alguma vez tivéssemos encontrado esses papéis.)

A médium referiu-se depois à minha Mãe ter dores no estômago e fraqueza de coração, bem como náuseas. Referiu também ter joelhos fracos. Depois referiu um olho muito problemático: "Não cega, percebes, mas dorido e incómodo. Ela faz assim." (A mão da médium subiu ao olho, como a minha Mãe fazia continuamente quando o olho a incomodava, o dedo direito descrevendo um círculo em volta do olho.) (8)

"A tua Mãe morreu de algo errado aqui!" (A médium pousou a mão no estômago.) "O teu Pai morreu de algo aqui!" (Pôs a mão no apêndice.) "A tua Mãe deixou três adultos e três crianças." (Eu, o meu irmão, a minha mulher, a minha filha e os dois filhos do John.) (4)

"A tua Mãe gostava muito da Bíblia, e de uma pequena igreja aldeã antiga com um sino num campanário pontiagudo. Ela conseguia ouvir o sino a tocar desde casa." (5)

"A tua Mãe amava as colinas, mas agora vê colinas como as que podia ver de casa!" (2)

"A tua Mãe encontrou o Dr. Lamond; mal o reconheceu porque está com ar muito mais jovem do que quando o viu pela última vez!" (2)

"A tua Mãe faz referência a um retrato da Nellie em cima do piano, numa sala de teto alto com um friso à volta. É um retrato a cores!" (5)

"A tua Mãe disse que, durante o serviço religioso recente, o Arthur avançou até à ponta do banco, e ela veio sentar-se ao lado dele." (1)

(Isto é correto quanto a eu me ter chegado à ponta do banco mas, quando o fiz, a médium estava em transe na plataforma e não me podia ter visto. De

qualquer modo, eu estava bem atrás na igreja. Isto foi dito na sessão que tivemos depois do serviço.)

Tudo o que foi dito na sessão que tivemos após o serviço decorreu com a médium em transe. A Sra. Harris, pouco antes de partirmos, ao despedir-se, mencionou que, antes de chegarmos, recebera uma mensagem que não compreendera. Ao vestir-se naquela manhã, a Nellie aparecera-lhe e dissera que o Arthur e o John a viriam ver nessa manhã. Ela não sabia quem eram o Arthur e o John, mas contou-nos esta mensagem como curiosidade.

Tudo o que fica acima relatado aplica-se inteiramente à minha Mãe e às outras pessoas mencionadas. Foram dados noventa e seis factos que a médium não poderia conhecer. Não houve uma única afirmação incorreta ou sequer duvidosa.

SESSÃO COM A SRA. ABBOT, EM LONDRES, A 12 DE FEVEREIRO DE 1936

Na data acima, tive uma sessão com a Sra. Abbot, numa sala privada da London Spiritualist Alliance. A Sra. Abbot entrou rapidamente em transe e o seu controlo declarou que estava presente uma senhora idosa, entre setenta e cinco e oitenta anos, pertencente a mim. "Tinha falecido recentemente." (3)

"Entre os que a aguardavam estava um tio clérigo que, quando na terra, achava que o Espiritismo era obra do Diabo. Era um ministro ardoroso e usava um capucho vermelho, mas agora abandonou as ideias tolas que pregava." (4)

"O teu Pai e a tua Mãe estão ambos no mundo espiritual e mandam-te o seu amor. Tudo vai bem com a tua Mãe. Esta não é a primeira vez que ela voltou até ti, pois já voltou em duas ocasiões antes, mas na primeira não conseguiu comunicar bem; na segunda, conseguiu dizer o que queria muito bem." (4)

"A tua Mãe aprendeu muito sobre a vida futura contigo (Arthur) antes de morrer. Sente-se agora muito mais jovem. Encontrou a Nellie. O teu Pai está muito feliz por a ter consigo. O teu Pai nunca te poderá agradecer o suficiente por tudo o que fizeste pela tua Mãe. Isso será retribuído nos anos vindouros. Tens muitos anos pela frente, e ele alegra-se por as pessoas te admirarem. Ele aprova os teus livros." (3)

"A Mãe da Nellie também está aqui, mas acha muito difícil compreender as novas condições. Vai demorar muito a compreendê-las, porque estava tão apegada à terra e às coisas da terra." (2)

"Durante muito tempo, a tua Mãe foi contra as tuas ideias e não acreditava no que acreditavas. Embora estivesse muito orgulhosa dos seus dois filhos, estava tão presa ao que lhe ensinaram na infância que não conseguia conceber que as coisas pudessem ser diferentes do que então aprendera. Sente-se agora muito humilde e submissa e já não é tão opinativa como era na terra." (5)

"A tua Mãe viu a Nellie pouco antes de partir. O teu Pai também a aguardava. Quando ela chegou aqui, o teu Pai disse-lhe: 'Que achas disto tudo?' ao que ela respondeu: 'Suponho que estou morta, mas nunca me senti como a morrer.' O teu Pai respondeu: 'Nunca estiveste morta e nunca estarás morta.' O teu Pai deitou-a na cama para descansar quando aqui chegou."

"Durante semanas antes de falecer, a sua mente estava muito esquecida. Estava a perder a ligação com a vida terrena. Adormeceu suavemente. Quando aqui chegou, não ficou tão surpreendida como muitos ficam, por causa do que lhe tinhas dito. Durante anos antes de partir, as pernas estiveram mal, mas agora sente-se novamente muito jovem, e a grande liberdade de movimentos é uma das coisas que mais a impressiona na sua nova vida. Agora tem um jardim muito mais bonito do que tinha na sua própria casa." (6)

Depois fez-se referência aos dois rapazes. "São filhos do Ian." (Ian é gaélico de John, e é o seu nome em casa.) "Um chamava-se Arthur, mas o nome foi mudado, devido à confusão contigo, para um nome ligado à família. A tua Mãe opôs-se à mudança no início, mas agora acha que foi boa ideia mudar o nome." (6)

Depois fez-se referência ao mobiliário dela e "esperava que os móveis grandes não fossem vendidos." (1). (Esse era o desejo dela em vida.)

Seguiu-se referência a velhos papéis de família e a antigas fotografias de família. "Não são tralha velha e, embora não te interessem, devias guardá-los." (3). (Certo. Ela sabia que eu não me interessava especialmente por isso e, em vida, fez-me esta observação, com estas palavras.)

"O pai dela", disse, "era parecido contigo de feições. Ele avançava onde os anjos receavam pôr o pé. Muito severo e, por vezes, ela tinha receio dele,

mas tinha-o em grande consideração, como ninguém deixaria de ter. Ela é-lhe muito afeiçoada." (7)

Depois referiu uma visita de anos recentes a Bournemouth, que eu tinha esquecido, e assim o disse, mas ela afirmou que estava correto e agora lembro-me de que, uns anos antes de morrer, a minha mulher e eu ficámos com ela num hotel em Bournemouth durante alguns dias. (1)

"A tua Mãe está muito agradecida à Nellie pela sua bondade desde que chegou, e por a ajudar a voltar e falar contigo. Nunca poderia imaginar que a Nellie lhe pudesse ter sido de tamanha ajuda. Foi exatamente como uma enfermeira. A tua Mãe nem sempre foi muito simpática com a Nellie e costumava culpar o Ian por a estragar, mas não o fará mais, pois a Nellie bem o merece. A Mãe da Nellie também não costumava ser muito simpática com ela. A tua Mãe está igualmente muito grata à Gertrude (minha mulher) por toda a sua bondade, que muito apreciou." (6)

Depois referiu a bonita enfermeira que cuidou dela. Disse que gostava muito dela. Gostava também de beber o pózinho (misturado) pouco antes de partir, porque lhe deixava a boca limpa e aliviava o incómodo. (4)

Perguntei então à minha Mãe o que significava G.W.G.

"O controlo afirmou que ela estava a rir e que, embora não pudesse explicar o que as iniciais significavam, já não era isso agora. Estava a ter de ficar discreta e a não dizer muito, pois sentia-se algo subjugada depois de todas as opiniões que dera em vida. Disse que já não era uma G.W.G." (5). (Certo. G.W.G. significava 'Great Wee Girl' ['Grande Pequena Rapariga'], como a chamávamos quando se tornava opinativa.)

"A tua Mãe era muito autocrática, mas caseira. Não gostava de ser posta de lado, gostava de sentir que era alguém na casa. As pernas estavam-lhe algo más para o fim, mas agora pode andar e sente-se viva e fresca. Amava tanto a sua casa de campo e o seu jardim, mas agora está num lugar onde não há nevoeiro nem cinzentismo. Três meses antes de partir a vista piorou-lhe, mas agora vê nítida e mais longe do que antes." (6)

"Ela traz uma bengala e diz que já não precisa de bengala. Isto é simbólico do seu olhar religioso. O que lhe disseste acerca da sua religião era verdade. Quando despertou do outro lado viu uma luz brilhante que pensou ser Cristo, mas era o teu Pai. Levará algum tempo até compreender tudo o que lhe

disseste, mas a sua perspetiva está agora muito mais luminosa do que alguma vez esteve." (2)

"Fica contente por os dois rapazes do Ian estarem a ir tão bem e quer que cuides da criada que tanto tomou conta dela. A Mary teve de aturar tanto dela e foi sempre tão meiga e paciente. Não a descartes, mas mantém-na na família." (7)

O controlo da Sra. Abbot disse então que gostaria que a Nellie controlasse ela própria a médium. A Nellie falou então comigo, tratando-me sempre por Arthur. Estendeu a mão (a mão da médium) e apertou-ma. Começou por dizer: "A tua Mãe está bem." Disse: "Só queria que a minha própria Mãe tivesse uma visão mais clara das coisas, mas infelizmente ficou retida no plano astral por causa do seu egotismo, do gosto pela subserviência e por ter sempre pessoas a curvarem-se perante ela e por amar ser o centro de tudo." (5)

"O teu Pai pediu-me para te dizer que, se fores ao Sloan, ele tentará fazer com que a tua Mãe te fale pela voz direta." A Nellie disse então: "Gostava que o meu querido Ian fosse contigo ao Sloan para eu poder falar também com ele."

Prosseguiu a Nellie: "A tua Mãe esteve consciente quase até ao fim e passou sem sofrimento e de forma muito natural.

A tua Mãe está muito mais disposta a aprender sobre a sua nova vida do que a minha Mãe. É triste para mim não poder estar mais com ela, pois ela não consegue elevar-se ao plano em que vivemos, mas um dia isso há de chegar." (1)

Em resposta a uma pergunta, a Nellie disse: "Sim, vivemos logo acima de vocês e podemos vir até vós instantaneamente. Temos uma luz muito brilhante e difusa, muito mais agradável do que a luz do vosso sol, porque não é tão ofuscante."

Depois referiu-se ao Jack, que, "devido ao remorso e à vergonha que sentiu pelo que fez, se elevou para estar connosco. Nunca foi mau de coração; na verdade, era um homem muito caloroso e bondoso. Enquanto não sentiu vergonha e remorso, não pôde elevar-se até onde estamos; mas assim que isso lhe sobreveio, e viu os seus erros, pôde conviver connosco. É verdade que fez coisas muito estranhas que pareciam egoístas, mas não era egoísmo verdadeiro. Era um homem de bom coração." (7)

Falou depois do pai dela, que estava com ela, e disse: "O amor do dinheiro e dos bens da terra não o estragou como estragou a minha Mãe." (2)

Disse depois a Nellie: "A tua Mãe terá de desaprender todas as suas ideias religiosas passadas, mas fá-lo-á depressa sob a orientação do teu Pai."

A Nellie falou então acerca das condições lá, sublinhando que o mundo deles é muito parecido com o nosso. Disse que, quando chegou, viu primeiro uma bela quedinha de água e foi pôr a mão debaixo dela. Quando tirou a mão, estava completamente seca e não sentiu a água. Quando toma banho no mar deles tem todo o prazer e exaltação do banho, mas nunca fica molhada e sai da água completamente seca.

Em resposta a uma pergunta, confirmou o que já me tinham dito: que, para voltarem à terra, eles vêm através da sua própria superfície, mas é apenas uma questão de sintonizar com as vibrações dos diferentes níveis de superfície. Sim, tinham cidades e aldeias e tudo era muito belo e nunca havia escuridão.

A sessão durou uma hora e meia. Quando a Sra. Abbot saiu do transe, perguntei-lhe se conhecia o meu irmão e ela disse "Não." Reconheceu-me porque me tinha visto a circular no edifício da London Spiritualist Alliance, mas disse que nunca, que soubesse, tinha conhecido o meu irmão, o que confirma o que ele me dissera: que a Sra. Abbot não o conhecia.

Sendo assim, a informação dada é tanto mais interessante, especialmente a história da Nellie pôr a mão debaixo da queda de água, porque a Nellie contou ao John a mesma história através de outra médium.

A Sra. Abbot disse, após sair do transe, que desconhecia por completo que a minha Mãe tinha falecido recentemente, e não vejo como poderia ter sabido disso ou conhecido tal facto, pois, depois da sessão, mencionei-o a uma ou duas pessoas na London Spiritualist Alliance que não tinham ouvido falar do assunto. Foi referido apenas uma vez no The Times, mas, mesmo que a Sra. Abbot o tivesse visto, não vejo como poderia ter ligado o nome dela a mim; de facto, estou certo de que nunca soube que a minha Mãe tinha morrido.

A sessão foi marcada pelo Secretário do International Institute for Psychical Research, mas sem dar nome. Sendo assim, a Sra. Abbot não teve oportunidade de fazer indagações e, quando cheguei para a sessão, subi ao quarto e encontrei-a à espera. Disse que tinha uma marcação com alguém às

duas horas, mas não sabia com quem, e eu disse-lhe que era a pessoa para quem a marcação fora feita.

Tudo quanto fica acima declarado é correto e aplicável à minha Mãe e aos demais mencionados. Foram dados noventa e dois factos nesta sessão, nenhum dos quais a médium poderia conhecer. Se, pois, somarmos os factos dados nas duas sessões, encontramos noventa e seis factos dados na sessão de 9 de fevereiro de 1936 e noventa e dois factos dados na sessão de 12 de fevereiro de 1936, perfazendo cento e oitenta e oito no total.

Nenhuma das afirmações feitas foi incorreta ou sequer duvidosa. Os assuntos tratados neste livro são considerados mais plenamente em A ROCHA DA VERDADE, O UNIVERSO EM DESDOBRAMENTO e OLHANDO PARA TRÁS.

O livro do Sr. Findlay, ONDE DOIS MUNDOS SE ENCONTRAM, regista muitas conversas textuais entre este mundo e o próximo na presença de John Sloan. Centenas de vozes diferentes do outro mundo falaram por meio da Voz Direta, permanecendo o Sr. Sloan normal e tomando parte na conversa. Tudo quanto foi dito de ambos os lados foi registado no momento por uma estenógrafa perita e rebatido de imediato.

Este livro é um dos registos mais convincentes existentes de que a vida continua após a morte. Além de fornecer muita informação interessante sobre o outro mundo e como lá vivem, leva-nos a perceber quanto os nossos amigos continuam interessados em nós e quanto anseiam falar-nos e dizer-nos que continuam vivos.

O afeto deles por nós é tão grande como quando estavam na terra. São dadas descrições vívidas do outro mundo — como vivem, onde vivem, o que pensam —, além de muitas provas das suas personalidades sobreviventes.

FIM